Vol. 1

P

BOLETIM DO CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS E DE EXECUÇÃO ESPECIALIZADA

ANOS DE 1963 - 1966

1 9 7 0

Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial

PÖRTO ALEGRE

Compilação, organização e revisão :

Psicólogo
CAROLINA CARVALHO

Técnico em Educação
HILDA MARIA PASQUALI

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Eng.º ILDO MENEGHETTI

Secretários de Educação e Cultura

Prof.ª ZILAH MATTOS TOTTA

Deputado ARIOSTO JAEGER

Deputado LAURO LEITÃO

Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais

Técnico em Educação ALDA CARDOZO KREMER

Assistentes de Direção

Psicólogo CAROLINA CARVALHO

Técnico em Educação FANNY D. GARCIA

Técnico em Educação FLORISBELA BARBOSA FARO

Psicólogo LEDA RIBEIRO SOEIRO

FUNCIONÁRIOS DO CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS E DE EXECUÇÃO ESPECIALIZADA QUE PARTICIPARAM DOS TRABALHOS PUBLICADOS NO PRESENTE BOLETIM:

Diretora do CPOE
ALDA CARDOZO KREMER — Técnico em Educação

Diretora da Divisão de Pesquisas
LEDA R. SOEIRO — Psicólogo

Chefe do Serviço de Pesquisas
INÁ SILVA — Professôra

TÉCNICOS EM EDUCAÇÃO:

Dalva da Rosa Dupuy
Dulce Rosa Fernandes
Fanny D. Garcia
Flávia Ciaglia
Hilda Silva
Itália Z. Faraco
Marina Ciula Bohngahren
Sydia Sant'Anna Bopp
Yandir Martins Santos

PSICÓLOGO:

Juracy B. Leonardo

PROFESSÔRES:

Adolfo Del Rio
Amália Soares
Amélia Bulhões
Anne Marie Schaan
Carmem Eunice Ribeiro
Doroty A. F. de Moniz
Dulce F. Silveira
Elda Souza
Irma D. Martins
José Barreto
Josina R. Ribeiro
Laura Picot
Margarida Sirângelo
Maria Elena de A. Nunes
Maristela Lampert
Neide Uchôa Xavier
Nelcy Lizardo
Nely Schmidt
Nilka S. Fontoura
Norma Maria dos Santos
Sueny Barbosa
Terezinha de Jesus Bidone
Teresinha D. Pillar
Zilah Abrantes
Zuleika B. dos Santos

INTRODUÇÃO

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e de Execução Especializada, órgão técnico da Secretaria de Educação e Cultura, iniciou suas atividades de orientação técnico pedagógica às escolas do Estado, como Secção Técnica da Diretoria Geral da Instrução Pública, criada em 1929, pelo Decreto 4258 de 21 de Janeiro de 1929 e funcionando com o seguinte quadro:

1 Inspetor do ensino normal e complementar
1 Inspetor de educação física
10 Inspetores técnicos de ensino elementar
3 Inspetores médicos
5 Inspetores dentários
2 Enfermeiros escolares

Em 1938, o Decreto 7646 de 30-12 criou o cargo de Diretor da Secção Técnica, na administração do Dr. José Pereira Coelho de Souza.

Em 1941, Decreto-lei 155 de 20 de novembro, foi reorganizada a Secção Técnica, ampliando-se suas atribuições e criando-se novos cargos:

1 Assistente Técnico
7 Auxiliares Técnicos

cujo provimento foi regulamentado pelo Decreto 485, de fevereiro de 1942. As designações caberiam a elementos de notória especialização, integrantes do magistério público primário.

Em 1942, o Decreto-lei 246, de 13 de outubro, deu nova organização a então Secretaria de Educação e Saúde, transformando a Secção Técnica em Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, subordinado ao Departamento de Educação Primária e Normal.

Em 1953, pelos Decretos 3856, de 11 de fevereiro e 4207, de 10 de outubro foram regulamentadas as atribuições do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, na administração do Dr. José Mariano de Freitas Beck.

Em 1967, pelo Decreto 18.404 de 27 de janeiro, foram alteradas e ampliadas as atribuições do órgão técnico da Secretaria de Educação e Cultura que passou a denominar-se Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e de Execução Especializada, na administração do Dr. Lauro Leitão.

Sua finalidade é a de realizar estudos e pesquisas para fundamentar, em bases científicas e técnicas, o trabalho escolar, bem como promover o aperfeiçoamento do ensino, executando, também, serviços de televisão, rádio e cinema educativos.

O CPOE é constituído por três grandes Divisões, com seus respectivos serviços, secções e setores:

I — Divisão de Pesquisas
II — Divisão de Orientação
III — Divisão de Telecomunicação Educativa

À Divisão de Pesquisas compete realizar estudos e pesquisas e promover a divulgação dos resultados, bem como efetuar a verificação do rendimento do aprendizado nos estabelecimentos estaduais de ensino. Essa Divisão compreende dois Serviços e uma Secção: Serviço de Pesquisas, Serviço de Avaliação e Secção de Documentação.

O Serviço de Pesquisas é constituído pelas seguintes equipes:

Equipe de Planejamento
Equipe de Estudos e Pesquisas
Equipe de Contrôle de Experiências

O Serviço de Avaliação compreende:

Setor de Provas — Diagnóstico e Testes de Escolaridade
Setor de Estudos do Rendimento Escolar

A Secção de Documentação compreende:

Equipe de Documentação
Equipe de Elaboração
Equipe de Tradução

O Serviço de Pesquisas tem a incumbência de:

1. realizar o levantamento e o estudo do campo educacional do Estado e de suas implicações com a realidade sócio-cultural;

2. realizar estudos relativos a formas e processos de organização escolar, tendo em vista o ajustamento do sistema educacional e das diversas regiões do Estado;

3. realizar estudos e pesquisas, com vistas:

a) ao conhecimento do escolar rio-grandense
b) à fundamentação científica do plano educacional do Estado;
c) à elaboração de diretrizes científicas para a educação em geral e a aprendizagem em particular;

4. investigar a implicação dos problemas sócio-econômicos na educação;

5. realizar estudos de educação comparada;

6. efetuar sondagens e levantamentos de dados necessários ao embasamento científico do planejamento do CPOE;

7. propugnar pelo constante aperfeiçoamento e expansão da pesquisa científica através de planejamento de cursos, seminários, debates, estágios dirigidos, bem como pela elaboração de comunicados, instruções, pareceres, folhetos e publicações semelhantes;

8. prestar assistência técnica relativamente a métodos e técnicas de pesquisa;

9. propor à Divisão de Orientação, como resultado de estudos feitos no Serviço, a realização de experiências, com vistas à progressiva atualização do sistema de ensino;

10. realizar estudos e pesquisas solicitadas pelas Divisões de Orientação e de Telecomunicação Educativa, quando da elaboração do planejamento anual do CPOE;

11. analisar as estatísticas educacionais e correlatas;

12. elaborar bibliografia especializada;

13. colaborar, sempre que solicitado, com outras Divisões do órgão;

14. realizar estudos e pesquisas solicitados por outros Departamentos e Serviços da Secretaria de Educação e Cultura, pelo Conselho Estadual de Educação e pelo MEC;

15. promover o intercâmbio com institutos universitários de pesquisa.

No cumprimento de tais atribuições, a Divisão de Pesquisas realizou os estudos apresentados nesta publicação, dentro do período de 1963 a 1966.

O MAGISTÉRIO E A PESQUISA EDUCACIONAL

O alto nível de progresso que alcançou o século XX é, sem dúvida, resultante do surto sem precedente, da atividade científica na qual a pesquisa desempenha importantíssimo papel. O segrêdo do desenvolvimento cultural dos povos é, em parte, conseqüência da pesquisa que fêz retroceder a ignorância ao descobrir novas verdades que, por sua vez, levaram a novos modos de atuação e a melhores resultados na consecução dos objetivos da humanidade, em seus mais altos ideais de sabedoria e harmonia social.

Melhores caminhos para compreender o comportamento dos indivíduos e dos grupos e uma melhor compreensão do mundo em que vivemos, são decorrências da pesquisa em acepção mais ampla e precisa.

A importância da pesquisa fica, cabalmente, demonstrada quando constatamos a quantidade de tempo, da energia humana e o dinheiro que nela gastam os governos, as universidades, as indústrias e as associações profissionais daqueles países que já atingiram um alto nível de civilização.

Urge, por conseguinte, que países como o nosso, em plena fase de desenvolvimento, passem a considerar a grande importância que tem a pesquisa, pois é principalmente através desta e do planejamento que poderão encontrar as soluções para seus problemas, abandonando assim as decisões fáceis e improvisadas que não conduzem às soluções verdadeiras. Não basta, porém, encarecer a importância da pesquisa e do planejamento. É imprescindível que a percepção dessa importância se expresse em determinações concretas e objetivas. Pesquisa e planejamento é o binômio que expressa o grau de sensibilidade de quem dirige e supervisiona.

A responsabilidade técnico-administrativa está, pois, no equilíbrio de uma ação assessorada pela pesquisa e planejamento. O planejamento do sistema educacional é uma imposição da realidade brasileira. A participação efetiva nesse planejamento e a conseqüente assunção das responsabilidades dêle decorrentes estão a exigir:

— do educador, a busca constante de aperfeiçoamento pessoal e profissional;
— das autoridades educacionais e dos seus órgãos responsáveis, uma clara perspectiva das condições, das necessidades e das aspirações educacionais;
— das entidades de classe e das Associações de Professôres, a conscientização de que devem participar nessa tarefa do planejamento pela utilização dos meios científicos.

Assim, em unidade de esforços estarão todos contribuindo para verem atingidos em perspectivas cada vez mais ricas e abrangentes, os ideais orientadores da obra educacional.

Para que as Associações de Professôres possam intervir no planejamento da educação de seus Estados, é indispensável que conheçam, tanto quanto possível, a realidade educacional e social do País. E, como poderão conhecê-la? Vivendo-a? Sim, mas vivê-la não é conhecê-la cientìficamente. Sòmente, através de estudos, pesquisas e levantamentos intencionais é que poderão conhecê-la concreta e objetivamente.

Como a educação é fundamentalmente um processo de mudança, um dos objetivos básicos da pesquisa educacional é descobrir as transformações que se estão processando, ou que se possam processar, e elaborar métodos adequados para efetuar as mudanças desejáveis e barrar as transformações prejudiciais.

Métodos infalíveis de ensino e regras absolutas que prescrevam como levar a efeito a ação educativa, não existem. O professor, a cada momento, precisa tomar decisões quanto ao conteúdo e ao método de ensino.

Por isso, incorporar uma atitude científica e experimental, em relação ao seu trabalho, é uma imposição. Acostumar-se a surpreender os acontecimentos não esperados e equacioná-los em forma de pesquisa é da natureza da função que exerce. O professor necessita enfrentar as situações educacionais escolares, cientìficamente. A pesquisa é um procedimento "sistemático para a solução de problemas". Sua origem está na ação.

É tarefa do professor a realização de estudos sistemáticos e metódicos das questões sócio-culturais e, particularmente, dos problemas educativos. Por conseguinte, a comunidade, em especial, e a sala de aula como evento sócio-cultural, lhe fornece campo de pesquisa para auferir resultados nos quais poderá buscar decisões futuras e assegurar melhor rendimento do ensino e, ainda, auxiliar no desenvolvimento de teorias educacionais.

Pressupomos que os nossos professôres já procuram utilizar as fontes científicas para embasamento de suas decisões didáticas. Os professôres, porém, deverão passar, da posição de "consumidores" de pesquisa, para a de "produtores". É uma etapa de valor na formação de uma mentalidade pesquisadora na busca de dados de pesquisa, nos quais possa o professor encontrar subsídios para novas pesquisas e estudos. Um trabalho dêsse nível científico terá, forçosamente, de estimular o aperfeiçoamento profissional e fazer do "ensinar" uma atividade criadora, integrada à rotina da ação educativa.

Isto pôsto, o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, apresenta aos educadores, as seguintes proposições:

1.ª — Há necessidade de efetivar a idéia de que a pesquisa é indispensável ao planejamento educacional.

2.ª — A atitude de receptividade à pesquisa, não sòmente pela utilização de dados resultantes da mesma, como também do apoio e difusão de trabalho de investigação pedagógica é a que deve assumir o professor.

3.ª — A iniciativa docente se faça embasada cientificamente, isto é, em dados objetivos, advindos de pesquisas da comunidade social e escolar, em especial, e da sala de aula, a um nível das possibilidades do professor e ao nível de pesquisadores especializados.

4.ª — Da situação de ensino-aprendizagem se faça uma ação metódica e sistemática na busca da realidade da comunidade, da escola e do aluno.

5.ª — A idéia de plano integrado de pesquisa, no planejamento escolar, se equacione objetivamente.

6.ª — O contato de professôres com Organizações e Centros de Pesquisas seja constante para que êles possam não só receber publicações, como ainda fazer comunicações e relato de suas pesquisas, estudos e observações para o acêrto das decisões educacionais.

7.ª — O estímulo à formação de uma mentalidade favorável à pesquisa e ao planejamento, através de cursos sistemáticos e intensivos para professôres e especialistas, se faça pela iniciativa das Associações e no âmbito das Universidades.

8.ª — As energias congregadas resultantes do espírito de agremiação sejam aproveitadas no planejamento e execução de pesquisas sociais e educacionais.

Pôrto Alegre, janeiro de 1966.

Iná Silva — Coordenadora da S. de Pesquisas do C.P.O.E.

Itália Zácaro Faraco — Técnico em Educação do C.P.O.E.

1964

ESTUDO SÔBRE O PROGRAMA DE GRAMÁTICA DE 5.ª SÉRIE PRIMÁRIA

INSTRUÇÕES:

— QUESTIONÁRIO para Professôres e Orientadores de educação primária.

— GRÁFICOS REPRESENTATIVOS da opinião de Professôres e Orientadores de educação primária.

Nota: Êste trabalho complementa o estudo sôbre o Programa de Gramática Funcional à página 119.

QUESTIONÁRIO

Sr. Orientador

Estando êste Centro empenhado na elaboração das diretrizes do programa de atividades de gramática funcional para as classes de 5.º ano, vimos solicitar sua colaboração no sentido de opinar sôbre o conteúdo programático ora em vigor em nossas escolas.

Sua colaboração é indispensável ao nosso trabalho.

1. Nome do Orientador .....
2. Região Escolar ..... Sede .....
3. Tempo de exercício na função: .....
4. Número de Escolas que orienta: .....
5. Número de professôres de 5.º ano que recebem sua orientação: ..
6. Os professôres de 5.º ano de suas Escolas desenvolvem o programa de gramática pelo sistema funcional?

   Não 1

   Sim 2

7. Justifique a resposta da questão anterior.

   .....

   .....

   .....

8. Você tem encontrado dificuldades na orientação das atividades do programa de gramática de 5.º ano?

   Não 1

   Sim ..... 2 Quais? .....

   .....

   Por quê? .....

9. Apresente as sugestões que julgar oportunas para um adequado programa de atividades de gramática para alunos de 5.º ano primário.

.....

.....

.....

10. De acôrdo com a sua experiência no serviço de orientação, assinale os aspectos do programa de gramática de 5.º ano mencionados nas páginas seguintes cujo desenvolvimento você acha: fácil, muito fácil, difícil ou muito difícil.

SUBSÍDIOS PARA A CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE TREINAMENTO PARA PROFESSÔRES DE ENSINO MÉDIO

Ano: 1966

Equipe: Prof.ª Maria Elena de Almeida Nunes.

Prof.ª Neide Uchôa Xavier.

INTRODUÇÃO

Encerrou-se definitivamente, no Brasil, o período em que a Escola Primária significava, para todos, o objetivo fundamental em Educação. Tanto as oficinas, os laboratórios e todos os setores profissionais, como o econômico e o administrativo estão a exigir um trabalho especializado de pessoal competente que receba, no mínimo, um preparo correspondente à educação de nível médio.

Por outro lado, o alto nível de civilização e o admirável surto de progresso científico e técnico do mundo atual exigem, cada vez mais, um preparo de nível superior.

Assim, a impossibilidade de oferecer amplas oportunidades de educação de grau médio acarretaria um hiato altamente prejudicial à Educação em nosso País. Por isso, é de prever que em futuro próximo, seja a Constituição alterada no que se refere à obrigatoriedade do ensino, exigindo que esta se estenda também ao primeiro ciclo do Ensino Médio.

A deficiência do número de escolas que atendem os egressos da escola primária, já se faz sentir em nosso Estado, tanto na Capital, como em cidades do interior, pois grande número de candidatos não conseguem matrícula, quer por falta de recursos econômicos, que lhes permitam cursar escolas particulares, quer pelo escasso número das públicas.

Além disso, a carência de prédios adequados e em número suficiente faz com que inúmeros cursos de grau médio funcionem em prédios pertencentes ao ensino primário.

Se as exigências da sociedade atual requerem formação em nível superior e médio de II ciclo e se, para chegar a êste, é indispensável o aumento de cursos médios, necessitará o Estado, cada vez mais, não só de prédios, como também de professôres que atendam à clientela que atualmente bate às portas do Ensino Médio.

Isto pôsto — e considerando as "metas quantitativas da Revisão do Plano Nacional de Educação que prevê:

a — para o Ensino Primário — matrícula até a quarta série de 100% da população escolar de 7 a 11 anos de idade; e matrícula na 5.ª série até 70% da população escolar de 12 a 14 anos;

b — para o Ensino Médio — matrícula de 30% da população escolar de 11 e 12 a 14 anos, nas 2 primeiras séries; matrícula de 50% da população escolar de 13 a 15 anos nas duas últimas séries do ciclo ginasial; e matrícula de 30% da população escolar de 15 a 18 anos no ciclo colegial, chega-se à conclusão de que contará o Estado com um número insuficiente de professôres titulados, para a consecução, até 1970, das metas propostas no Plano Nacional de Educação".

Isto justifica plenamente a imprescindível necessidade de criação de um Centro de Treinamento, para a preparação intensiva de professôres não titulados e já em exercício no Ensino Médio. Além disso, êsse Centro propiciará preparação pedagógica indispensável a técnicos de outras especialidades, possibilitando, assim, o preenchimento de lacunas que, em decorrência, venham a se verificar.

A previsão quantitativa de trabalho para êsse Centro, seria a de cobrir, em 4 anos, o déficit, verificado no levantamento estatístico, de 3.115 professôres titulados.

Por outro lado, levantamento da situação do Ensino Médio (corpo docente), realizado pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e de Execução Especializada em 1966, e cujas conclusões estão em fase final, temos, confirmando nossa assertiva ,os seguintes dados:

Da amostra, constituída de .3632 professôres, 2985 do Ensino Médio Oficial, e 647 do Ensino Particular, 24% ou sejam 730 Professôres do Ensino Médio Oficial, não são titulados, o mesmo acontecendo com 36%, ou 647 em números absolutos, dos professôres de Escolas Particulares.

Observa-se assim, que além de atender a demanda que se verificará nos próximos anos, deve-se ainda suprir as deficiências já existentes, que se elevarão quantitativamente, se lembrarmos que os dados representam apenas 20% do referido Magistério.

FUNDAMENTAÇÃO ESTATÍSTICA PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES DO ENSINO MÉDIO

As presentes projeções de **Número de Cursos, Corpo Docente** e **Matrícula do Ensino Médio, 1.º** e **2.º ciclos**, e **Matrícula** e **Conclusões das Faculdades de Filosofia, Ciências** e **Letras, no Estado do Rio Grande do Sul**, período 1955 a 1964 (anos base) a 1970 (projeção), foram executadas, tendo como fonte os cadastros da Divisão de Estatística Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do referido Estado.

As projeções foram calculadas segundo o processo de ajustamento pelos Mínimos Quadrados, tomando os dados observados e ajustando-os a uma reta ou parábola, conforme a distribuição o exigia.

Equações usadas:

Para a reta — $Vc = a + bx$

Para a parábola — $Vc = a + bx + cx^2$

Feito o ajustamento, foi calculado o desvio padrão (σ) para cada série e com êle, foi calculado o Intervalo de Confiança para os dados ajustados de 1965 a 1970.

Fórmula para o desvio padrão: $\sigma = \pm \sqrt{\dfrac{(Yi - Yc)^2}{n}}$

Em 1965, os desvios negativos e positivos foram multiplicados por 1, em 1966 por 2, e de 1967 em diante por 3.

ENSINO SUPERIOR — RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS

As conclusões de curso ,no Ensino Superior, tendem a ser de um crescimento constante. O ajustamento quase coincide com os dados reais, sendo o Intervalo de Confiança calculado pelo Desvio Padrão Mínimo.

Nestas condições, em 1970. teremos um acréscimo de 50% sôbre o número atual de conclusões:

Tabela 1 — 1964 — 806 conclusões
1970 — 1.223 conclusões variando de 1208 a 1238.

Nota — Permanecendo as atuais condições.

Com as novas medidas de pagamento de taxa anual nas Faculdades Federais, é possível que haja um decréscimo relativo nas matrículas e. conseqüentemente, nas conclusões de curso.

De 2.729 alunos matriculados em 1961, 806 concluiram o curso em 1964, portanto mais de 25%, o que seria o esperado, levando em conta, que os dados se referem à matrícula geral dos 4 anos e que é maior o número de matriculados no 1º. ano do que nos seguintes.

Em 1967, a previsão de matrícula é de 5.735 com um intervalo de confiança de 3.749 a 7.721 (tabela 2).

A previsão de conclusões para 1970 é de 1.223, com o intervalo de confiança variando entre 1.208 e 1.238, portanto, 21% dos matriculados em 1967, o que parece estar diminuindo a correlação entre Matrículas e Conclusões.

Êste decréscimo do porcentual de 29% dos matriculados em 1961 que concluíram o curso em 1964, para 21% (segundo a projeção) dos Matriculados em 1967 que concluirão o curso em 1970, diminui a significação do número de matriculados, quando se trata do preenchimento das vagas do corpo docente do Ensino Médio.

O quadro das Conclusões do Ensino Superior, se agravará mais, se o observarmos por cursos isoladamente, pois notar-se-á que existe grande desigualdade.

Enquanto o curso de Pedagogia apresentará 404 conclusões em 1970 (tabela 1-7) cursos como Matemática, Física e Química, apresentarão 37, 16 e 2 conclusões, respectivamente, para atender a todo Estado; sendo que não houve possibilidade de projetar as conclusões de Química. (tabelas 1-6 e 1-3).

Ensino Médio — Rio Grande do Sul

A Matrícula geral no Ensino Médio, em 1964, foi de 194.859, para 1970 está previsto o número de 236.787 matrículas, variando o intervalo de confiança de 206.154 a 267.420, com acréscimo de 41.932.

Para 194.859 alunos matriculados, o corpo docente era de 16.773; para 236.787, será necessário um corpo docente de 20.382 professôres (Tabelas 3 e 4). Estas considerações supõem que a atual política educacional permaneça.

Para atender a esta demanda de professôres, não considerando o número de aposentadorias, óbitos e desistências (afastamentos), as conclusões das Faculdades de Filosofia, no período de 1965 a 1970, fornecerão 6.377 professôres; sendo o acréscimo necessário ao corpo docente do Ensino Médio de 4.741, teríamos pois, um excedente de 1.636 professôres licenciados. (Tabela 4).

Considerando êsse acréscimo em relação aos cursos, como vimos anteriormente, êste saldo não é representativo.

Por outro lado devemos notar que um grande número de indivíduos em idade escolar, não consegue matrícula, por falta de vagas nas Escolas de Ensino Médio.

O atendimento a esta solicitação traria um acréscimo não calculado na demanda do corpo docente.

Os dados do censo demográfico mostram que 68% das crianças de 6 a 14 anos freqüentam a Escola Primária, no Rio Grande do Sul. (872-555) (tabela 6). Êste número vem demonstrar que, na atual conjuntura política educacional, estamos capacitados para atender a apenas 1/3 da demanda de matrículas para o Ensino Médio; o que vem reforçar, ser necessário, no interêsse de elevar tal índice, elevar em 2/3 o número de cursos e de professôres, sendo, então, necessário elevar para 9.482 o acréscimo do corpo docente, não levando em consideração as metas quantitativas do * Plano Nacional de Educação, aprovado em plenário no Congresso Nacional em 12-3-1963, para ser pôsto em execução até 1970.

Portanto, o número de conclusões previsto para as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, para o período de 1965 a 1970, apresentará um déficit de 3.115 professôres; e considerando o acréscimo em número de cursos do Ensino Médio de apenas 226, (tabela 5) teremos, nas mesmas condições ,falta de 452 cursos para atender a atual demanda de matrículas.

Além disso, é importante a variável do alto índice de professôres do Ensino Médio, não titulados, que estariam também a exigir um aperfeiçoamento cultural e pedagógico indispensável a um país em desenvolvimento.

Os professôres em exercício, não titulados, seriam atendidos numa 2.ª etapa, pois são assistidos freqüentemente por seminários, cursos intensivos etc., desenvolvidos pelo órgão Técnico e outras entidades correlatas.

---

* Documenta n.º 35 — Conselho Federal de Educação, página 9 e seguintes — março de 1965

Programa de Necessidades para a Construção de um Centro de Treinamento de Professôres de Ensino Médio

Déficit na formação de professôres do Ensino Médio: 3.115

Professôres de Ensino Médio, em exercício, sem habilitação legal:

Dados não trabalhados

Tipo de Funcionamento: Cursos Semestrais

Número de turmas por semestres: 13
Número de alunos por turmas: 30
Total de alunos por semestres: 390

Regime de Trabalho

Tempo integral — 6 horas diárias

Área pedagógica comum: 490 m²
Número de salas de aulas comuns: 13 (37,50m² p/aula)
Área pedagógica especializada: 960 m²
Número de salas: 12 (80 m² cada uma)
Área comum e especializada a ser construída:
mínimo: 1 450 m²

Regime de internato e semi-internato.

50% internos e 50% semi-internos ou
195 internos e 195 semi-internos

Cálculo para alojamento

Alojamento para 20 pessoas, com quartos individuais ou bipessoais e armários embutidos: 10 alojamentos.
Chuveiros, pias, W. C.: na base de 10 para cada alojamento.
Uma sala de estar e uma "kitchnette".
Apartamento para Diretor
Apartamento para Administrador

Forma de administração provável do Centro:

Um Diretor
Um Assistente
Um Coordenador de cursos
Um Secretário

Pessoal Administrativo.

5 datilógrafos
1 arquivista almoxarife
1 impressor
1 oficial administrativo
10 serventes

Para o Internato:

1 ecônomo ou administrador

Pessoal variável para os serviços de cozinha, higiene e transporte

Área pedagógica comum:

13 aulas comuns — (37,50 m² por aula)

Área pedagógica especializada

1 sala para Artes Aplicadas

Idem para Ciências Sociais
" " Atividades Econômicas e Práticas Rurais
" " Laboratórios de Ciências Naturais
" " Clubes
" " Música
" " Didática
" " Museu Audiovisual
" " Biblioteca
" " Cozinha-laboratório
" " Oficina

Área social

1 Auditório para um mínimo de 500 pessoas
1 sala de professôres
Idem de estar, para alunos
1 sala de Direção (recepção)
1 salão para bar e refeitório — para 390 alunos e corpo docente
1 sala para leituras, jogos e projeção
1 área, na base de 1,25 m² por pessoa, para prática desportiva.

Área administrativa

1 Secretaria
1 Almoxarifado
1 Arquivo — sala
1 sala para impressão e documentação

Área de assistência escolar

1 Gabinete de Orientação Educacional
1 Gabinete de Psicologia

Área higiênico-sanitária

1 cozinha dispensa
Blocos sanitários completos para grupos de 25 alunos
4 pias e 10 vasos sanitários
Sendo matrícula mista acrescentar mictórios, na proporção de 1 para 15 alunos
Pavilhão em separado para curso de aplicação (Ginásio vocacional)
5 salas de aula comum, com paredes de espêlho, para observação
1 sala pequena para oficina
Blocos sanitários, na proporção de 1 para grupos de 15 alunos
1 sala para Assistente de Diretor
2 salas especializadas
1 sala para Clubes

TABELAS BÁSICAS

CONCLUSÕES DO ENSINO PRIMÁRIO

ENSINO MÉDIO — N.º DE CURSOS
MATRÍCULA GERAL
CORPO DOCENTE.

ENSINO SUPERIOR — MATRÍCULA GERAL
CONCLUSÕES.

CONCLUSÕES

ENSINO SUPERIOR — Filosofia, Ciências e Letras

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 1

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	197	190	—	—
1956	216	254	—	—
1957	316	319	—	—
1958	331	383	—	—
1959	484	448	—	—
1960	612	577	—	—
1961	720	642	—	—
1962	760	706	—	—
1963	683	771	—	—
1964	806	835	—	—
1965	—	900	895 (-1σ)	509 ($+1\sigma$)
1966	—	964	954 (-2σ)	974 ($+2\sigma$)
1967	—	1029	1014 (-3σ)	1034 ($+3\sigma$)
1968	—	1093	1078 (")	1108 (")
1969	—	1158	1143 (")	1173 (")
1970	—	1223	1208 (")	1238 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = a + bx = 512{,}5 + 64{,}55.x$

$\sigma = \pm 5$

MATRÍCULA GERAL

ENSINO SUPERIOR — Filosofia, Ciências e Letras (1955-1964)

RIO GRANDE DO SUL

Previsão para 1970

Tabela 2

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	1066	1505	—	—
1956	1267	1857	—	—
1957	1555	2210	—	—
1958	1840	2562	—	—
1959	2268	2915	—	—
1960	2564	3267	—	—
1961	2729	3620	—	—
1962	2963	3972	—	—
1963	4657	4325	—	—
1964	4850	4677	—	—
1965	—	5030	4368 (— 1σ)	5692 (+ 1σ)
1966	—	5382	4058 (— 2σ)	6706 (+ 2σ)
1967	—	5735	3749 (— 3σ)	7721 (+ 3σ)
1968	—	6087	4101 (")	8073 (")
1969	—	6440	4454 (")	8426 (")
1970	—	6793	4807 (")	8779 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = 2575.9 + 352{,}52\ x$

$\sigma = \pm\ 662$

MATRÍCULA GERAL

ENSINO MÉDIO — ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 3

Ano	Dados Observados	Dados Ajustados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	65 999	60 067	—	—
1956	72 468	71 112	—	—
1957	79 001	82 157	—	—
1958	89 425	93 202	—	—
1959	98 343	104 247	—	—
1960	112 557	126 337	—	—
1961	126 688	137 382	—	—
1962	147 166	148 428	—	—
1963	166 416	159 472	—	—
1964	194 859	170 517	—	—
1965	—	181 562	171351 (-1σ)	191773 ($+1\sigma$)
1966	—	192 607	172185 (-2σ)	213029 ($+2\sigma$)
1967	—	203 652	173079 (-3σ)	234285 ($+3\sigma$)
1968	—	214 697	184064 (")	245330 (")
1969	—	225 742	195109 (")	256375 (")
1970	—	236 787	206154 (")	267420 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = 115.292 + 11.045\ x$

$\sigma = \pm\ 10.211$

CORPO DOCENTE

ENSINO MÉDIO — ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 4

Ano	Dados Observados	Dados Ajustados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	5810	5082	—	—
1956	6471	6109	—	—
1957	7132	7136	—	—
1958	7997	8163	—	—
1959	9047	9190	—	—
1960	10287	11244	—	—
1961	10754	12271	—	—
1962	12879	13298	—	—
1963	15019	14325	—	---
1964	16773	15352	—	—
1965	—	16379	15567 (−1σ)	17191 (+1σ)
1966	—	17406	15782 (−2σ)	19030 (+2σ)
1967	—	18433	15997 (−3σ)	20869 (+3σ)
1968	—	19460	17024 (")	21896 (")
1969	—	20487	18051 (")	22923 (")
1970	—	21514	19078 (")	23950 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = 10.217 + 1027x$

$\sigma = \pm 812$

ENSINO MÉDIO — N.º DE CURSOS

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 5

Ano	Dados Observados	Dados Ajustados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	429	392	—	—
1956	469	441	—	—
1957	493	490	—	—
1958	533	539	—	—
1959	565	588	—	—
1960	617	686	—	—
1961	663	735	—	—
1962	777	784	—	—
1963	873	833	—	—
1964	950	882	—	—
1965	—	931	880 (-1σ)	982 ($+1\sigma$)
1966	—	980	878 (-2σ)	1082 ($+2\sigma$)
1967	—	1029	876 (-3σ)	1182 ($+3\sigma$)
1968	—	1078	925 (")	1231 (")
1969	—	1127	974 (")	1280 (")
1970	—	1176	1023 (")	1329 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Processo de ajustamento = Mínimos Quadrados

Equação ajustante = $Yc = a + bx$ $\quad 636{,}9 + 48{,}9x$

Intervalo de confiança $\sigma = \pm$ (Yi — Yc = $\pm$ 51)

CONCLUSÕES DO ENSINO PRIMÁRIO

NO RIO GRANDE DO SUL

1955 — 1970

Tabela 6

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	40 469	63 642	—	—
1956	45 579	70 544	—	—
1957	48 814	77 447	—	—
1958	54 150	83 350	—	—
1959	57 336	91 253	—	—
1960	51 645	98 155	—	—
1961	58 706	105 058	—	—
1962	62 033	111 961	—	—
1963	71 432	118 864	—	—
1964	80 652	125 766	—	—
1965	—	132 669	127502 (−1σ)	137836 (+1σ)
1966	—	139 572	129238 (−2σ)	149906 (+2σ)
1967	—	146 474	130973 (−3σ)	161975 (+3σ)
1968	—	153 377	132709 (")	173978 (")
1969	—	160 280	134779 (")	185781 (")
1970	—	167 183	151682 (")	182684 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: Yc = 94704 + 3451,36x

$\sigma = \pm$ 5.167

Intervalo de confiança: $\sigma \pm 1$ 1965
$\sigma \pm 2$ 1966
$\sigma \pm 3$ 1967 a 1970

TABELAS ELUCIDATIVAS

ENSINO SUPERIOR — 1-1 a 1-7

CONCLUSÕES, POR CURSO DA FACULDADE DE FILOSOFIA

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CONCLUSÕES

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 1-1

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	—	—	—	—
1956	—	—	—	—
1957	15	18	—	—
1958	31	23	—	—
1959	29	28	—	—
1960	33	33	—	—
1961	41	43	—	—
1962	53	48	—	—
1963	45	53	—	—
1964	61	58	—	—
1965	—	63	57,6 (— 1σ)	68,4 (+ 1σ)
1966	—	68	57,2 (— 2σ)	78,8 (+ 2σ)
1967	—	73	56,8 (— 3σ)	89,2 (+ 3σ)
1968	—	78	61,8 (")	94,2 (")
1969	—	83	66,8 (")	99,2 (")
1970	—	88	71,8 (")	104,2 (")

$Yc = a + bx$

$Yc = 38 + 4{,}7x$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma = \pm 5{,}4$

Fonte: — Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

CURSO DE FILOSOFIA

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 1-2

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	45	24	—	—
1956	40	40	—	—
1957	33	56	—	—
1958	52	72	—	—
1959	99	88	—	—
1960	115	119	—	—
1961	142	135	—	—
1962	171	151	—	—
1963	147	166	—	—
1964	186	182	—	—
1965	—	198	183 (— 1σ)	213 (+ 1σ)
1966	—	214	184 (— 2σ)	244 (+ 2σ)
1967	—	230	185 (— 3σ)	275 (+ 3σ)
1968	—	245	200 (")	290 (")
1969	—	261	216 (")	306 (")
1970	—	277	232 (")	322 (")

Equação: $yc = a + b$

$yc = 103 + 15{,}84x$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma \pm 15$

Fonte: — Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

CURSO DE FÍSICA

CONCLUSÕES

PROJEÇAO PARA 1970

Tabela 1-3

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	3	—	—	—
1956	1	—	—	—
1957	3	—	—	—
1958	2	—	—	—
1959	11	—	—	—
1960	6	—	—	—
1961	6	—	—	—
1962	14	—	—	—
1963	5	—	—	—
1964	12	—	—	—
1965	—	12	9 (-1σ)	15 ($+1\sigma$)
1966	—	12	6 (-2σ)	18 ($+2\sigma$)
1967	—	13	4 (-3σ)	22 ($+3\sigma$)
1968	—	14	5 (")	23 (")
1969	—	15	6 (")	24 (")
1970	—	16	7 (")	25 (")

$Yc = a + bx$

$Yc = 6{,}33 + 0{,}38x$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma = + 3$

Fonte: — Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

CURSO DE HISTÓRIA

CONCLUSÕES

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 1-4

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	—	—	—	—
1956	—	—	—	—
1957	—	—	—	—
1958	4	12	—	—
1959	13	23	—	—
1960	37	35	—	—
1961	47	46	—	—
1962	55	58	—	—
1963	74	69	—	—
1964	94	81	—	—
1965	—	92	85 (— 1σ)	99 (+ 1σ)
1966	—	103	89 (— 2σ)	111 (+ 2σ)
1967	—	115	94 (— 3σ)	136 (+ 3σ)
1968	—	126	105 (")	147 (")
1969	—	138	117 (")	159 (")
1970	—	149	128 (")	170 (")

Equação: $Yc = a + bx$

$Yc = 46{,}28 + 11{,}42x$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma = \pm 7$

Fonte: — Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

CURSO DE HISTÓRIA NATURAL

CONCLUSÕES

Tabela 1-5

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	19	28	—	—
1956	34	29	—	—
1957	28	31	—	—
1958	34	33	—	—
1959	39	34	—	—
1960	37	38	—	—
1961	47	40	—	—
1962	54	41	—	—
1963	29	43	—	—
1964	41	45	—	—
1965	—	47	39 (-1σ)	55 ($+1\sigma$)
1966	—	48	32 (-2σ)	64 ($+2\sigma$)
1967	—	50	26 (-3σ)	74 ($+3\sigma$)
1968	—	52	28 (")	76 (")
1969	—	54	30 (")	78 (")
1970	—	55	31 (")	79 (")

Equação: $yc = a + bx$

$yc = 36{,}2 + 1{,}74$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma = \pm 8$

Fonte: Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

CONCLUSÕES — CURSO DE MATEMÁTICA

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 1-6

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	6	6	—	—
1956	4	8	—	—
1957	14	10	—	—
1958	4	12	—	—
1959	18	13	—	—
1960	27	17	—	—
1961	19	19	—	—
1962	19	21	—	—
1963	14	23	—	—
1964	26	25	—	—
1965	—	27	21 (-1σ)	33 ($+1\sigma$)
1966	—	29	17 (-2σ)	41 ($+2\sigma$)
1967	—	31	13 (-3σ)	49 ($+3\sigma$)
1968	—	33	15 (")	51 (")
1969	—	35	17 (")	53 (")
1970	—	37	19 (")	55 (")

Equação Ajustante: $Yc = a + bx$

$Yc = 15 + 1{,}8\ x$

$\sigma = 5{,}8$

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

ENSINO SUPERIOR — FACULDADE DE FILOSOFIA

RESULTADOS GERAIS NO ESTADO

RIO GRANDE DO SUL

CONCLUSÕES — CURSO DE PEDAGOGIA

PROJEÇÃO PARA 1970

Tabela 1-7

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	42	31	—	—
1956	43	54	—	—
1957	78	77	—	—
1958	88	101	—	—
1959	157	124	—	—
1960	163	171	—	—
1961	235	194	—	—
1962	218	217	—	—
1963	252	241	—	—
1964	198	264	—	—
1965	—	287	259 (— 1σ)	315 (+ 1σ)
1966	—	310	254 (— 2σ)	366 (+ 2σ)
1967	—	334	250 (— 3σ)	418 (+ 3σ)
1968	—	357	273 (")	441 (")
1969	—	381	297 (")	465 (")
1970	—	404	320 (")	488 (")

$YC = a + bx$

$YC = 147{,}4 + 23{,}3x$

$$\sigma = \pm \frac{(yi - yc)^2}{n}$$

$\sigma = \pm 28$

Fonte: Divisão de Estatística Educacional

Secretaria de Educação e Cultura — Rio Grande do Sul

TABELAS ELUCIDATIVAS

ENSINO MÉDIO — 3-1 a 3-6

MATRÍCULA GERAL, POR TIPO DE ENSINO

MATRÍCULA GERAL

1.º CICLO ENSINO SECUNDÁRIO

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 3-1

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	45437	41387	—	—
1956	50108	48266	—	—
1957	54580	55144	—	—
1958	61691	62023	—	—
1959	68151	68901	—	—
1960	76241	75799	—	—
1961	83584	82658	—	—
1962	94887	89536	—	—
1963	104132	96415	—	—
1964	116983	110170	—	—
1965	—	117049	112720 (-1σ)	121378 ($+1\sigma$)
1966	—	123927	115269 (-2σ)	132585 ($+2\sigma$)
1967	—	130806	117819 (-3σ)	143793 ($+3\sigma$)
1968	—	137684	124697 (")	150671 (")
1969	—	144562	131575 (")	157549 (")
1970	—	151441	138454 (")	164428 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $YC = 75779{,}4 + 6878{,}39.x$

$\sigma = \pm 4329$

MATRÍCULA GERAL

1.º CICLO ENSINO TÉCNICO

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 3-2

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	3525	957	—	—
1956	3810	2639	—	—
1957	4430	4321	—	—
1958	5306	6003	—	—
1959	6425	7685	—	—
1960	7496	9637	—	—
1961	9980	11049	—	—
1962	14389	12731	—	—
1963	16969	14413	—	—
1964	21643	17777	—	—
1965	—	19459	17523 (— 1σ)	21395 (+1σ)
1966	—	21141	17269 (— 2σ)	25013 (+2σ)
1967	—	22823	17015 (— 3σ)	28631 (+3σ)
1968	—	24505	18697 (")	30313 (")
1969	—	26187	20379 (")	31995 (")
1970	—	27869	22061 (")	33677 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = 9367,3 + 1682,01x$

$\sigma = \pm 1936$

MATRÍCULA GERAL

1.º CICLO NORMAL (1955-1964)

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 3-3

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	2003	1580	—	—
1956	2485	2077	—	—
1957	2576	2573	—	—
1958	2697	3070	—	—
1959	3291	3567	—	—
1960	3955	4560	—	—
1961	4667	5057	—	—
1962	5450	5553	—	—
1963	6179	6050	—	—
1964	7330	6457	—	—
1965	—	7044	6629 (— 1σ)	7459 (+ 1σ)
1966	—	7540	6792 (— 2σ)	8370 (+ 2σ)
1967	—	8037	6792 (— 3σ)	9282 (+ 3σ)
1968	—	8534	7289 (")	9779 (")
1969	—	9030	7785 (")	10275 (")
1970	—	9527	8282 (")	10772 (")

Fonte: Divisão de Estatística — S. E. C.

Equação ajustante: $Yc = 4063,3 + 496,7x$

$\sigma = \pm 415$

MATRÍCULA GERAL

2.º CICLO ENSINO SECUNDÁRIO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 3-4

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	6106	4887	—	—
1956	6334	5993	—	—
1957	6810	7099	—	—
1958	7917	8205	—	—
1959	8894	9311	—	—
1960	10735	11523	—	—
1961	11694	12629	—	—
1962	12279	13735	—	—
1963	15186	14841	—	—
1964	18217	15947	—	—
1965	—	17053	16012 (-1σ)	18094 ($+1\sigma$)
1966	—	18159	16077 (-2σ)	20241 ($+2\sigma$)
1967	—	19265	16142 (-3σ)	22388 ($+3\sigma$)
1968	—	20371	17248 (")	23494 (")
1969	—	21477	18354 (")	24600 (")
1970	—	22583	19460 (")	25706 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 10417 + 1106x$

$\sigma = \pm 1041$

MATRÍCULA GERAL

2.º CICLO ENSINO TÉCNICO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 3-5

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	4936	4460	—	—
1956	5710	5228	—	—
1957	6547	6103	—	—
1959	6983	6925	—	—
1959	7460	7746	—	—
1960	8042	8568	—	—
1961	8817	9390	—	—
1962	10291	10211	—	—
1963	12053	11033	—	—
1964	14842	11855	—	—
1965	—	13498	12437 (-1σ)	14559 ($+1\sigma$)
1966	—	14320	12198 (-2σ)	16442 ($+2\sigma$)
1967	—	15141	11958 (-3σ)	18324 ($+3\sigma$)
1968	—	15963	12780(")	19146 (")
1969	—	16785	13602 (")	19968 (")
1970	—	17606	14423 (")	20789 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 8568{,}1 + 821\ 67x$

$\sigma = \pm\ 1061$

MATRÍCULA GERAL

2.º CICLO ENSINO NORMAL

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 3-6

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	4292	2780	—	—
1956	4021	3444	—	—
1957	4058	4172	—	—
1958	4831	4964	—	—
1959	4122	5821	—	—
1960	6084	7728	—	—
1961	7946	8779	—	—
1962	9870	9893	—	—
1963	11897	11072	—	—
1964	13844	12316	—	—
1965	—	13624	12531 (-1σ)	14717 ($+1\sigma$)
1966	—	14996	12810 (-2σ)	17182 ($+2\sigma$)
1967	—	16433	13154 (-3σ)	19712 ($+3\sigma$)
1968	—	17934	14655 (")	21213 (")
1969	—	19499	16220 (")	22778 (")
1970	—	21129	17850 (")	24408 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 6742{,}59 + 953{,}56 + 32{,}21x^2$

$\sigma = \pm 1093$

TABELAS ELUCIDATIVAS ENSINO MÉDIO

CORPO DOCENTE — POR TIPO DE ENSINO

4-1 a 4-6

CORPO DOCENTE

1.º CICLO — ACADÊMICO

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-1

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	2677	2418	—	—
1956	2928	2851	—	—
1957	3265	3284	—	—
1958	3725	3716	—	—
1959	4182	4049	—	—
1960	4565	5015	—	—
1961	4887	5448	—	—
1962	5921	5880	—	—
1963	6414	6313	—	—
1964	7255	6746	—	—
1965	—	7179	6882 (— 1σ)	7476 (+ 1σ)
1966	—	7612	7018 (— 2σ)	8206 (+ 2σ)
1967	—	8044	7153 (— 3σ)	8935 (+ 3σ)
1968	—	8477	7586 (")	9368 (")
1969	—	8910	8019 (")	9801 (")
1970	—	9348	8457 (")	10239 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 4581{,}9 + 432{,}8x$

$\sigma = \pm 297$

CORPO DOCENTE

1.º CICLO ENSINO TÉCNICO

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-2

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1959	1020	1055	—	—
1960	1646	1223	—	—
1961	1086	1392	—	—
1962	1378	1560	—	—
1963	1917	1728	—	—
1964	2312	1896	—	—
1965	—	2233	1940 (-1σ)	2526 ($+1\sigma$)
1966	—	2401	1815 (-2σ)	2987 ($+2\sigma$)
1967	—	2569	1690 (-3σ)	3448 ($+3\sigma$)
1968	—	2737	1858 (")	3616 (")
1969	—	2906	2027 (")	3785 (")
1970	—	3074	2195 (")	3953 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 1559{,}83 + 168{,}21x$

$\sigma = \pm 293$

CORPO DOCENTE

1.º CICLO — ENSINO NORMAL GINASIAL

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-3

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1959	411	325	—	—
1960	357	434	—	—
1961	549	544	—	—
1962	684	654	—	—
1963	883	764	—	—
1964	1040	874	—	—
1965	—	983	886 (-1σ)	1080 ($+1\sigma$)
1966	—	1093	899 (-2σ)	1287 ($+2\sigma$)
1967	—	1203	912 (-3σ)	1494 ($+3\sigma$)
1968	—	1313	1022 (")	1604 (")
1969	—	1422	1131 (")	1713 (")
1970	—	1532	1241 (")	1823 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 512{,}9 + 72{,}18x$

$\sigma = \pm 97$

CORPO DOCENTE

2.º CICLO — ENSINO SECUNDÁRIO

RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-4

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	892	853	—	—
1956	990	954	—	—
1957	976	1056	—	—
1958	1184	1158	—	—
1959	1263	1259	—	—
1960	1462	1463	—	—
1961	1492	1565	—	—
1962	1662	1666	—	—
1963	1715	1768	—	—
1964	1975	1870	—	—
1965	—	1971	1917 (— 1σ)	2025 (+ 1σ)
1966	—	2073	1965 (— 2σ)	2181 (+ 2σ)
1967	—	2175	2013 (— 3σ)	2337 (+ 3σ)
1968	—	2276	2114 (")	2438 (")
1969	—	2378	2216 (")	2540 (")
1970	—	2480	2318 (")	2642 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 1361{,}1 + 101{,}7x$

$\sigma = \pm 54$

CORPO DOCENTE

2.º CICLO — ENSINO TÉCNICO

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-5

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	761	686	—	—
1956	854	822	—	—
1957	965	958	—	—
1958	1071	1094	—	—
1959	1263	1230	—	—
1960	1293	1503	—	—
1961	1486	1639	—	—
1962	1728	1775	—	—
1963	2165	1911	—	—
1964	2079	2048	—	—
1965	—	2174	2054 (— 1σ)	2294 (+ 1σ)
1966	—	2320	2080 (— 2σ)	2560 (+ 2σ)
1967	—	2456	2096 (— 3σ)	2816 (+ 3σ)
1968	—	2592	232 (")	2952 (")
1969	—	2729	2369 (")	3089 (")
1970	—	2865	2509 (")	3229 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 1366{,}5 + 136{,}20x$

$\sigma = \pm 120$

CORPO DOCENTE

2.º CICLO — ENSINO NORMAL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PREVISÃO PARA 1970

Tabela 4-6

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	687	523	—	—
1956	665	621	—	—
1957	784	747	—	—
1958	802	855	—	—
1959	908	1010	—	—
1960	964	1311	—	—
1961	1254	1475	—	—
1962	1506	1650	—	—
1963	1925	1834	—	—
1964	2112	2027	—	—
1965	—	2231	2077 (— 1σ)	2385 (+ 1σ)
1966	—	2443	2135 (— 2σ)	2751 (+ 2σ)
1967	—	2666	2204 (— 3σ)	3128 (+ 3σ)
1968	—	2898	2436 (")	3360 (")
1969	—	3139	2678 (")	3601 (")
1970	—	3391	2929 (")	3853 (")

Fonte: Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 1155{,}42 + 150{,}40 + 4{,}80x^2$

$\sigma = \pm 154$

TABELAS ELUCIDATIVAS ENSINO MÉDIO

NÚMERO DE CURSOS POR TIPO DE ENSINO

5-1 a 5-6

NÚMERO DE CURSOS

1.º CICLO ENSINO MÉDIO — SECUNDÁRIO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-1

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	193	189	—	—
1956	208	205	—	—
1957	218	222	—	—
1958	238	239	—	—
1959	255	255	—	—
1960	270	288	—	—
1961	284	305	—	—
1962	322	321	—	—
1963	349	338	—	—
1964	381	355	—	—
1965	—	371	358 (-1σ)	384 ($+1\sigma$)
1966	—	388	362 (-2σ)	414 ($+2\sigma$)
1967	—	404	365 (-3σ)	443 ($+3\sigma$)
1968	—	421	382 (")	460 (")
1969	—	437	398 (")	476 (")
1970	—	454	415 (")	493 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 271{,}80 + 16{,}57x$

$\sigma = \pm 13$

NÚMERO DE CURSOS

1.º CICLO ENSINO TÉCNICO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-2

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	45	60	—	—
1956	47	59	—	—
1957	51	59	—	—
1958	55	62	—	—
1959	60	66	—	—
1960	68	83	—	—
1961	77	93	—	—
1962	92	108	—	—
1963	118	124	—	—
1964	134	142	—	—
1965	—	163	151 (— 1σ)	175 (+ 1σ)
1966	—	186	162 (— 2σ)	210 (+ 2σ)
1967	—	211	175 (— 3σ)	247 (+ 3σ)
1968	—	238	202 (")	274 (")
1969	—	267	231 (")	303 (")
1970	—	299	263 (")	335 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = a + bx$

Intervalo de confiança: $\sigma = \pm 12$

NÚMERO DE CURSOS

1.º CICLO ENSINO NORMAL

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-3

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	17	13	—	—
1956	25	18	—	—
1957	27	22	—	—
1958	28	27	—	—
1959	30	31	—	—
1960	31	41	—	—
1961	37	45	—	—
1962	51	50	—	—
1963	57	55	—	—
1964	58	60	—	—
1965	—	64	59 (— 1σ)	69 (+ 1σ)
1966	—	68	58 (— 2σ)	78 (+ 2σ)
1967	—	73	58 (— 3σ)	88 (+ 3σ)
1968	—	78	63 (")	93 (")
1969	—	82	67 (")	97 (")
1970	—	87	72 (")	102 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 36{,}1 + 4{,}6x$

Intervalo de confiança: $\sigma = \pm 5$

NÚMERO DE CURSOS

2.º CICLO ENSINO MÉDIO — SECUNDÁRIO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-4

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	54	48	—	—
1956	60	56	—	—
1957	61	63	—	—
1958	70	70	—	—
1959	74	77	—	—
1960	85	85	—	—
1961	88	92	—	—
1962	103	99	—	—
1963	119	107	—	—
1964	133	114	—	—
1965	—	121	114 (— 1σ)	128 (+ 1σ)
1966	—	129	115 (— 2σ)	143 (+ 2σ)
1967	—	136	115 (— 3σ)	157 (+ 3σ)
1968	—	143	122 (")	164 (")
1969	—	150	129 (")	171 (")
1970	—	158	137 (")	179 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 84{,}7 + 7{,}30x$

$\sigma = \pm 7$

NÚMERO DE CURSOS

2.º CICLO — ENSINO TÉCNICO

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-5

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			$-\sigma$	$+\sigma$
1955	71	71	—	—
1956	79	76	—	—
1957	84	82	—	—
1958	89	88	—	—
1959	92	94	—	—
1960	103	106	—	—
1961	102	112	—	—
1962	119	118	—	—
1963	124	124	—	—
1964	137	130	—	—
1965	—	135	131 (-1σ)	139 ($+1\sigma$)
1966	—	141	133 (-2σ)	149 ($+2\sigma$)
1967	—	147	135 (-3σ)	159 ($+3\sigma$)
1968	—	153	141 (")	165 (")
1969	—	159	147 (")	171 (")
1970	—	165	153 (")	177 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 100 + 5{,}9x$

$\sigma = \pm 4$

NÚMERO DE CURSOS

2.º CICLO ENSINO NORMAL

PREVISÃO PARA 1970

RIO GRANDE DO SUL

Tabela 5-6

Ano	Dados Observados	Dados Calculados	Intervalo de confiança	
			— σ	+ σ
1955	49	39	—	—
1956	50	45	—	—
1957	52	51	—	—
1958	63	57	—	—
1959	54	63	—	—
1960	60	76	—	—
1961	75	82	—	—
1962	90	88	—	—
1963	106	94	—	—
1964	107	101	—	—
1965	—	107	99 (— 1σ)	115 (+ 1σ)
1966	—	113	97 (— 2σ)	129 (+ 2σ)
1967	—	119	95 (— 3σ)	143 (+ 3σ)
1968	—	125	101 (")	149 (")
1969	—	132	108 (")	156 (")
1970	—	138	114 (")	162 (")

Fonte: — Divisão de Estatística da SEC.

Equação ajustante: $Yc = 69{,}6 + 6{,}2x$

$\sigma = \pm 8$

ESTUDO SÔBRE AS CLASSES DE EMERGÊNCIA E CURSOS VESPERTINOS

1964

EQUIPES DE TRABALHO

Tratamento estatístico:

Dr. ADOLFO DEL RIO

Prof.ª ZULEIKA SANTOS

Estudo dos resultados do tratamento estatístico:

Técnico em Educação: DALVA DA ROSA DUPUY

Prof.ª INÁ SILVA

Técnico em Educação: SYDIA SANT'ANNA BOPP

OBJETIVO:

Conhecer a situação real das Classes de Emergência e Cursos Vespertinos; população escolar e atividades dessas classes.

INSTRUMENTOS:

— Grade para levantamento dos alunos.
— Informações sôbre conteúdo programático e orientação das atividades.

ESTUDO SÔBRE O LEVANTAMENTO DAS CLASSES DE EMERGÊNCIA E CURSOS VESPERTINOS DO ESTADO

I PARTE

RESULTADO DO TRATAMENTO ESTATÍSTICO

A — Regiões representadas: 13
B — Unidades escolares: 44
C — Classes estudadas: 142
D — Alunos: 2450 (1300 masculinos e 1150 femininos)
E — Nível de aprendizagem:

1.º ano:	118 alunos	— 5%
2.º ano:	219 "	— 9%
3.º ano:	392 "	— 16%
4.º ano:	560 "	— 23%
5.º ano:	921 "	— 37%

Observação: Dos 921 alunos de 5.º ano, 168 já concluiram o Curso Primário.

F — Idade cronológica:

	— 13 anos:	154 alunos	— 6%
13 a	— 13 a 11m:	319 "	— 13%
14 a	— 14 a 11m:	732 "	— 30%
15 a	— 15 a 11m:	443 "	— 18%
16 a	— ou mais:	776 "	— 32%
S/idade especificada:		25 "	— 1%

G — Ocupações manuais

— Especializadas:	211	— 9%
— Não especializadas:	1041	— 42%
— Alunos s/ocupação:	1194	— 49%

H — Classes em funcionamento:

— Turno Vespertino:	52%
— Manhã:	6%
— Tarde:	17%
— Noite:	19%
— S/horário especificado	6%

II PARTE

INFORMAÇÕES DOS PROFESSÔRES SÔBRE AS ATIVIDADES DAS CLASSES DE EMERGÊNCIA

Dos 132 professôres regentes de Classes de Emergência:

— 86 não se pronunciaram em relação às atividades desenvolvidas nas respectivas classes;

— 32 adotaram os Programas Experimentais elaborados pelo C.P.O.E.;

— 8 desenvolveram o Programa de Admissão ao Ginásio;

— 4 seguiram as diretrizes do conteúdo programático dos Cursos Supletivos;

— 2 informaram que as atividades de suas classes foram desenvolvidas de acôrdo com a capacidade e interêsse dos alunos.

Alguns dos professôres que se pronunciaram sôbre o trabalho realizado em suas classes, manifestaram-se também sôbre:

— o horário escolar reduzido nas Classes de Emergência, que dificulta sobremodo a execução de tôdas as atividades previstas nos currículos (3 professôres);

— O pouco tempo de que dispõem, os alunos que trabalham, para estudar (2 professôres);

— a inobservância do horário escolar motivada pelas ocupações dos alunos (1 professor);

— a heterogeneidade de níveis de aprendizagem dos alunos (2 professôres);

— a base deficiente dos alunos que voltam a freqüentar a Escola após um largo período de afastamento da mesma (1 professor).

III PARTE

OBSERVAÇÕES GERAIS

A — De acôrdo com os levantamentos realizados constatou-se que a maior concentração dos alunos verificou-se:

— relativamente **ao nível de aprendizagem:** no 5.º ano

— " **à idade cronológica:** 14 a 16 anos, ou mais

— " **à ocupação manual:** não especializados

— " **às horas de trabalho:** 8 a 9 horas

— " **ao horário escolar:** turno vespertino

B — Das Regiões Escolares representadas destacamos as que apresentam

1 — maior número **de alunos que trabalham:**

— 16.ª c/sede em Bento Gonçalves

— 5.ª c/sede em Pelotas

— 4.ª c/sede em Caxias do Sul

2 — maior número **de alunos c/maior idade cronológica:**

— 16.ª — Bento Gonçalves

— 14.ª — Santo Ângelo

— 1.ª — Pôrto Alegre

3 — **maior número de classes:**

— no turno vespertino: 1.ª — Pôrto Alegre

14.ª — Santo Ângelo

18.ª — Rio Grande

— à tarde ..... 5.ª — Pelotas

— à noite ..... 16.ª — Bento Gonçalves

4 — maior número de alunos c/ocupações manuais especializadas:

— 16.ª — Bento Gonçalves

— 18.ª — Rio Grande

— 1.ª — Pôrto Alegre

5 — maior número de alunos c/ocupações manuais não especializadas:

— 16.ª — Bento Gonçalves

— 4.ª — Caxias do Sul

— 14.ª — Santo Ângelo

— 18.ª — Rio Grande

6 — maior número de alunos s/ocupação:

— 1.ª — Pôrto Alegre

— 8.ª — Santa Maria

— 18.ª — Rio Grande

CONCLUSÕES:

1 — Grande número de crianças não freqüentam a escola primária na devida época.

2 — Os alunos de ambos os sexos, com idade cronológica além da faixa prevista para o Curso Primário, ainda procuram a escola.

3 — O interêsse em estudar é mais significativo, considerando-se que 50% dêsses alunos exercem atividades manuais ou não.

RECOMENDAÇÕES:

1 — Maior assistência técnico-pedagógica aos professôres dessas classes.

2 — Melhor atendimento aos alunos, a fim de capacitá-los para melhor exercerem suas ocupações.

LEVANTAMENTO - CLASSES DE EMERGÊNCIA - CURSOS VESPERTINOS

Região	SEDE	Unidades de Alunos	N.º de Classes Estudadas	TOTAL DE ALUNOS			NÍVEL DE APRENDIZAGEM																													
							E^1			E^2			E^3			E^4			E^5			E^A			E^D			E^{C3}			E^{C4}			E^{C5}			Classes Conjuntas		
				M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1.ª	PÔRTO ALEGRE	3	15	196	116	312	28	6	34	18	11	29	28	15	43	66	41	107	56	43	99																
2.ª	SÃO LEOPOLDO	3	7	86	55	141										6	6	12	42	23	65	25	16	41												13	10	23
3.ª																																						
4.ª	CAXIAS DO SUL	2	9	73	79	152	2		2	2	16	18	12	17	29	12	15	27	20	17	37	25	14	39														
5.ª	PELOTAS	7	23	123	287	410	5	39	44	7	31	38	16	60	76	40	75	115	27	57	84	7	10	17												21	15	36
6.ª	SANTA CRUZ	1	1	13	33	46																13	33	46													
7.ª																																						
8.ª	SANTA MARIA	2	7	123	88	211										32	18	50	32	47	79							15	5	20	19	9	28	25	9	34			
9.ª																																						
10.ª	URUGUAIANA	1	2	34	25	59													34	25	59																
11.ª	PÔRTO ALEGRE	1	4	45	21	66				4	2	6	8	2	10	14	8	22	19	9	28																
12.ª																																						
13.ª	BAGÉ	1	4	54	29	83							11	5	16	31	13	44	12	11	23																
14.ª	SANTO ÂNGELO	4	13	110	128	238				17	14	31	10	17	27	22	24	46	27	35	62														34	38	72
15.ª																																						
16.ª	BENTO GONÇALVES	12	26	242	117	359	8	9	17	53	24	77	93	37	130	19	16	35	69	31	100																
17.ª																																						
18.ª	RIO GRANDE	5	20	85	71	156				2		2	16	12	28	21	16	37	29	22	51	9	16	25	1		1				7	5	12						
19.ª	SANT'ANA DO LIVRAMENTO	2	11	116	101	217	9	12	21	6	12	18	21	12	33	35	30	65	37	29	66														8	6	14
	TOTAL	44	142	1300	1150	2450	52	66	118	109	110	219	215	177	392	298	262	560	404	349	753	79	89	168	1		1	15	5	20	26	14	40	25	9	34	76	69	145

LEVANTAMENTO - CLASSES DE EMERGÊNCIA - CURSOS VESPERTINOS

Região	SEDE	IDADE CRONOLÓGICA																		OCUPAÇÕES MANUAIS						SEM OCUPAÇÃO			ESTUDANTE		
		— de 13 anos			13 a — 13 a 11 m			14 a — 14 a 11 m			15 a — 15 a 11 m			16 a ou mais			Sem idade específica			Especializadas			Não Especializadas								
		M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1.ª	PÔRTO ALEGRE	7	4	11	37	20	57	81	57	138	35	16	51	28	15	43	8	4	12	17	1	18	45	29	74	130	86	216	4		4
2.ª	SÃO LEOPOLDO	2	1	3	9	4	13	53	23	76	16	17	33	6	10	16				9		9	36	26	62	41	29	70			
3.ª																															
4.ª	CAXIAS DO SUL	3	5	8	15	12	27	23	29	52	13	10	23	19	23	42				9	1	10	57	77	134	7	1	8			
5.ª	PELOTAS	5	14	19	24	17	41	41	63	104	29	53	82	23	139	162	1	1	2	14	3	17	36	169	205	73	115	188			
6.ª	SANTA CRUZ				2		2	3	6	9	2	12	14	6	15	21				1	1	2	4	11	15	8	21	29			
7.ª																															
8.ª	SANTA MARIA	14	5	19	32	13	45	35	22	57	27	17	44	11	29	40	4	2	6	8	0	8	14	9	23	101	79	180			
9.ª																															
10.ª	URUGUAIANA				1		1	7	10	17	6	3	9	20	12	32				13		13	12		12	9	25	34			
11.ª	PÔRTO ALEGRE	5	1	6	21	8	29	11	8	19	5	3	8	2	1	3				3		3	12	5	17	30	16	46			
12.ª																															
13.ª	BAGÉ	6	2	8	11	1	12	18	10	28	10	8	18	9	8	17				15		15	39	29	68						
14.ª	SANTO ÂNGELO	4	7	11	9	6	15	59	40	99	15	29	44	23	46	69				14	3	17	51	59	110	45	66	111			
15.ª																															
16.ª	BENTO GONÇALVES	9	4	13	12	8	20	16	7	23	34	12	46	171	86	257				52	5	57	164	67	231	26	45	71			
17.ª																															
18.ª	RIO GRANDE	15	18	33	14	13	27	35	30	65	17	7	24	4	3	7				7	2	9	9	6	15	69	63	132			
19.ª	SANT'ANA DO LIVRAMENTO	16	7	23	14	16	30	30	15	45	30	17	47	23	44	67	3	2	5	23	10	33	52	23	75	41	68	109			
	TOTAL	86	68	154	201	118	319	412	320	732	239	204	443	345	431	776	16	9	25	185	26	211	531	510	1041	580	614	1194	4		4

LEVANTAMENTO - CLASSES DE EMERGÊNCIA - CURSOS VESPERTINOS

Região	SEDE	HORAS DE TRABALHO																		HORÁRIO ESCOLAR (N.º de Classe)					TEMPO DE SERVIÇO DO PROF. NO MAGISTÉRIO							OBSERVAÇÕES
		— 4 horas			4 h a 5 h			6 h a 7 h			8 h a 9 h			Mais de 9 h			Sem horário			Vespertino	Manhã	Tarde	Noite	Sem Horário	De 0 a 5 anos	+ 5 a a 10 anos	+ 10 a a 15 anos	+ 15 a a 20 anos	+ 20 a a 25 anos	+ 25 a a 30 anos	Não declarado	
		M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T													
1.ª	PÔRTO ALEGRE	2		2	15	8	23	12	2	14	27	18	45	3	2	5	3		3	15					6	3		3		1	1	
2.ª	SÃO LEOPOLDO	2		2	4		4	11	4	15	24	11	35				4	11	15	5		2			4		2		1			
3.ª																																
4.ª	CAXIAS DO SUL				6	2	8	4	2	6	47	49	96	4	16	20	6	8	14	9						5						
5.ª	PELOTAS	3	1	4	4	7	11	11	18	29	27	137	164	3	8	11	2	1	3	4		18		1	2	3	4	5	4	2	3	
6.ª	SANTA CRUZ	1		1	3		3		10	10	1	2	3							1											1	
7.ª																																
8.ª	SANTA MARIA	2		2	3		3	9	1	10	6	3	9		4	4	2	1	3	7					1	5					1	
9.ª																																
10.ª	URUGUAIANA										24		24				1		1				2		1	1						
11.ª	PÔRTO ALEGRE		1	1	1		1	9	2	11	5		5					2	2	4					3					1		
12.ª																																
13.ª	BAGÉ							1		1	53	29	82								4				2	2						
14.ª	SANTO ÂNGELO	1	1	2	1		1	3	1	4	29	20	49	9	28	37	22	12	34	13					2	4	2		1		1	
15.ª																																
16.ª	BENTO GONÇALVES	1		1	2	2	4	5	6	11	39	11	50	56	23	79	113	30	143	1			25		3	2	1				16	
17.ª																																
18.ª	RIO GRANDE		1	1	7		7	3		3	3	7	10				3		3	4	5	4		7	5	8	2		1		2	
19.ª	SANT'ANA DO LIVRAMENTO	3	1	4	6	2	8	14	3	17	49	21	70	2	4	6	1	2	3	11					6	1	2				2	
	TOTAL	15	5	20	52	21	73	82	49	131	334	308	642	77	85	162	157	67	224	74	9	24	27	8	35	34	16	9	7	4	27	

POSSIBILIDADES DE REALIZAÇAO, POR PARTE DO PROFESSOR, DE OUTRAS TAREFAS PARALELAS À FUNÇÃO DOCENTE

ANO:

1965

GRUPO DE TRABALHO

Técnico em Educação FLÁVIA C. CIAGLIA
Coordenadora da Secção de Pesquisas

Prof.ª INÁ SILVA
Coordenadora do Trabalho

Prof.ª IRMA MARTINS
Secção de Pesquisas

Prof.ª DULCE F. SILVEIRA
Setor de Bibliotecas Escolares

COLABORADORES:

Prof.ª NELCY LIZARDO
Secção de Pesquisas

Prof.ª THEREZINHA BIDONE
Secção de Pesquisas

Prof.ª ZULEIKA SANTOS
Secção de Pesquisas

Técnico em Educação HILDA SILVA
Secção do Ensino Normal

Técnico em Educação ITÁLIA FARACO
Secção de Psicologia

Prof. JOSÉ BARRETO
Secção de Provas

Psicólogo JURACY LEONARDO
Serviço de Orientação Educacional

Prof.ª MARISTELA LAMPERT
Secção de Pesquisas

INTRODUÇÃO

A qualidade da educação reflete em longa escala os motivos, a preparação e atuação dos educadores.

De outra parte, a evolução da ciência psicopedagógica recolocando no contexto educacional o professor, não como centro, mas como orientador da criança e do adolescente, fêz crescer a importância de sua missão e de igual modo a sua complexidade e a sua dificuldade.

Compreende-se, pois, que todo aquêle que escolhe o MAGISTÉRIO, como carreira, assume a indudível obrigação de se conduzir de acôrdo com os ideais da profissão, na plena consciência de sua responsabilidade na sociedade em que vive.

A participação efetiva na obra educacional e as responsabilidades que dela decorrem, estão a exigir:

— do educador, a busca constante de aperfeiçoamento pessoal e profissional;

— das autoridades educacionais e dos órgãos responsáveis pelo planejamento e orientação da educação, uma clara perspectiva de suas necessidades e aspirações.

Assim, em unidade de esforços, estarão todos contribuindo para ver atingidos, em perspectivas cada vez mais ricas e abrangentes, os ideais orientadores da obra educacional.

E, na realização da obra educacional, o professor do ensino primário é elemento primordial que alicerça êste edifício, que se deverá elevar em harmonia com a individualidade UNA da criança e a complexidade do que a cerca, para manter o equilíbrio da comunidade, da qual será, no futuro, um membro atuante.

O movimento educacional no Rio Grande do Sul visa, na atualidade, a integração das diretrizes pedagógicas propostas pela Secretaria de Educação e Cultura, e a integração das normas da Lei n.º 4024, de 20-12-61, com a organização da carreira do professor.

Tendo em vista o acima exposto, resolveu o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais realizar um "survey" **para verificar a possibilidade de realização, por parte do professor de ensino primário,** de outra tarefas paralelas à função docente.

QUESTÕES PROPOSTAS

Relativamente:

1 — ao conhecimento e aceitação, por parte do professor, das diretrizes fundamentais do Plano de Reforma do Ensino Primário;

2 — ao pleno conhecimento, por parte do professor, de suas atribuições legais;

3 — ao interêsse na realização de tarefas extras ao trabalho docente;

4 — à disponibilidade de tempo para a realização dessas tarefas;

5 — à conscientização de um preparo específico, para realizar essas tarefas;

6 — à necessidade de remuneração especial para êsse trabalho;

7 — à oportunidade de inserir na carreira do professor avanços com base no aperfeiçoamento pedadgógico, no desenvolvimento de tarefas especiais e no nível de atualização técnico-administrativa;

8 — ao conhecimento das Leis n.º 2338, de 2-1-54, e 4024, de 20-12-61.

DEFINIÇÃO DE TÊRMOS

Professor de Ensino Primário Público Estadual — definiu-se como pessoa que desempenha atividade docente, em estabelecimento de ensino fundamental comum, remunerado pelo Govêrno do Estado.

Atribuições legais — foram definidas como aquêles quesitos propostos no Estatuto do Magistério Público do Rio Grande do Sul.

Atividade docente — foi definida como atendimento formal de classe.

DESENVOLVIMENTO DO PLANO

A) — População e amostra

Amostra — A amostra foi selecionada da população total de professôres do Ensino Primário e Regentes de Ensino, segundo os dados estatísticos relativos ao mês de maio de 1964, fornecidos pelo Serviço da Rêde Escolar, da Secretaria de Educação e Cultura.

Constituiu-se a amostra da seguinte porcentagem: 20 por cento para os Regentes de Ensino e 10 por cento para os professôres do Ensino Primário.

O critério, na porcentagem, foi proporcional ao número de professôres de cada Região Escolar.

A seleção das unidades da Capital que constituiram a amostra, foi feita através de uma tabela de "números eqüiprováveis", sendo sorteados 11 (onze) Grupos Escolares de 1.ª entrância, 5 (cinco) de 2.ª e 4.ª entrâncias e 9 (nove) de 5.ª entrância, perfazendo um total de 434 questionários só de professôres do Ensino Primário.

A seleção das unidades do interior do Estado ficou a critério das Delegacias Regionais de Ensino, que optaram pelo da representação de cada unidade escolar.

O número de questionários aplicados no Interior foi de 831.

Não foram incluídos na amostra os Professôres Contratados, os Professôres Municipais e aquêles que lecionam em estabelecimentos particulares porque, quando da realização da pesquisa, apresentavam características funcionais diferentes:

a) Contratados — não estavam enquadrados na Lei N.º 2338, de 2-1-54.

b) Professôres Municipais — pertencem ao quadro do Funcionalismo Municipal.

c) Professôres de estabelecimentos particulares — sujeitos às formalidades dos respectivos estabelecimentos.

B) — Instrumento de coleta e sua aplicação

Para a coleta dos dados foi usado o instrumento QUESTIONÁRIO composto de 41 itens, distribuídos em perguntas "abertas" e "estruturadas" em categorias de resposta à escolha do informante.

O Questionário foi aplicado em caráter experimental, em 40 professôres, participantes do Curso "Classes de 6.º Ano" que estava sendo realizado, na ocasião, na Capital.

Foram escolhidos os professôres que integraram êsse Curso porque provinham de diferentes cidades do Estado.

A tabulação dos itens do Questionário experimental, ofereceu subsídios para a construção do QUESTIONÁRIO definitivo.

Na aplicação dos Questionários dos professôres da Capital, que se realizou nos meses de novembro e dezembro, além dos membros da equipe encarregados do trabalho, colaboraram Professôres componentes da Secção de Pesquisas do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e Orientadores de Educação Primária.

O tipo de questionário utilizado proporcionou um tratamento quantitativo dos dados coletados.

Evidentemente, o tratamento quantitativo dos dados originais levantados dependeu da exploração relevante dêsses dados, tendo em vista, não sòmente, os objetivos da pesquisa, expostos no capítulo I — Introdução, como também de outras elaborações significativas para o estudo em aprêço.

Os dados disponíveis, examinados sob um certo ângulo, permitiram chegar a algumas conclusões e, ainda, forneceram subsídios que poderão servir de sugestões para posteriores pesquisas sôbre a carreira do Professor do Ensino Primário.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1.º — Conhecimento e aceitação das diretrizes da Reforma

Gráfico anexo

a) Experiência do serviço em relação à Reforma — item 23 — As porcentagens maiores ocorrem entre os professôres com 4 ou mais de 4 anos de serviço.

4 anos: 17 por cento na Capital e 22 por cento no Interior.

Mais de 4 anos: 32 por cento na Capital e 18 por cento no Interior.

b) **Pontos que caracterizam a Reforma** — item 24 — As respostas com porcentagem mais significativas foram — **"Recuperação"** — e **"Agrupamento por idade cronológica"**.

Recuperação: 21 por cento na Capital e 29 por cento no Interior.

Agrupamento por idade cronológica: 18 por cento na Capital e 26 por cento no Interior.

Conclui-se que, não obstante o tempo de experiência com o trabalho da Reforma, o professor do Ensino Primário não atribui importância significativa aos outros pontos que a caracterizam e por êle próprio definidos.

Outrossim, a alta porcentagem "sem resposta", a êste item — 60 por cento na Capital — poderá levar à conclusão de que há um desconhecimento dêsses pontos, por parte dos professôres?

c) **Aprovação às diretrizes da Reforma — item 25** — Há discrepância no teor das respostas: Capital — responde negativamente e Interior — afirmativamente.

Outrossim, continua a Capital com maior incidência de "sem resposta".

d) **Justificativa sôbre se aprova ou não as diretrizes da Reforma — item 26** — Na Capital, novamente, há predominância da porcentagem "sem resposta" e também respostas positivas, mais significativas que as negativas em relação à Reforma, não obstante a posição tomada no item anterior.

No Interior não há predominância do "sem resposta" e, também, não se verifica a discrepância nas justificativas apresentadas e resposta dada ao item anterior.

Isto pôsto, poder-se-ia "concluir que a aceitação ou rejeição das diretrizes da Reforma" é apenas fundamentada nas respostas do Interior que acusam coerência nas respostas de aceitação ou não aceitação?

2.º — **"Outras atribuições legais" além da atividade docente — item 31**

Tanto na Capital, como no Interior, mais de 50 por cento dos professôres investigados não demonstraram possuir pleno conhecimento de suas atribuições legais, além da atividade docente.

Outrossim, aquêles que revelaram conhecer "essas atribuições" o fazem de uma maneira fragmentária e não em conjunto, visto que no item 30, assinalaram apenas algumas dessas atribuições.

Poder-se-ia concluir que há, por parte dos professôres investigados, falta de um pleno conhecimento da Lei que rege a carreira do Magistério ou que êles consideram essas atribuições legais como uma decorrência natural de seu trabalho?

3.º — **Interêsse no desempenho de outras tarefas, paralelamente à função docente**

67 por cento dos professôres da Capital e 80 por cento do Interior demonstraram interêsse pelo assunto. As porcentagens mais significativas foram em relação à **"Assistência Social Escolar, Direção de Instituições Escolares e Orientação Educativa"**.

Outrossim, as porcentagens mais baixas ocorrem em **"Cursos para Pais, Orientação do Clube das Mães e Planejamento do Currículo"**.

Isto pôsto, poder-se-ia perguntar:

Revelará a maior incidência de respostas, além de **Instituições Escolares**, em relação à **Assistência Social e Orientação Educativa**, um conhecimento real, por parte dos professôres, da necessidade que tem a Escola de realizar um trabalho dessa natureza?

Revelarão, ainda, as porcentagens menos significativas em relação aos itens **"Cursos para Pais, Orientação do Clube de Mães"**, uma falta de compreensão da grande relevância dessas tarefas que são concomitantes às respostas **"Assistência Social Escolar e Orientação Educativa"**?

Quanto ao **"Planejamento do Currículo" da Escola**, revelará a baixa porcentagem uma falta de compreensão, por parte dos professôres investigados, da magnitude que terá para o seu trabalho um planejamento de currículo por êles elaborado?

4.º — Disponibilidade de tempo para a realização dessas tarefas item 32

As únicas porcentagens significativas ocorreram entre os horários de **"uma e duas horas"**.

Poder-se-ia concluir que os professôres, embora conscientes de que não poderão realizar essas tarefas dentro do horário escolar, demonstram que não poderão dispor de tempo superior a duas horas?

5.º — Conscientização da necessidade de um preparo específico item 33

Há, por parte tanto dos professôres da Capital, como do Interior, a conscientização de que precisam receber uma preparação especial para levar a cabo, com êxito, um trabalho dessa envergadura. Esta posição é confirmada por aquêles que, embora não demonstrando interêsse em realizar êsse trabalho, ainda assim julgam ser necessário um preparo especial.

Maneira de realizar êsse preparo — item 34

Acusam porcentagens mais significativas **"Cursos Intensivos, Estágios em Órgãos Especializados e Participação em Trabalho de caráter experimental"**.

Poder-se-ia concluir que os Professôres compreendem a importância do trabalho em bases científicas?

Poder-se-ia também perguntar, dada a pouca incidência de respostas sôbre **"Seminários, Mesas Redondas e Debates"** — estariam os professôres, suficientemente cônscios da importância do diálogo em educação?

6.º — Necessidade de remuneração especial na realização dessas tarefas item 35

A maioria dos professôres investigados opinam que a realização dessas tarefas deve receber remuneração específica.

Poder-se-ia concluir que os professôres julgam de justiça remunerar, adequadamente, os trabalhos paralelos ao docente?

7.º — Previsão na Carreira do Professor, de atribuição de avanços em base no aperfeiçoamento pedagógico, no desenvolvimento de tarefas especiais e no nível de atualização técnico-administrativa — item 36

Cinqüenta e três por cento dos professôres da Capital e 56 por cento dos professôres do Interior responderam afirmativamente.

Poder-se-ia perguntar — estarão os professôres insatisfeitos com a atribuição de avanços, sòmente por tempo de serviço?

Julgarão ser medida de justiça atribuir vantagens especiais àqueles que, paralelamente aos anos de experiência, vão aperfeiçoando sua formação profissional, através de constante atualização na ciência educativa?

Dever-se-ia facultar essa vantagem aos que demonstrassem disponibilidade e condições para a realização de tarefas especiais?

8.º — Aspectos da Lei N.º 2338, de 2-1-54 que devem sofrer modificações

Mais de 60 por cento dos professôres da Capital não responderam, o mesmo ocorrendo com 50 por cento dos professôres do Interior, e, daqueles que o fizeram, a resposta que acusou alguma porcentagem significativa foi **"não estou capacitado a opinar"**.

Isto pôsto, perguntar-se-ia:

Haverá falta de conhecimento, por parte dos professôres investigados, da referida Lei?

Estará a referida Lei satisfazendo, plenamente, as expectativas do Magistério Público do Rio Grande do Sul?

Estarão as Entidades de Classe fazendo a divulgação conveniente aos seus associados das Leis que lhes interessam?

Será uma lacuna, no preparo do Normalista, em relação ao conhecimento das Leis e Regulamentos referentes à sua futura carreira?

Conhecimento da LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL — item 39

Na Capital, a porcentagem dos que dizem desconhecer a referida Lei é maior do que no Interior.

Outrossim, aquêles que dizem conhecer a referida Lei, mas que não estão inteiramente de acôrdo com os seus artigos — item 40 — não declaram quais os aspectos que deveriam sofrer modificações.

Isto pôsto, poder-se-ia concluir que há pouca divulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional?

OUTROS ITENS CONSIDERADOS SIGNIFICATIVOS

Necessidade de mais horas de aula por dia — item 10

Apenas 25 por cento dos professôres da Capital e 16 por cento do Interior acham que seus alunos precisam de mais horas de aula, diàriamente. Entretanto, quando se observam as porcentagens do item seguinte — **"no momento, quantas horas de aula dá por dia"** — verifica-se que, na Capital, 56 por cento dos professôres investigados dão, sòmente, 3 horas de aula.

Decorrerá êste "conformismo" dos professôres da Capital, com um tempo tão exíguo para o atendimento de seus alunos, de uma compreensão lógica da realidade escolar que obriga um grande número de unidades escolares, da Capital ,a funcionarem em três turnos?

Ou de uma perspectiva, meramente individualista — regime de trabalho vantajoso — recompensa indiscriminada para os que prestam 4, ou menos de 4 horas de trabalho diário?

A "deteriorização" do padrão de 4 horas seria mais profunda do que parece à primeira vista, pois mais de 50 por cento dos professôres da Capital dão, apenas, 3 horas de aula por dia, apegando-se a um horário prejudicial às realizações das funções da Escola Primária. Esta situação parece só existir em relação à Capital, pois os professôres do Interior, mais de 60 por cento, dão 4 horas de aula por dia e, sòmente, 32 por cento dão 3 horas. Dêstes, 16 por cento acham que precisam de mais horas de aula, uma vez que consideram insuficiente êste tempo para realização de seu trabalho docente.

Possibilidade de deixar o Curso Primário — itens 13, 15, 16 e 17

As porcentagens mais altas, tanto na Capital como no Interior, são sempre em relação **"ao não deixaria"**. Outrossim, as porcentagens referentes aos professôres que gostariam de lecionar em **"Outros Cursos"**, são baixas, principalmente aos professôres da Capital — 9 por cento para o Curso Normal, 8 por cento para o Curso Ginasial e 2 por cento dos que já lecionam.

No Interior as porcentagens dos que gostariam de lecionar ou já lecionam, são um pouco mais altas — 11 por cento, Curso Ginasial; 7 por cento, Curso Normal e 6 por cento já lecionam.

Quando, porém, se observam as porcentagens referentes ao item 21 — **"Cursos que completou"** —, verifica-se que 80 por cento dos professôres da Capital e 74 por cento dos professôres do Interior completaram, apenas, o Curso Normal. Verifica-se também que, sòmente, 15 por cento dos professôres da Capital e 5 por cento do Interior cursaram Faculdade de Filosofia.

Isto pôsto, poder-se-ia concluir que a decisão dos professôres investigados, de permanecer no Curso Primário, seria decorrente da ausência de um título hábil?

Poder-se-ia concluir, ainda, que a maioria dos professôres investigados, mesmo os que têm Curso Superior e que, portanto, estariam habilitados para o Ensino Médio, não desejam deixar o Curso Primário?

Esta decisão em permanecer no Curso Primário seria decorrente de ausência de valorização, através de concurso de títulos para ingresso no Ensino Médio e ausência de estabilidade, contrato substituindo nomeação?

Poder-se-ia, também, concluir que os professôres do Ensino Primário que possuem Curso Superior e não pretendem ingressar no Ensino Médio, visavam, apenas, um "status superior"?

Se, do total dos professôres investigados, forem descontados os que não freqüentaram outro curso, além do Curso Normal, e o total dos que, tendo-os freqüentado, estiveram em Cursos de Especialização — **Educação Física, Jardim de Infância, Música** — e não de aperfeiçoamento, conclui-se que: a formação pedagógica dos professôres investigados, em sua maioria, termina com sua diplomação na Escola Normal.

Atividade docente do Professor Primário

Outro curso na mesma escola — item 5

Noventa e quatro por cento dos professôres da Capital e 92 por cento do Interior não lecionam em outro curso da mesma escola.

Outra escola da mesma cidade — item 6

Noventa e dois por cento dos professôres da Capital não lecionam em outra escola, e daqueles que o fazem, estão em igual porcentagem para a Escola Secundária Pública e Secundária Particular.

No Interior, a porcentagem é mais baixa — 80 por cento — e daqueles que o fazem, a maior porcentagem ocorre em relação à Escola Secundária Particular.

Alunos particulares — item 8

Noventa e três por cento dos professôres da Capital não têm alunos particulares. Esta porcentagem é mais baixa para os professôres do Interior — 83 por cento, não os têm.

Emprêgo ou trabalho além do Magistério Primário — item 9

Noventa e dois por cento dos professôres da Capital não têm outro emprêgo ou trabalho, além do Magistério Primário.

No Interior, esta porcentagem é um pouco mais baixa — 78 por cento não têm outro emprêgo ou trabalho.

Outrossim, aquêles que exercem outra atividade, além do Magistério Primário, estão, em maior porcentagem, no Ensino Médio.

COMENTÁRIO FINAL

Desta primeira tentativa de abordagem de alguns aspectos da atuação do Professor Público do Ensino Primário do Estado do Rio Grande do Sul, levando em consideração as limitações decorrentes de um estudo desta natureza, e com base no que foi possível constatar, poder-se-ia chegar a algumas conclusões, embora em caráter não definitivo, tais como:

1 — Não há, ainda, um perfeito conhecimento de todos os pontos que caracterizam a Reforma do Ensino Primário, pois tanto os professôres da Capital como do Interior, deram maior ênfase à "RECUPERAÇÃO e AGRUPAMENTO POR IDADE CRONOLÓGICA".

2 — Os professôres investigados demonstraram interêsse na realização de outras tarefas paralelas ao trabalho docente, dando preferência à "ASSISTÊNCIA SOCIAL ESCOLAR, INSTITUIÇÕES ESCOLARES, e ORIENTAÇÃO EDUCATIVA".

3 — Há disponibilidade de tempo, por parte tanto dos professôres da Capital como do Interior, **para a realização de outras tarefas não previstas dentro de suas atribuições legais**, pois a maioria dêles não tem alunos particulares, nem emprêgo ou trabalho além do Magistério Primário.

4 — Consideram necessário o preparo específico para a realização das referidas tarefas, assim como remuneração adequada.

5 — Mais de 50 por cento dos professôres investigados estão de acôrdo com a previsão, na Carreira do Professor, de avanços em base no aperfeiçoamento pedagógico, no desenvolvimento de tarefas especiais e no nível de atualização técnico-administrativa.

6 — Não há pleno conhecimento, por parte dos professôres investigados, não só de suas atribuições legais como também das Leis N.º 2338, de 2-1-54 e N.º 4024, de 20-12-61.

SUGESTÕES

Com base no que se pôde apreciar neste primeiro "survey" e considerando que os ângulos abordados em certos itens poderão se completar através de outras sondagens, pensando, outrossim, nas possíveis implicações práticas dêste estudo, sugere-se ao Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais que intensifique:

— a promoção de Sessões de Estudos, Debates e Mesas Redondas com a finalidade de difundir, ainda mais, o conhecimento dos pontos que caracterizam a Reforma do Ensino Primário;

— a organização de Cursos Intensivos para os professôres que demonstram interêsse na realização de tarefas especiais, possibilitando, outrossim, estágios em órgãos Especializados com a mesma finalidade;

— a organização de Equipes Especializadas que tenham possibilidade de se deslocar para o interior do Estado, a fim de dar uma assistência técnica mais efetiva aos professôres interessados em realizar trabalhos especiais;

— a promoção de Cursos de Aperfeiçoamento Pedagógico e de Extensão Cultural, visando incentivar os professôres para uma constante atualização;

— a orientação às Escolas Normais para que no planejamento de seus currículos, dêem maior ênfase aos pontos característicos da Reforma do Ensino Primário, ao estudo das leis que regem a Carreira do Professor e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Solicitando, outrossim, que:

— apresente sugestões às Entidades de Classe do Magistério Primário para que realizem uma sondagem entre seus associados para auscultar sua opinião a respeito da inclusão, na Carreira do Professor, **de avanços em base no aperfeiçoamento pedagógico, no desenvolvimento de tarefas especiais e na atualização técnico — administrativa;**

— veja da possibilidade de comunicar às Delegacias Regionais de Ensino o resultado do presente estudo;

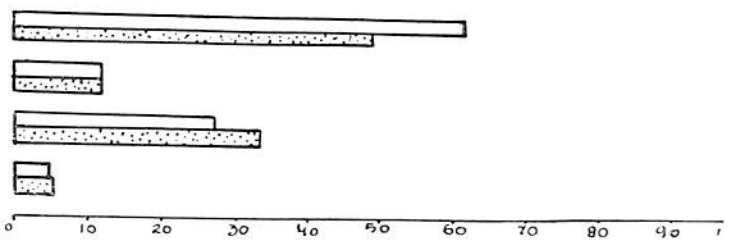
— realize outro "survey" para verificar se com uma amostragem, incluindo professôres contratados já agora pertencentes à Carreira do Professor, seguiria a mesma linha de pensamento em relação aos objetivos principais do primeiro "survey".

QUESTIONÁRIO

Indique em resposta, preenchendo os espaços em branco, ou fazendo um círculo em tôrno do número adequado.
Esta ordem vale para todo o questionário.

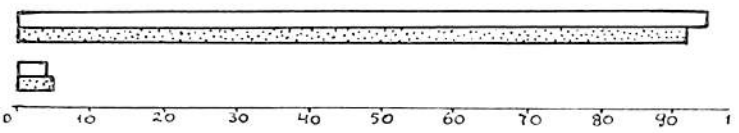
1. Nome da Escola .....
2. Localidade ..... Município.....
3. Região Escolar .....
4. Turno em que leciona .....

Manhã . .
Intermediário . . .
Tarde . . .
Vespertino



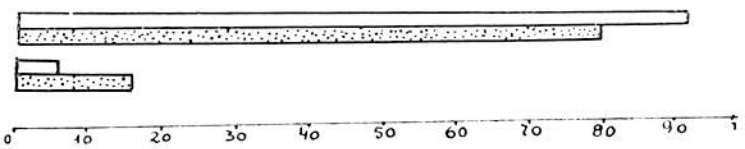
5. Leciona em mais de um curso da mesma Escola?

Não . . . .
Sim . . . .
Qual? . . .



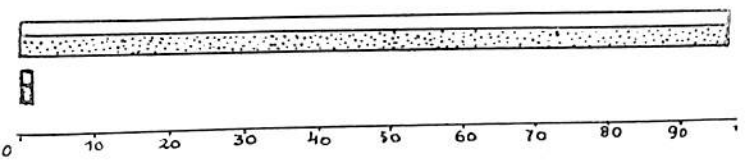
6. Leciona em outra Escola da mesma cidade?

Não . . . .
Sim . . . .
Qual? . . .



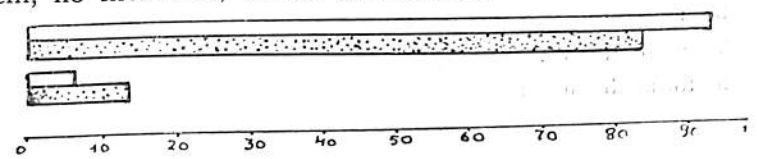
7. Leciona em Escola de outra localidade?

Não . . . .
Sim . . . .
Qual? . . .



8. Você tem, no momento, alunos particulares?

Não . . . .
Sim . . . .
Quantos? .

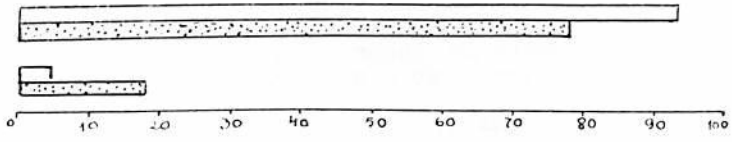


9. Tem emprêgo ou trabalho, além do Magistério Primário?

Não . . . .

Sim . . . .

Qual? . . .



CAPITAL =

INTERIOR =

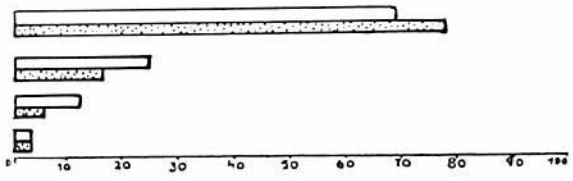
10. Você acha que seus alunos estão precisando ter mais horas de aula por dia?

Não . . . . . .

Sim . . . . . .

1 hora . . . . . .

2 horas . . . . . .



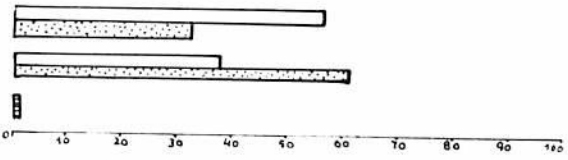
11. No momento, quantas horas de aula dá **por dia** no Curso Primário?

Até 3 horas . . . . .

de 4 a 6 horas . . .

de 7 a 9 horas . . .

Mais de 10 horas . .



12. Há quanto tempo você exerce o Magistério Primário?

menos de 2 anos . . .

de 3 a 6 anos . . . .

de 7 a 10 anos . . .

de 11 a 14 anos . . .

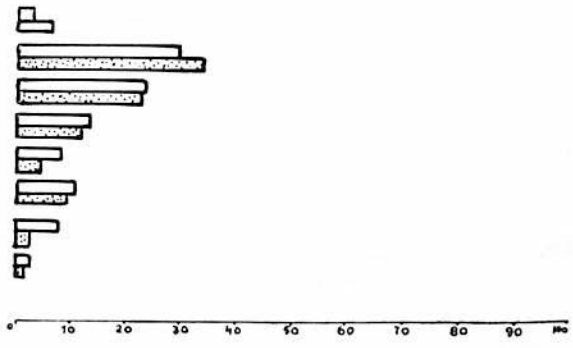
de 15 a 18 anos . . .

de 19 a 22 anos . . .

de 23 a 26 anos . . .

de 27 a 30 anos . . .

de mais de 30 anos .

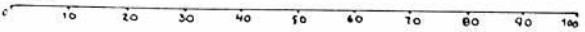


13. Se tivesse oportunidade, deixaria de lecionar no Curso Primário para lecionar em outro curso?

Não . . . . .

Sim . . . . .

Já lecionou? . . . .

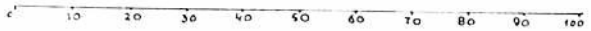


14. Se sua resposta foi afirmativa em que curso gostaria de lecionar?

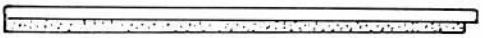
Normal . . . . .

Ginásio . . . . .

Outros cursos . . . .

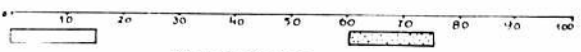


15. Se tivesse oportunidade, deixaria de lecionar para exercer uma função técnica?

Não . . . . . 

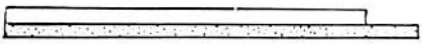
Já exerce . . . . . .

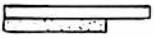
Sim . . . . .

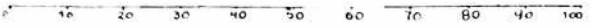
Qual? . . . . . 

CAPITAL = INTERIOR =

16. Se tivesse oportunidade de realizar um Curso Superior, vosé deixaria o Magistério Primário?

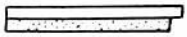
Não . . . . . 

Sim . . . . . 



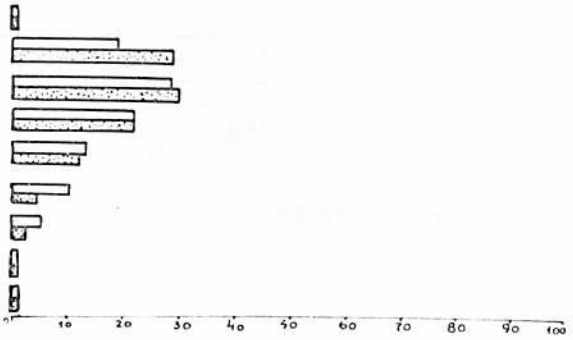
17. Se houvesse condições equivalentes de vencimentos entre o Magistério Primário e o Secundário você deixaria o Curso Primário?

Sim . . . . .

Não . . . . . 

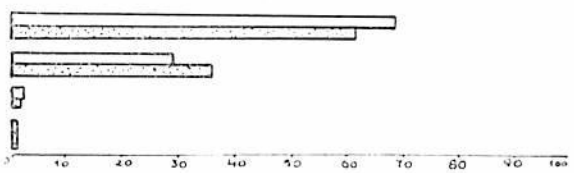
18. Qual a sua idade?

Menos de 20 . . . .
De 21 a 25 . . . . .
De 26 a 30 . . . . .
De 31 a 35 . . . . .
De 36 a 40 . . . . .
De 41 a 45 . . . . .
De 46 a 50 . . . . .
De 51 a 55 . . . . .
+ de 55 . . . . .



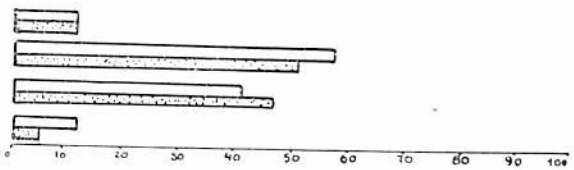
19. Estado civil?

Casado . . . . . .
Solteiro . . . . . .
Viúvo . . . . . .
Desquitado . . . . . .



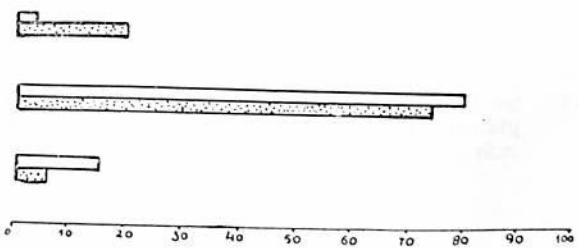
20. Você tem filhos?

Não . . . . . .
Sim . . . . . .
De 1 a 3 filhos . . .
De 4 a 6 filhos . . .

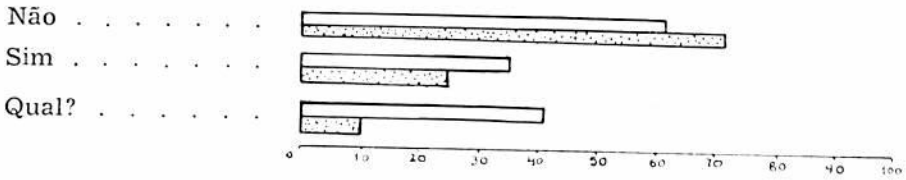


21. Que curso completou?

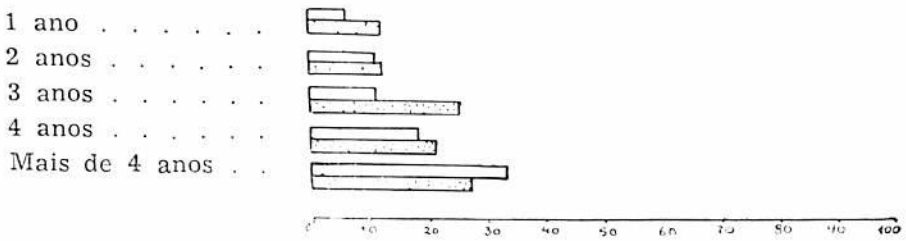
Primário . . . . . .
Ginasial . . . . . .
Normal Regional (1.º ciclo) . . . . . .
Normal Rural . . . .
Normal 2.º ciclo . . .
Curso Colegial . . . .
Faculdade de Filosofia
Outro . . . Qual? . . .



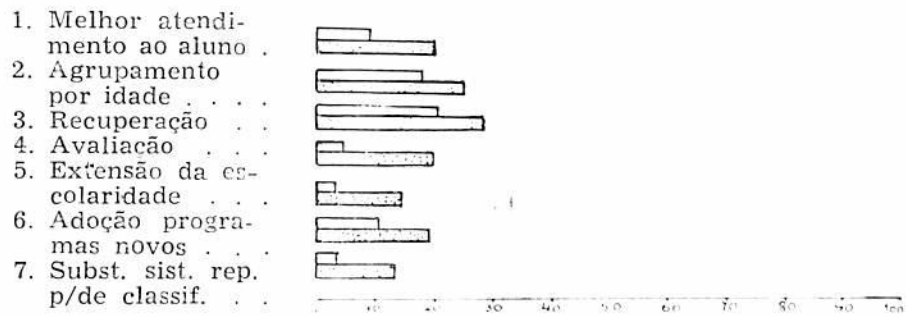
22. Você já realizou algum Curso de Especialização ou Aperfeiçoamento?



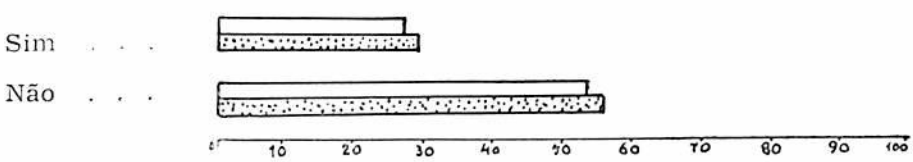
23. Como é do seu conhecimento, o Rio Grande do Sul implantou uma Reforma no seu sistema de ensino; sua experiência de trabalho escolar em relação a essa Reforma é de:



24. Quais são os pontos que caracterizam essa Reforma?

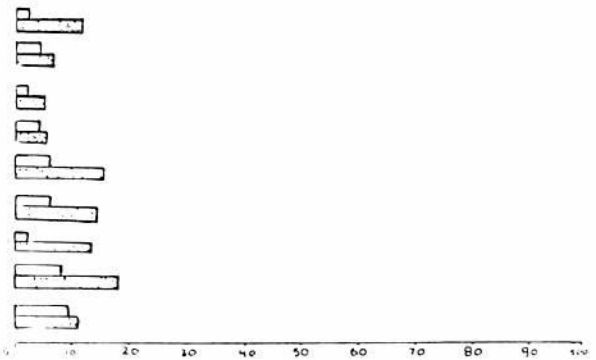


25. Você aprova a maioria das diretrizes da Reforma?



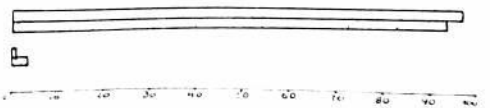
26. Justifique a resposta anterior:

1. Tempo insuficiente .....
2. Classes numerosas .....
3. Base deficiente .....
4. Desinterêsse do aluno .....
5. Adoção de programas novos .....
6. Oportunidade de recuperação .....
7. Agrupamento por idade .....
8. Para melhoria do ensino .....
9. Outros motivos .....



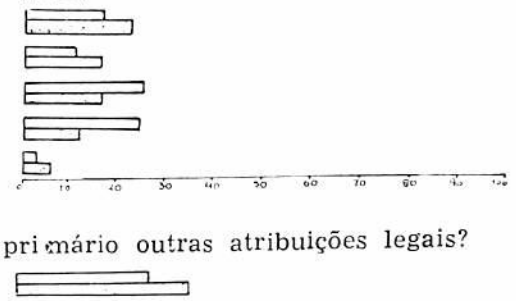
27 Você acha que se remunera convenientemente o professor primário?

Não .....
Sim .....



28. No caso de resposta negativa, você acha que a remuneração mensal do professor primário deverá ser, em cruzeiros:

Até 100.000 .....
de 101.000 a 125.000 .....
de 126.000 a 150.000 .....
de 151.000 a 175.000 .....
de 176.000 a 200.000 .....
Mais de 200.000 .....
Salário móvel .....



29. Você acha que além da atividade docente tem o professor primário outras atribuições legais?

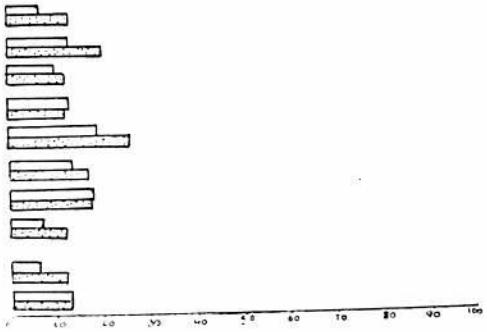
Não .....
Sim .....
Não sei .....

30. Se sua resposta fôr afirmativa quais são essas atribuições?

Presidir a execução e julgamento de provas .....
Participar de bancas de exame .....
Promover contato social com os pais dos alunos .....
Assumir direção das instituições escolares .....
Participar de comemorações cívicas .....
Fazer relatórios e regimentos escolares .....
Outras tarefas correlatas .....

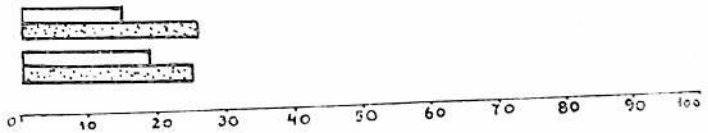
31. Se tivesse oportunidade, paralelamente com a função docente no Curso Primário, gostaria de desempenhar outras tarefas tais como:

Planejamento do currículo de sua escola .....
Elaboração de provas .....
Pesquisas e experiências .....
Pesquisa de campo .....
Assistência social escolar .....
Orientação educativa .....
Instituições escolares .....
Orientação do Clube de Mães .....
Curso para pais .....o
Cooperação c/o Serviço Méd. Esc. .....



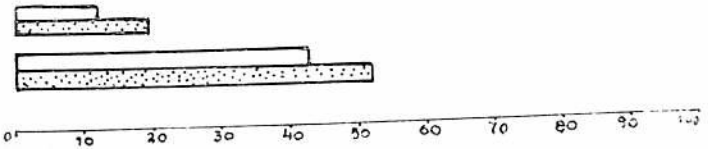
32. Quantas horas diárias poderia dedicar para a realização destas tarefas?

1 hora .....
2 horas .....



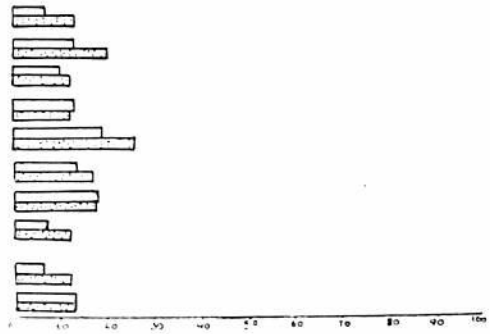
33. Para a realização das tarefas, acima citadas, ju'ga necessário um preparo específico?

Não .....
Sim .....



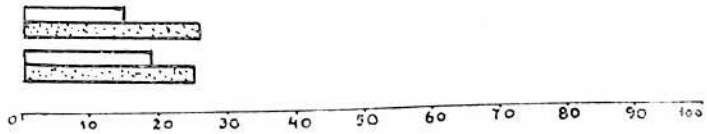
31. Se tivesse oportunidade, paralelamente com a função docente no Curso Primário, gostaria de desempenhar outras tarefas tais como:

Planejamento do currículo de sua escola .....
Elaboração de provas .....
Pesquisas e experiências .....
Pesquisa de campo .....
Assistência social escolar .....
Orientação educativa .....
Instituições escolares .....
Orientação do Clube de Mães .....
Curso para pais .....o
Cooperação c/o Serviço Méd. Esc. .....



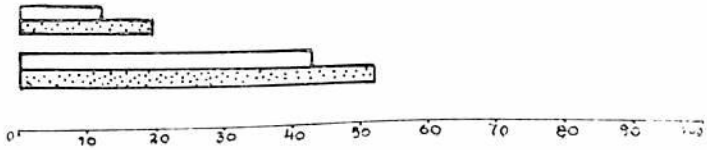
32. Quantas horas diárias poderia dedicar para a realização destas tarefas?

1 hora .....
2 horas .....



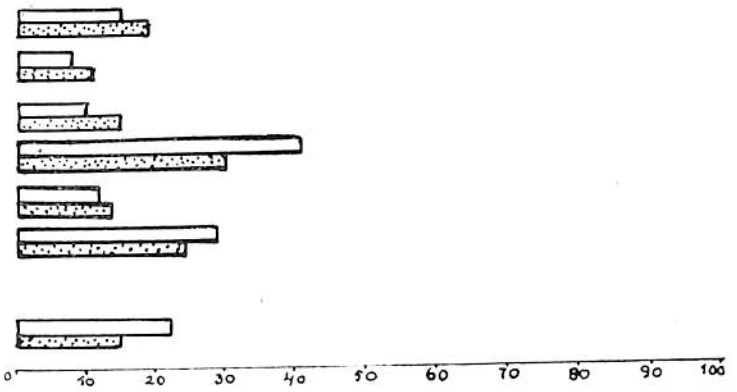
33. Para a realização das tarefas, acima citadas, julga necessário um preparo específico?

Não .....
Sim .....



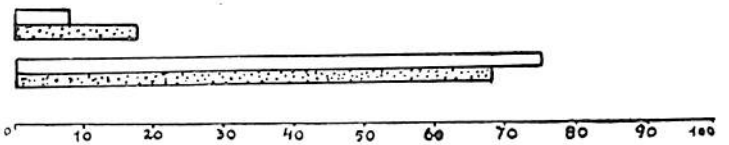
34. Em caso afirmativo êste preparo seria desenvolvido através de:

seminários .....
mesas redondas .....
debates .....
cursos intensivos .....
caracter técnico prático .....
estágios em órgãos especializados .....
participação em trabalhos em caráter experimental .....



35. Considera que deve haver, por parte das autoridades, uma preocupação em remunerar o professor chamado a desempenhar estas tarefas, em horário complementar às 22 horas semanais previstas em lei?

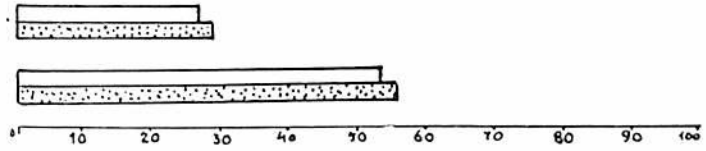
Não .....
Sim .....



36. Considera oportuna a previsão, na carreira do professor, de atribuições de avanços com base no aperfeiçoamento pedagógico, no desenvolvimento de tarefas especiais e no nível de atualização técnico administrativo?

Não .....

Sim .....



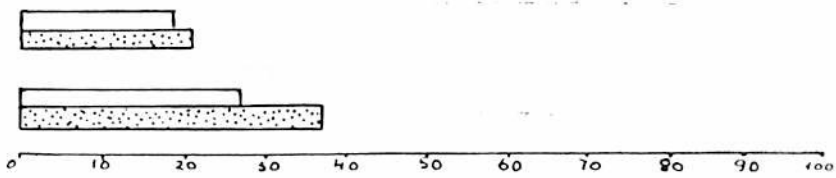
37. Que aspectos da Lei n.º 2338 de 2/1/54, Estatuto do Magistério Público do Estado, devem sofrer modificações?

38. O Estatuto do Magistéreo insere itens que não foram executados. Que sugestões apresenta para regulamentação desses itens e sua devida aplicação?

39. Você conhece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que diz respeito ao Ensino Primário?

Sim .....

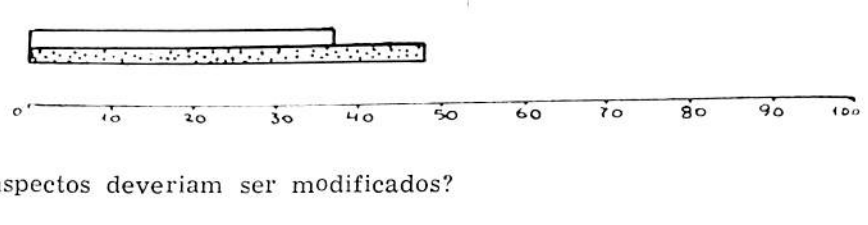
Não .....



40. Se a sua resposta fôr afirmativa, está inteiramente de acôrdo com os artigos desta Lei, no que se refere ao ensino primário?

Não .....

Sim .....



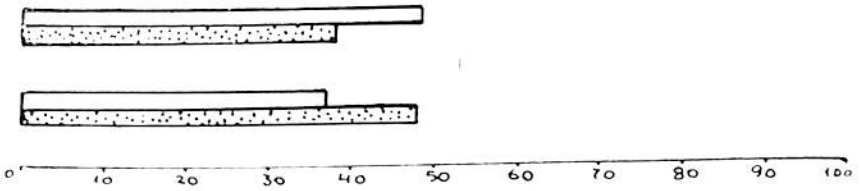
41. Se sua resposta fôr negativa, que aspectos deveriam ser modificados?

Pela atenção dispensada a êste questionário, que é do interêsse imediato do Professor Primário, fica expresso o agradecimento do C.P.O.E.

40. Se a sua resposta fôr afirmativa, está inteiramente de acôrdo com os artigos desta Lei, no que se refere ao ensino primário?

Não .....

Sim .....



41. Se sua resposta fôr negativa, que aspectos deveriam ser modificados?

Pela atenção dispensada a êste questionário, que é do interêsse imediato do Professor Primário, fica expresso o agradecimento do C.P.O.E.

LEVANTAMENTO DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE NÍVEL MÉDIO DA CAPITAL

O B J E T I V O S

— Recolher dados para avaliar os padrões em que está se processando o ensino religioso nas escolas.

— Colhêr subsídios para o Setor de Orientação do Ensino Religioso.

GRUPO DE TRABALHO

Prof.ª INÁ SILVA

Coordenadora do Serviço de Pesquisas

Prof.ª IRMÃ NORMA MARIA DIAS DOS SANTOS

Coordenadora do Setor de Ensino Religioso

Prof.ª NEIDE UCHÔA XAVIER e

Prof.ª MARIA ELENA DE ALMEIDA NUNES

do Serviço de Pesquisas

DESENVOLVIMENTO DO PLANO

Para efetivar o levantamento foi remetido às escolas um ofício circular, acompanhado de um questionário.

Posteriormente uma comissão recolheria as informações solicitadas.

Como, porém, a maioria das escolas não dispunha de dados atualizados, foram os questionários preenchidos e enviados, mais tarde, ao C. P. O. E.

Responderam ao questionário: quatro escolas normais, quatro colégios e oito ginásios, num total de dezesseis estabelecimentos.

A tabulação das respostas a algumas perguntas incluídas no questionário, permitiu tratamento quantitativo e cálculo de porcentuais que serão comentados e apresentados sob a forma de gráficos.

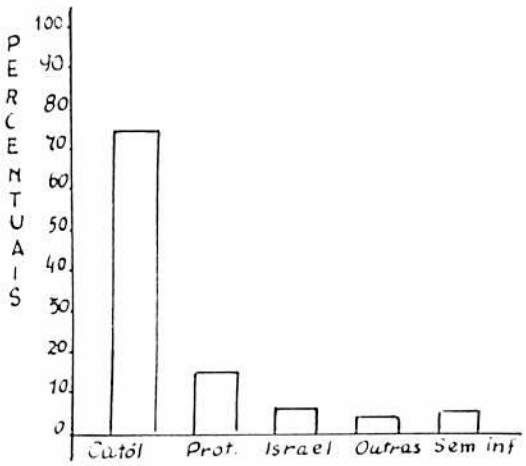
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Item 1 — "NÚMERO DE PROFESSÔRES QUE LECIONAM NOS DIFERENTES CREDOS REGISTRADOS NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO" — gráfico anexo.

Em relação a essa pergunta do questionário, tornou-se sobremaneira evidente a quantidade de professôres de Ensino Católico, 74%, em contraposição aos demais credos que, juntos, não conseguem perfazer 30% sôbre o total.

Isto se explica por tratar-se da religião predominante no país.

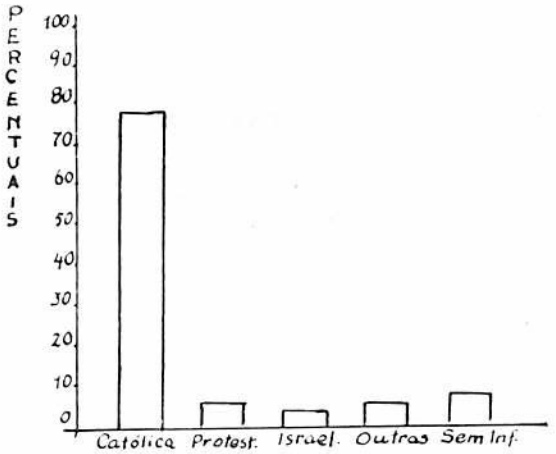
NÚMERO DE PROFESSÔRES QUE LECIONAM NOS DIFERENTES CREDOS REGISTRADOS NA SEC.



Item 2 — **"NÚMERO DE ALUNOS DE CADA CREDO RELIGIOSO"**

O número de estudantes católicos é de 78% sôbre um total de 6824 alunos que perfazem a matrícula geral das escolas levantadas; os estudantes que professam outros credos atingem 14% e os que não declararam a religião que professam são os restantes, 8% sôbre o total.

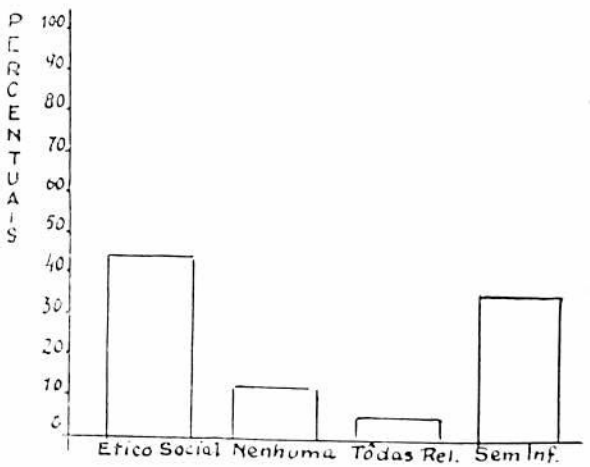
NÚMERO DE ALUNOS DE CADA CREDO RELIGIOSO



Item 6 — **"TIPO DE ASSISTÊNCIA DISPENSADA AOS ALUNOS QUE NÃO PERTENCEM A NENHUM DOS CREDOS REGISTRADOS NA SEC"**

A assistência dispensada aos alunos que não pertencem aos credos religiosos atendidos pela escola, apresenta a seguinte situação: 43% das escolas proporcionam educação ético-social ou moral e cívica; 12%, não proporcionam nenhuma assistência e 37% das escolas não responderam a essa questão. Ainda 8% dos alunos de outros credos assistem às aulas de Educação Católica, juntamente com os alunos que professam essa religião.

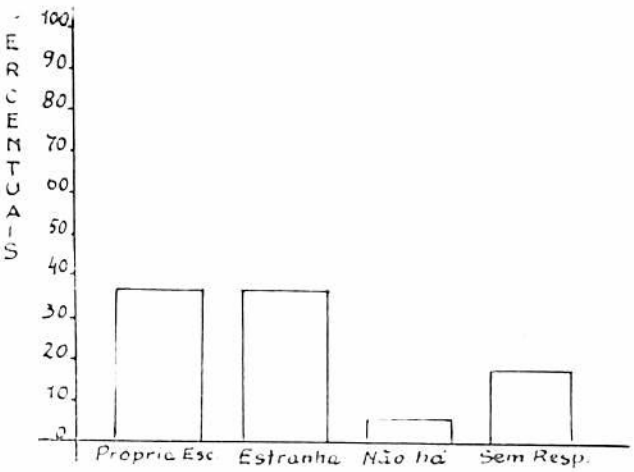
ASSISTÊNCIA DISPENSADA AOS QUE NÃO PERTENCEM AOS CREDOS REGISTRADOS NA SEC



Item 7 — **"QUEM SUPERVISIONA O ENSINO DOS DIFERENTES CREDOS"**

A análise das respostas a êsse ítem apresentou uma interessante coincidência: 37% das escolas têm supervisão da própria escola e outros 37% têm supervisão de elementos estranhos ao corpo docente. Dos restantes, 8% não têm supervisor para o ensino religioso e 18% não responderam a êsse ítem.

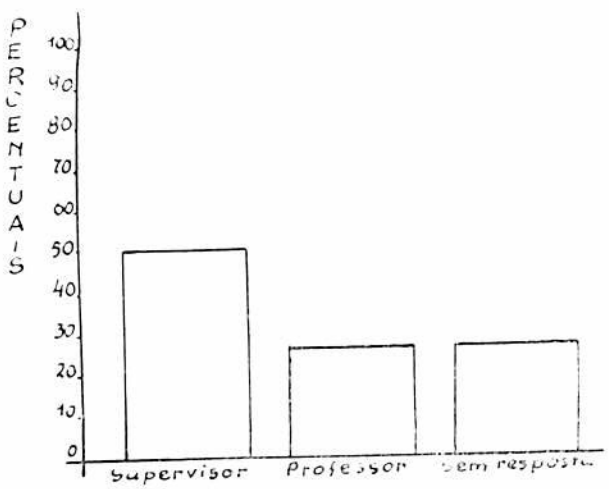
QUEM SUPERVISIONA O ENSINO DOS DIFERENTES CREDOS



ITEM 8 — **"QUEM ELABOROU O PROGRAMA EM USO"**

50% dos programas em uso nas escolas, foram elaborados pelos supervisores; 25%, pelos próprios professôres e 25% das escolas não responderam a essa pergunta.

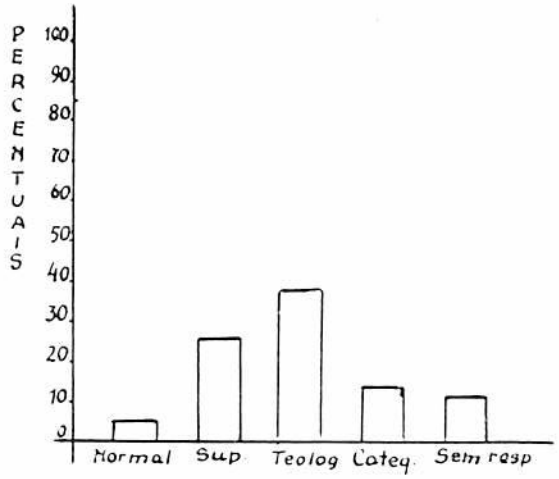
QUEM ELABOROU OS PROGRAMAS EM USO



Item 11 — **"TÍTULOS OU CURSOS QUE POSSUEM OS PROFESSÔRES"**

Dentre os professôres que atendem ao ensino religioso, ficou constatado que a maioria possui curso de Teologia (PUC), sendo 38% sôbre o total; outros 15% são catequistas; dos restantes, 26% tem cursos superiores, 7% curso normal e 14% não responderam.

TÍTULOS OU CURSOS QUE OS PROFESSÔRES POSSUEM

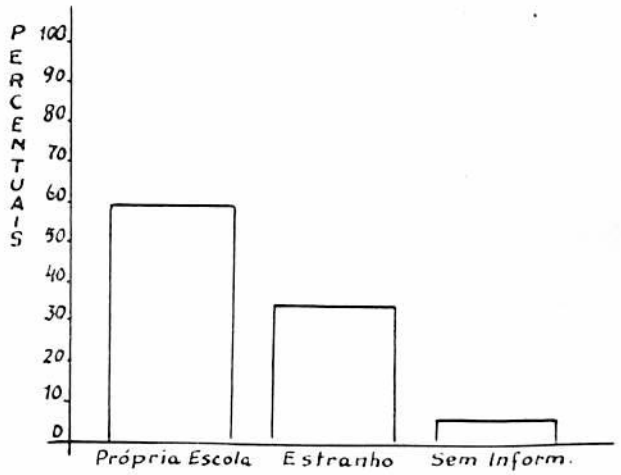


Item 13 — **"PROCEDÊNCIA DOS PROFESSÔRES DO ENSINO RELIGIOSO"**

a) INTEGRANTES DO CORPO DOCENTE
b) ESTRANHOS AO CORPO DOCENTE

A maioria dos professôres pertence às próprias escolas, 58,5% sôbre o total e, em geral, são professôres leigos; 34,5% são estranhos ao corpo docente: padres, religiosos, pastôres, rabinos. Não responderam a essa pergunta 7% das escolas.

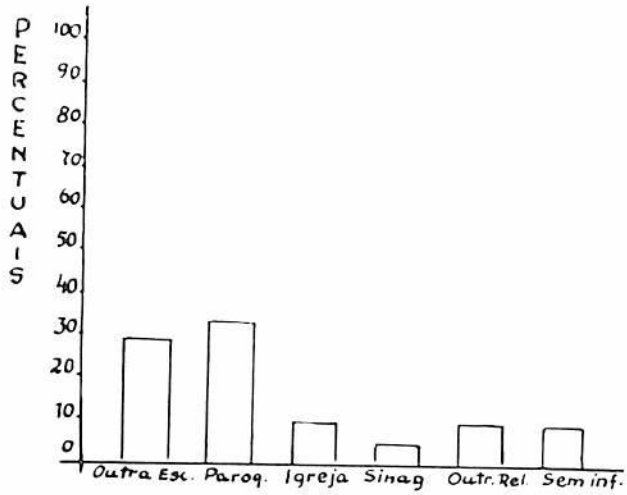
PROCEDÊNCIA DOS PROFESSÔRES DO ENSINO RELIGIOSO



Item 14 — **"SE NÃO PERTENCEM AO CORPO DOCENTE, DONDE PROVÊM"**

Os 20 professôres que não pertencem às escolas estão assim grupados: 35% são vigários das paróquias a que pertencem as escolas; 30% são professôres de outras escolas e espontâneamente ministram as aulas de religião; os restantes são pastôres ou rabinos.

PROVENIÊNCIA DOS PROFESSÔRES QUE NÃO PERTENCEM AO CORPO DOCENTE DAS ESCOLAS



Os itens n.os 3, 4, 5, 9, 10 e 12 não foram comentados porque não permitiram uma quantificação ou apresentação gráfica.

As escolas que responderam ao questionário serão relacionadas em fôlha anexa, bem como as paróquias e igrejas.

COMENTÁRIO FINAL

Os resultados obtidos com a tabulação dos dados enviados pelas escolas demonstram que não há professôres em número suficiente para ministrar educação religiosa nas escolas de nível médio.

As escolas que proporcionam educação religiosa sobrecarregam os professôres, embora se tenham constatado algumas exceções como é o caso do Instituto de Educação Gen. Flôres da Cunha.

O levantamento demonstrou que há um (1) período de aula semanal, quando a lei que regulamenta o ensino religioso, prevê dois.

Não há uniformidade ou, ao menos, uma linha geral para organização dos programas de Ensino Religioso.

LEVANTAMENTO DOS PROGRAMAS

O levantamento foi feito em 16 escolas que foram as que responderam o questionário enviado. Apresentaram o programa de Religião, 5 escolas, e o de Valôres Morais e Cívicos apenas 1 escola.

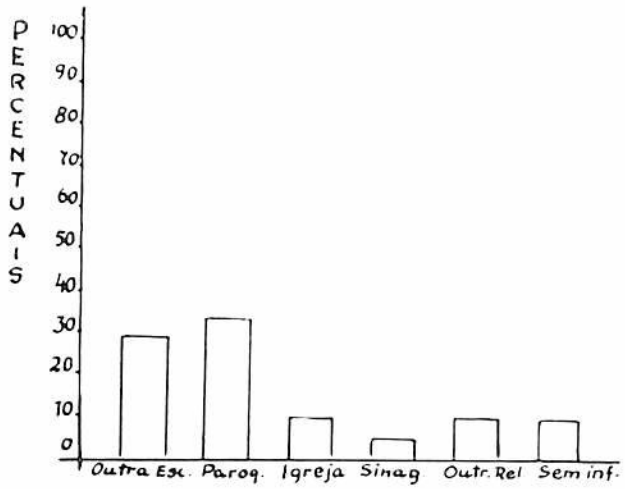
Programas de Religião:

Instituto de Educação Gen. Flôres da Cunha: Mandamentos, Sacramentos, Catequese Bíblica.

Item 14 — **"SE NÃO PERTENCEM AO CORPO DOCENTE, DONDE PROVÊM"**

Os 20 professôres que não pertencem às escolas estão assim grupados: 35% são vigários das paróquias a que pertencem as escolas; 30% são professôres de outras escolas e espontâneamente ministram as aulas de religião; os restantes são pastôres ou rabinos.

PROVENIÊNCIA DOS PROFESSÔRES QUE NÃO PERTENCEM AO CORPO DOCENTE DAS ESCOLAS



Os itens n.ºs 3, 4, 5, 9, 10 e 12 não foram comentados porque não permitiram uma quantificação ou apresentação gráfica.

As escolas que responderam ao questionário serão relacionadas em fôlha anexa, bem como as paróquias e igrejas.

COMENTÁRIO FINAL

Os resultados obtidos com a tabulação dos dados enviados pelas escolas demonstram que não há professôres em número suficiente para ministrar educação religiosa nas escolas de nível médio.

As escolas que proporcionam educação religiosa sobrecarregam os professôres, embora se tenham constatado algumas exceções como é o caso do Instituto de Educação Gen. Flôres da Cunha.

O levantamento demonstrou que há um (1) período de aula semanal, quando a lei que regulamenta o ensino religioso, prevê dois.

Não há uniformidade ou, ao menos, uma linha geral para organização dos programas de Ensino Religioso.

LEVANTAMENTO DOS PROGRAMAS

O levantamento foi feito em 16 escolas que foram as que responderam o questionário enviado. Apresentaram o programa de Religião, 5 escolas, e o de Valôres Morais e Cívicos apenas 1 escola.

Programas de Religião:

Instituto de Educação Gen. Flôres da Cunha: Mandamentos, Sacramentos, Catequese Bíblica.

— Colégio Americano: Programa dentro do Cristocentrismo.
— Colégio "Pio XII": A aliança de Deus com os homens.
— E. N. "1.º de Maio": Religião católica — História da Salvação. Religião protestante — Atos dos Apóstolos.
— E. N. Luiza T. Lauffert: Missa, Bíblia (1.ª série). Nova e antiga aliança. Missões e apostolado atuais, 2.ª série. — Parábolas e milagres de Jesus — Diversas religiões, 3.ª série. — Didática, 4.ª série.

O programa em algumas escolas está dentro do espírito de renovação catequética que visa a educação da fé viva do aluno e na apresentação da História da Salvação, observando a unidade do Mistério de Cristo, isto é, a relação que há na promessa, realização e atualização da Mensagem.

Quanto ao programa de Valôres Morais e Civismo, tivemos dificuldade em realizar uma apreciação objetiva, pois o material chegado às nossas mãos compreendeu apenas uma simples relação de conteúdos, prevalecendo temas sôbre civismo.

ESCOLAS QUE ENVIARAM O QUESTIONÁRIO

— G. E. "Cândido José de Godoy"
— Instituto de Educação "Gen. Flôres da Cunha"
— G. E. "Infante Dom Henrique"
— G. E. "Inácio Montanha"
— G. E. "Pio XII"
— Instituto Piratini
— G. E. "Padre Reus"
— G. E. "Décio Martins Costa"
— G. E. "Arlindo Pasqualini"
— Ginásio junto ao Grupo Escolar "Souza Lôbo"
— E. N. "Luiza Teixeira Lauffert"
— Colégio "Rui Barbosa"
— Colégio Americano
— E. N. "1.º de Maio"
— E. N. "Paulo da Gama"
— E. N. E. "Dom Diogo de Souza"

PARÓQUIAS A QUE PERTENCEM AS ESCOLAS LEVANTADAS

— Santa Catarina
— São Geraldo
— Menino Deus
— Cristo Redentor
— Tristeza
— São João
— N. Sra. do Rosário
— N. Sra. da Conceição
— N. Sra. Auxiliadora
— São Jorge
— Catedral Metropolitana
— Santo Antônio

ESTUDO SÔBRE O PROGRAMA DE GRAMÁTICA FUNCIONAL DE 5.º ANO

GRUPO DE TRABALHO

Prof.ª INÁ SILVA

SYDIA SANT'ANNA BOPP
Técnico em Educação

YANDIR MARTINS SANTOS
Técnico em Educação

JUSTIFICATIVA

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, visando ao conhecimento e estudo das dificuldades encontradas no desenvolvimento do programa de Gramática Funcional, nas classes de quinto ano do curso primário, nas diferentes Regiões Escolares, procedeu a um "survey" para auscultar a opinião, não só de Professôres, como também dos Orientadores de Educação Primária.

ESTUDO SÔBRE O PROGRAMA DE GRAMÁTICA DE 5.º ANO PRIMÁRIO

INSTRUMENTOS:

— Questionário para Professôres e Orientadores de Educação Primária.

— Gráficos representativos.

P R O B L E M A

Que aspectos do programa de Gramática Funcional estão encontrando maiores dificuldades no seu desenvolvimento?

O B J E T I V O S

— Conhecer os aspectos "difíceis" e "mais difíceis" do programa.

— Conseguir subsídios para diretrizes destinadas às atividades do programa de Gramática Funcional.

DESENVOLVIMENTO DO PLANO
POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram selecionadas, ao acaso ou aleatòriamente, determinadas unidades, nas diferentes Regiões Escolares que constituiriam a amostra.

A — Regiões representadas: 17. através dos professôres
18, através dos orientadores

B — Professôres que opinaram: 254

C — Orientadores: 66

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
1 — Oração subordinada	48% 44%	8% 6%	44% 50%	Professôres Orientadores
2 — Orações coordenadas	48% 42%	8% 0%	44% 58%	Professôres Orientadores
3 — Oração sub. subst.	47% 51%	40% 20%	13% 29%	Professôres Orientadores
4 — Oração sub. adjetiva	47% 50%	36% 20%	17% 30%	Professôres Orientadores
5 — Oração sub. adverbial	42% 48%	31% 15%	27% 37%	Professôres Orientadores

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
6 — Período comp. p/coord.	45% 35%	12% 5%	43% 60%	Professôres Orientadores
7 — Período comp. p/sub.	48% 48%	15% 9%	37% 43%	Professôres Orientadores
8 — Período comp. p/coord. e subordinação	44% 49%	33% 32%	23% 19%	Professôres Orientadores
9 — Apôsto	34% 52%	15% 12%	51% 36%	Professôres Orientadores
10 — Vocativo	30% 52%	15% 8%	55% 40%	Professôres Orientadores
11 — Substantivo sobrecomum	46% 47%	8% 5%	46% 48%	Professôres Orientadores
12 — Substantivo epiceno	46% 35%	7% 3%	47% 62%	Professôres Orientadores

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
13 — Raiz	39% 42%	4% 3%	57% 55%	Professôres Orientadores
14 — Grau comparativo de superioridade do adj.	27% 44%	4% 0%	69% 56%	Professôres Orientadores
15 — Grau comp. de inferioridade do adjetivo	27% 42%	4% 0%	69% 58%	Professôres Orientadores
16 — Grau superlativo relativo	52% 55%	11% 0%	37% 45%	Professôres Orientadores
17 — Grau superlativo de superioridade	52% 50%	10% 14%	38% 36%	Professôres Orientadores
18 — Grau superlativo de inferioridade	53% 53%	10% 15%	37% 32%	Professôres Orientadores
19 — Locução adjetiva	51% 45%	13% 14%	36% 41%	Professôres Orientadores

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
20 — Grau superlativo absoluto	44% 55%	12% 11%	44% 34%	Professôres Orientadores
21 — Tempos do modo subj.	40% 52%	3% 5%	57% 43%	Professôres Orientadores
22 — Tempos do modo imp.	47% 58%	21% 11%	32% 31%	Professôres Orientadores
23 — Verbos irregulares	47% 55%	15% 15%	38% 30%	Professôres Orientadores
24 — Verbos auxiliares	41% 53%	6% 5%	53% 42%	Professôres Orientadores
25 — Gerúndios	18% 36%	2% 6%	80% 58%	Professôres Orientadores
26 — Tempos compostos do verbo	50% 53%	26% 18%	24% 29%	Professôres Orientadores

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
27 — Locução verbal	47% 58%	19% 14%	34% 28%	Professôres Orientadores
28 — Verbo transitivo	40% 35%	9% 11%	51% 54%	Professôres Orientadores
29 — Verbo intransitivo	41% 45%	11% 14%	48% 41%	Professôres Orientadores
30 — Verbo transitivo direto	46% 47%	13% 15%	41% 38%	Professôres Orientadores
31 — Verbo transitivo ind.	49% 48%	14% 15%	37% 37%	Professôres Orientadores
32 — Verbo transitivo direto e indireto	54% 50%	16% 21%	30% 29%	Professôres Orientadores
33 — Pronome relativo	39% 44%	8% 11%	53% 45%	Professôres Orientadores

Conteúdo Programático	Difíceis	M. Difíceis	Fáceis	Elem. que opinaram
34 — Pronome substantivo	41% 52%	7% 3%	52% 45%	Professôres Orientadores
35 — Pronome adjetivo	41% 51%	7% 5%	52% 44%	Professôres Orientadores
36 — Conjunção coordenativa	46% 38%	15% 11%	39% 51%	Professôres Orientadores
37 — Conjunção subordinativa	54% 52%	15% 15%	31% 33%	Professôres Orientadores
38 — Locução conjuntiva	54% 59%	26% 20%	20% 21%	Professôres Orientadores
39 — Grau comp. de igualdade do advérbio	44% 61%	17% 12%	39% 27%	Professôres Orientadores
40 — Grau comp. de superioridade do advérbio	44% 62%	17% 12%	39% 26%	Professôres Orientadores
41 — Grau comp. de inferioridade do advérbio	44% 62%	17% 12%	39% 26%	Professôres Orientadores
42 — Crase	47% 45%	17% 33%	36% 22%	Professôres Orientadores
43 — Contração	41% 45%	3% 21%	56% 34%	Professôres Orientadores

CONCLUSÃO:

Apesar de serem realmente difíceis alguns dêsses aspectos, são entretanto essenciais à correta construção da frase e indispensáveis ao Programa de Gramática de Curso Primário.

RECOMENDAÇÕES:

1 — Seja o programa de Gramática de 5.º ano primário simplificado e adequado ao nível dos alunos em alguns aspectos mais significativos da aprendizagem da língua.

2 — Propicie o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais cursos de extensão e atualização no domínio da síntaxe e morfologia, destinados a melhorar a eficiência docente.

QUESTIONÁRIO

Estando êste Centro empenhado na elaboração das diretrizes do programa de atividades de gramática funcional para as classes de 5.º ano, vimos solicitar sua colaboração no sentido de opinar sôbre o conteúdo programático ora em vigor em nossas escolas.

Esclarecemos que sua colaboração é não só valiosa, mas indispensável ao nosso trabalho.

Agradecemos seu pronunciamento.

INDIQUE SUA RESPOSTA, PREENCHENDO OS ESPAÇOS EM BRANCO OU FAZENDO UM CÍRCULO EM TÔRNO DO NÚMERO ADEQUADO

1. NOME DA ESCOLA: .....

2. TIPO DE ESCOLA (urbana, suburbana, rural, etc.) .....

3. CLASSE . . ..

4. LOCALIDADE ..... MUNICÍPIO.....

5. REGIÃO ESCOLAR: . . ..

6. Onde começou a exercer o magistério primário e em que ano? . .

....
Escola Localidade Ano

7. Faça um círculo em tôrno dos números que correspondem aos Cursos que completou:

Curso primário completo	1
Curso Intensivo de Formação Pedagógica (Lei 913)	2
Curso Ginasial	3
Curso Normal Regional	4
Curso Complementar	5
Curso Normal de 2.º cíclo	6
Curso Colegial	7
Curso de Supervisão Escolar	8

8. Além dos cursos acima mencionados, você realizou outros cursos?

Não 1

Sim ..... 2 Quais? . . ..

.....

9. Tem emprêgo ou trabalho além do magistério?

Não 1

Sim ..... 2 Quais? . . ..

.....

10. Sua experiência com classes de 5.º ano é de:

Menos de 2 anos	1
2 a 4 "	2
5 a 7 "	3
8 a 10 "	4
11 a 13 "	5
14 a 16 "	6
17 a 19 "	7
20 anos ou mais	8

11. A média de idade dos alunos de 5.º ano que você tem lecionado é de

Menos de 10 anos	1
de 10 a 12 anos	2
de 12 a 13 anos	3
de 14 a 15 anos	4
mais de 15 anos	5

12. Em geral, as dificuldades que os alunos de 5.º ano apresentam em Linguagem estão relacionados com:

a Leitura . .	1
a Composição . .	2
a Gramática . .	3
o Ditado . .	4

7. Faça um círculo em tôrno dos números que correspondem aos Cursos que completou:

Curso primário completo	1
Curso Intensivo de Formação Pedagógica (Lei 913)	2
Curso Ginasial	3
Curso Normal Regional	4
Curso Complementar	5
Curso Normal de 2.º ciclo	6
Curso Colegial	7
Curso de Supervisão Escolar	8

8. Além dos cursos acima mencionados, você realizou outros cursos?

Não 1

Sim ..... 2 Quais? . . ..

.....

9. Tem emprêgo ou trabalho além do magistério?

Não 1

Sim ..... 2 Quais? . . ..

.....

10. Sua experiência com classes de 5.º ano é de:

Menos de 2 anos	1
2 a 4 "	2
5 a 7 "	3
8 a 10 "	4
11 a 13 "	5
14 a 16 "	6
17 a 19 "	7
20 anos ou mais	8

11. A média de idade dos alunos de 5.º ano que você tem lecionado é de

Menos de 10 anos	1
de 10 a 12 anos	2
de 12 a 13 anos	3
de 14 a 15 anos	4
mais de 15 anos	5

12. Em geral, as dificuldades que os alunos de 5.º ano apresentam em Linguagem estão relacionados com:

a Leitura	1
a Composição	2
a Gramática	3
o Ditado	4

13. A que causas você atribui as dificuldades apresentadas por seus alunos nos aspectos da Linguagem acima citados?

14. Você tem encontrado dificuldades no desenvolvimento das atividades do programa de gramática de 5.º ano?

Não 1

Sim 2

15. Justifique sua resposta à questão 14.

16. Você desenvolve as atividades do programa de gramática de 5.º ano pelo sistema funcional?

Não 1

Sim 2

17. Justifique sua resposta à questão anterior (n.º 16).

18. Você acha que no programa de gramática de 5.º ano há alguns aspectos em que o professor desejaria receber orientação para dirigir a aprendizagem?

Não 1

Sim ..... 2 Quais?.....

19. Dê sua valiosa colaboração ao órgão Técnico, apresentando as sugestões que julgar oportunas e convenientes para um adequado programa de atividades de gramática para alunos de 5.º ano primário.

20 De acôrdo com a sua experiência com classes de 5.º ano, os aspectos dêsse programa, relacionados na página seguinte, têm sido no seu desenvolvimento:

Fácil?
Muito fácil?
Difícil?
Muito difícil?

I

	Fácil	Muito Fácil	Difícil	Muito Difícil
Variação dos têrmos da sentença	1	2	3	4
Oração	1	2	3	4
Oração principal	1	2	3	4
Oração subordinada	1	2	3	4
Sujeito da oração	1	2	3	4
Verbo da oração	1	2	3	4
Objeto direto	1	2	3	4
Objeto indireto	1	2	3	4
Predicativo	1	2	3	4
Adjunto adverbial	1	2	3	4
Adjunto adnominal	1	2	3	4
Oração coordenada	1	2	3	4
Oração subordinada	1	2	3	4
Oração subordinada substantiva	1	2	3	4
Oração subordinada adjetiva	1	2	3	4
Oração subordinada adverbial	1	2	3	4
Período simples	1	2	3	4
Período composto	1	2	3	4
Período composto por coordenação	1	2	3	4
Período composto por subordinação	1	2	3	4
Período composto por coordenação e subordinação	1	2	3	4
Apôsto	1	2	3	4
Vocativo	1	2	3	4

II

SUBSTANTIVO	1	2	3	4
Substantivo comum	1	2	3	4
Substantivo próprio	1	2	3	4
Substantivo coletivo	1	2	3	4
Substantivo primitivo	1	2	3	4
Substantivo derivado	1	2	3	4
Substantivo simples	1	2	3	4
Substantivo composto	1	2	3	4
Gênero do substantivo (masculino e feminino)	1	2	3	4
Particularidades do gênero:				
Substantivo comum de dois gêneros	1	2	3	4
Substantivo sobrecomum	1	2	3	4
Substantivo epiceno	1	2	3	4
Número do substantivo (sing. e plural)	1	2	3	4
Plural dos subst. terminados em vogal	1	2	3	4
Plural dos subst. terminados em ão	1	2	3	4
Plural dos subst. terminados em consoante	1	2	3	4
Grau aumentativo do substantivo	1	2	3	4
Grau diminutivo do substantivo	1	2	3	4

	Fácil	Muito Fácil	Difícil	Muito Difícil
Antônimos	1	2	3	4
Sinônimos	1	2	3	4
Composição de palavras	1	2	3	4
Raiz	1	2	3	4
Prefixo	1	2	3	4
Sufixo	1	2	3	4
ARTIGO:	1	2	3	4
Artigo definido	1	2	3	4
Artigo indefinido	1	2	3	4
Número do artigo definido (singular e plural)	1	2	3	4
Gênero do artigo definido (masculino e feminino)				
Número do artigo indefinido (singular e plural)	1	2	3	4
Gênero do artigo indefinido (masculino e feminino)	1	2	3	4

III

ADJETIVO	1	2	3	4
Adjetivo primitivo	1	2	3	4
Adjetivo derivado	1	2	3	4
Adjetivo simples	1	2	3	4
Adjetivo composto	1	2	3	4
Adjetivo masculino	1	2	3	4
Adjetivo feminino	1	2	3	4
Adjetivo singular	1	2	3	4
Adjetivo plural	1	2	3	4
Graus do adjetivo:				
Comparativo de igualdade	1	2	3	4
Comparativo de superioridade	1	2	3	4
Comparativo de inferioridade	1	2	3	4
Superlativo relativo	1	2	3	4
Superlativo de superioridade	1	2	3	4
Superlativo de inferioridade	1	2	3	4
Superlativo absoluto	1	2	3	4
Locução adjetiva	1	2	3	4

IV

NUMERAL				
Numeral cardinal	1	2	3	4
Numeral ordinal	1	2	3	4
Numeral multiplicativo	1	2	3	4
Numeral fracionário	1	2	3	4
Gênero dos numerais — (masculino e feminino)	1	2	3	4
Número dos numerais — (singular e plural)	1	2	3	4

	Fácil	Muito Fácil	Difícil	Muito Difícil
V				
VERBO				
Tempos do Modo subjuntivo	1	2	3	4
Tempos do Modo imperativo	1	2	3	4
Verbos regulares da 1.ª conjugação	1	2	3	4
Verbos regulares da 2.ª conjugação	1	2	3	4
Verbos regulares da 3.ª conjugação	1	2	3	4
Verbos irregulares	1	2	3	4
Verbos auxiliares	1	2	3	4
Infinitivo	1	2	3	4
Gerúndio	1	2	3	4
Particípio	1	2	3	4
Tempos compostos do verbo	1	2	3	4
Locução verbal	1	2	3	4
Verbo transitivo	1	2	3	4
Verbo intransitivo	1	2	3	4
Verbo transitivo direto	1	2	3	4
Verbo transitivo indireto	1	2	3	4
Verbo transitivo direto e indireto	1	2	3	4
VI				
PRONOME				
Pronome pessoal reto	1	2	3	4
Pronome pessoal oblíquo	1	2	3	4
Pronome pessoal de tratamento	1	2	3	4
Pronome possessivo	1	2	3	4
Pronome demonstrativo	1	2	3	4
Pronome indefinido	1	2	3	4
Pronome relativo	1	2	3	4
Pronome interrogativo	1	2	3	4
Pronome substantivo	1	2	3	4
Pronome adjetivo	1	2	3	4
VII				
CONJUNÇÃO				
Conjunções coordenativas	1	2	3	4
Conjunções subordinativas	1	2	3	4
Locução conjuntiva	1	2	3	4
VIII				
ADVÉRBIO				
Advérbio de lugar	1	2	3	4
Advérbio de tempo	1	2	3	4
Advérbio de modo	1	2	3	4

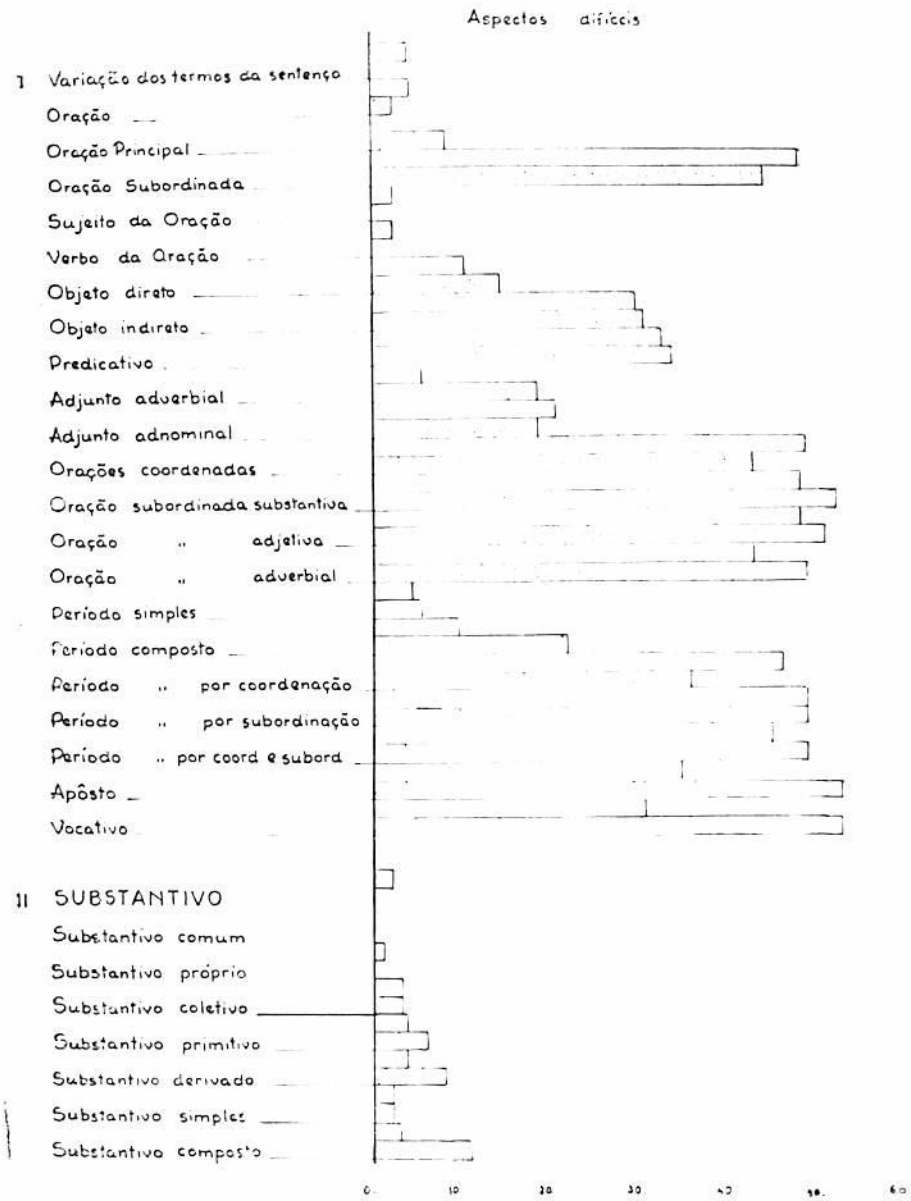
	Fácil	Muito Fácil	Difícil	Muito Difícil
Advérbio de negação	1	2	3	4
Advérbio de dúvida	1	2	3	4
Advérbio de intensidade	1	2	3	4
Advérbio de afirmação	1	2	3	4
Interrogativo de lugar	1	2	3	4
de tempo				
de modo				
de causa				
Grau comparativo de igualdade do advérbio	1	2	3	4
Grau comparativo de superioridade do advérbio	1	2	3	4
Grau comparativo de inferioridade do advérbio	1	2	3	4

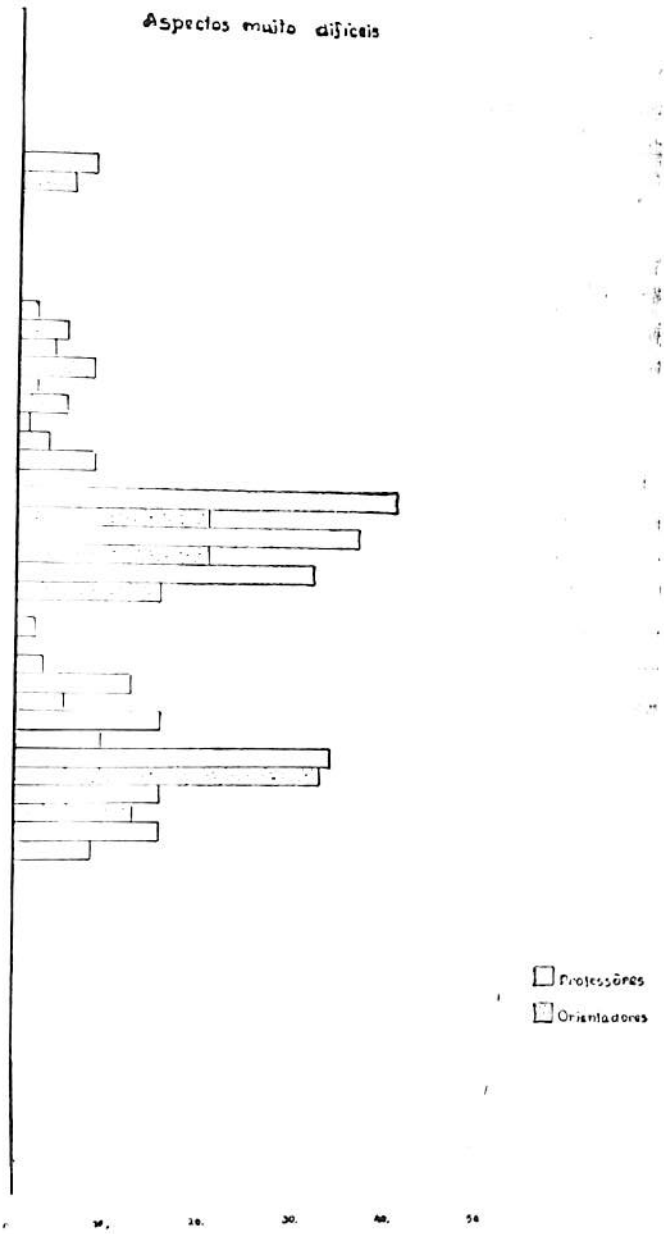
IX

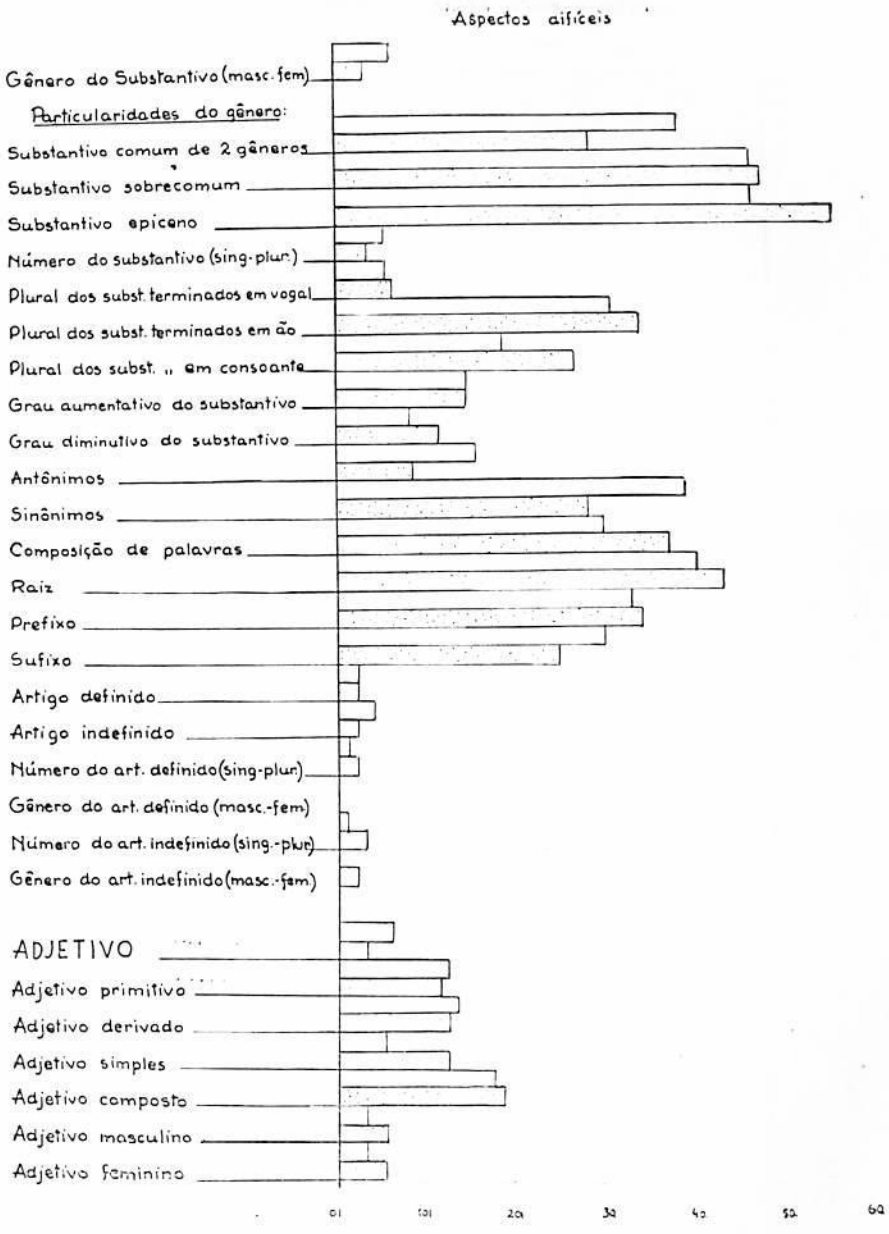
PREPOSIÇÃO	1	2	3	4
Crase	1	2	3	4
Contração	1	2	3	4

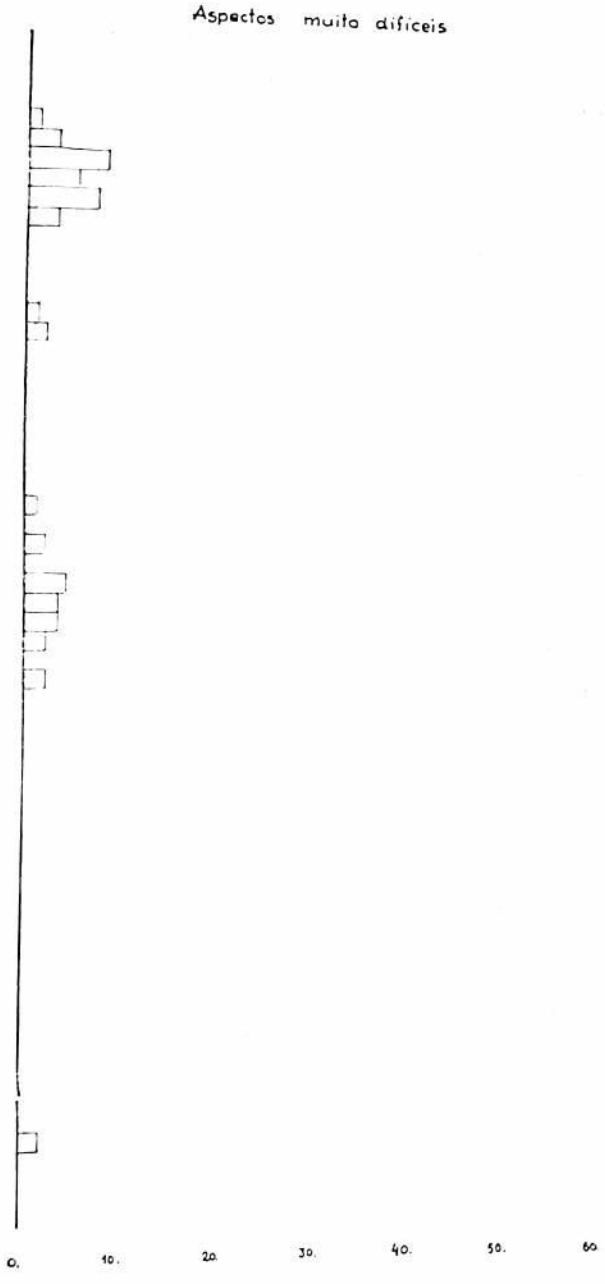
X

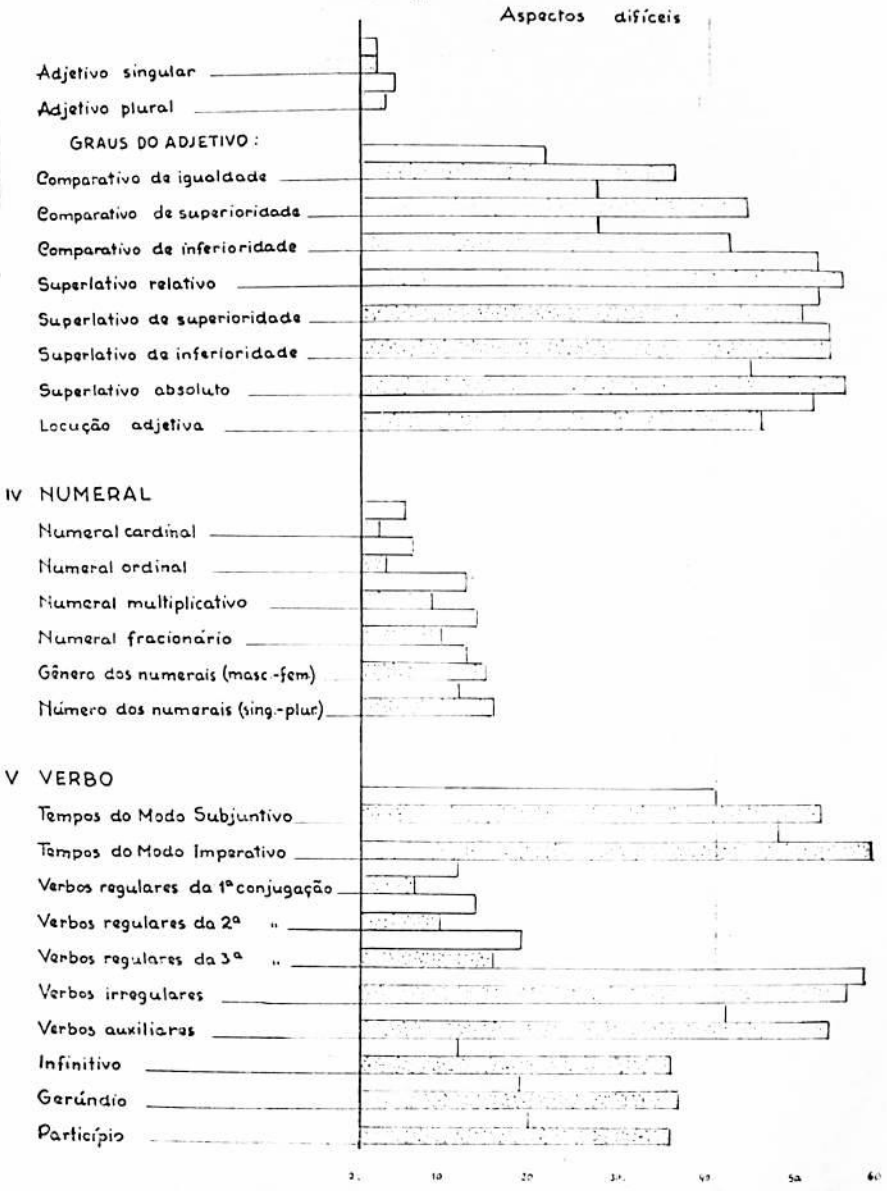
INTERJEIÇÃO	1	2	3	4

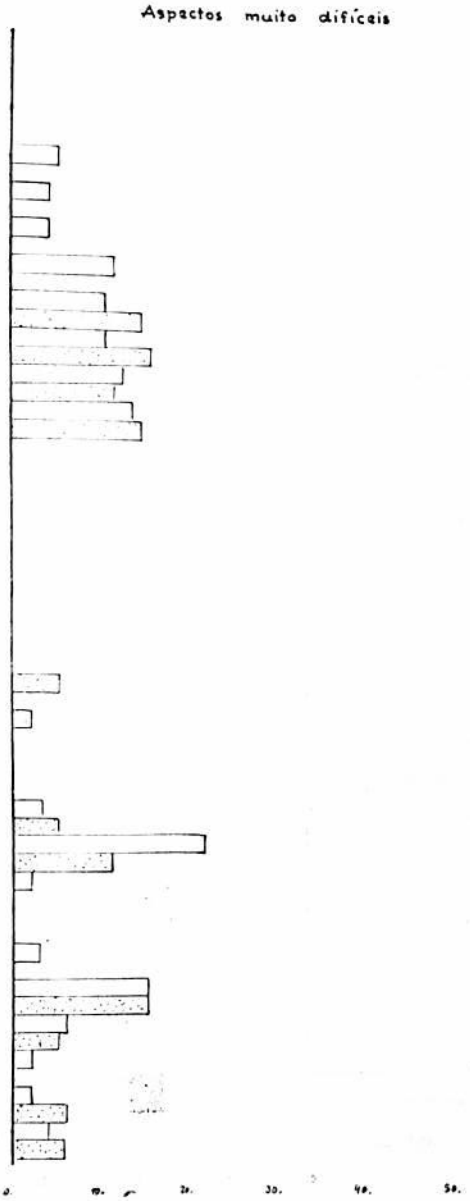

Aspectos difíceis
I Variação dos termos da sentença
Oração
Oração Principal
Oração Subordinada
Sujeito da Oração
Verbo da Oração
Objeto direto
Objeto indireto
Predicativo
Adjunto adverbial
Adjunto adnominal
Orações coordenadas
Oração subordinada substantiva
Oração " adjetiva
Oração " adverbial
Período simples
Período composto
Período " por coordenação
Período " por subordinação
Período " por coord e subord
Apôsto
Vocativo
II SUBSTANTIVO
Substantivo comum
Substantivo próprio
Substantivo coletivo
Substantivo primitivo
Substantivo derivado
Substantivo simples
Substantivo composto
0
10
20
30
40
50
60

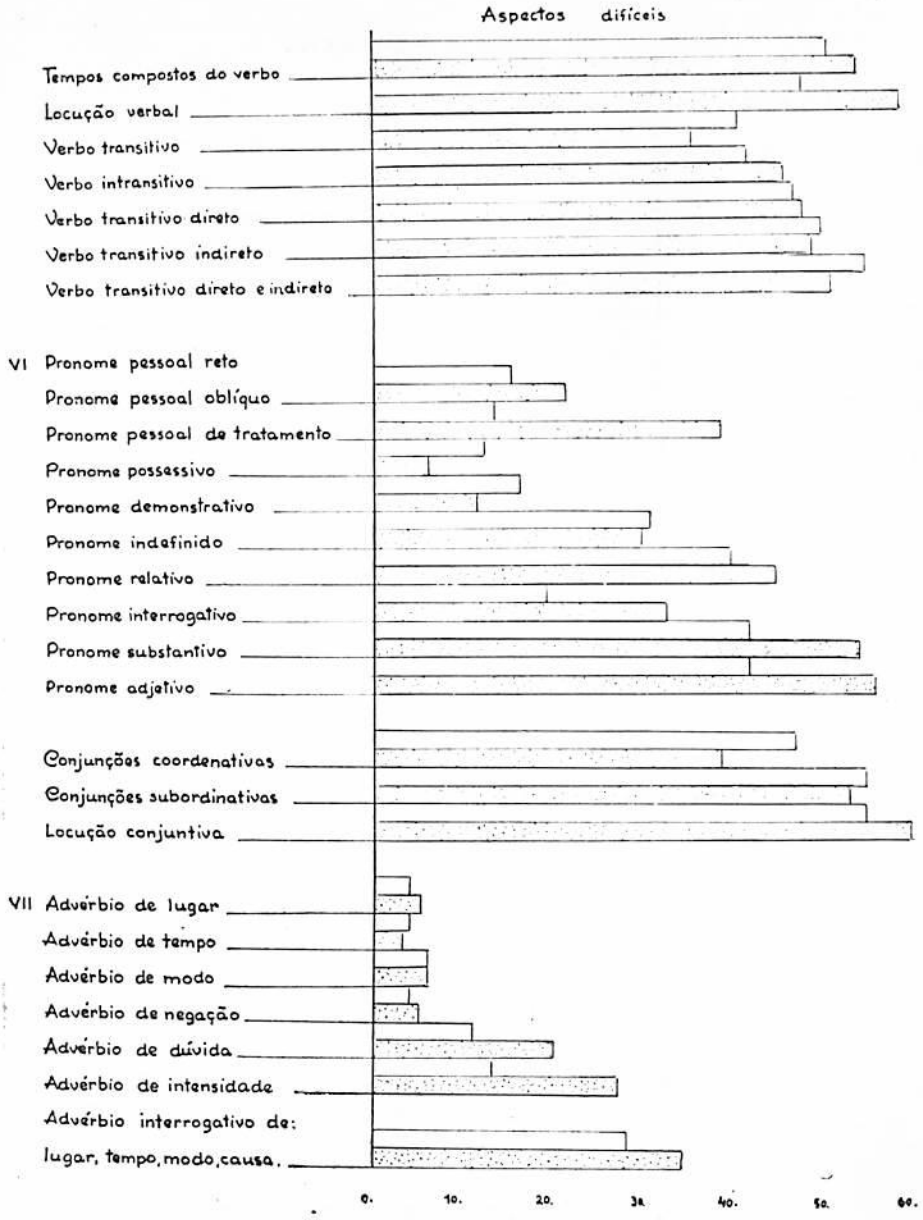

Aspectos muito difíceis
Professôres
Orientadores

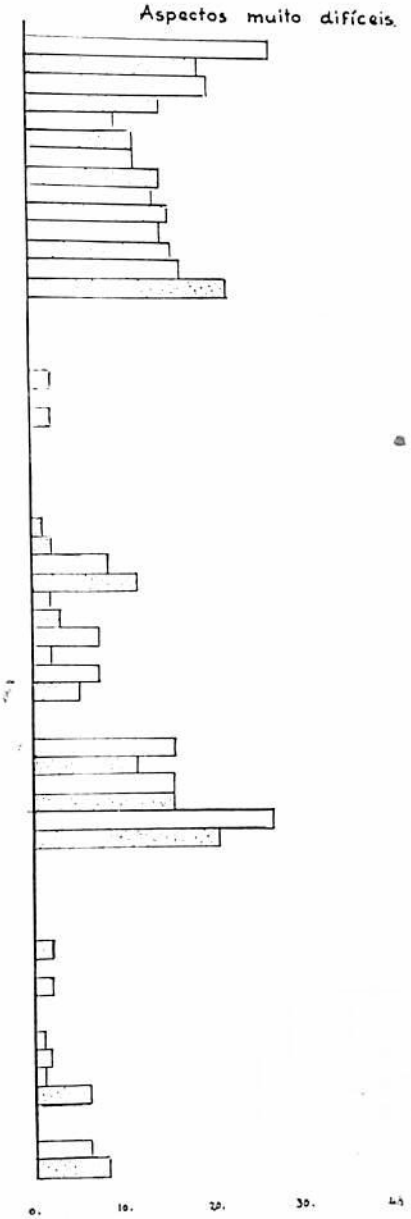

Aspectos aifíceis
Gênero do Substantivo (masc. fem)
Particularidades do gênero:
Substantivo comum de 2 gêneros
Substantivo sobrecomum
Substantivo epiceno
Número do substantivo (sing. plur.)
Plural dos subst. terminados em vogal
Plural dos subst. terminados em ão
Plural dos subst. " em consoante
Grau aumentativo do substantivo
Grau diminutivo do substantivo
Antônimos
Sinônimos
Composição de palavras
Raiz
Prefixo
Sufixo
Artigo definido
Artigo indefinido
Número do art. definido (sing-plur)
Gênero do art. definido (masc.-fem)
Número do art. indefinido (sing.-plur)
Gênero do art. indefinido (masc.-fem)
III ADJETIVO
Adjetivo primitivo
Adjetivo derivado
Adjetivo simples
Adjetivo composto
Adjetivo masculino
Adjetivo feminino
0
10
20
30
40
50
60

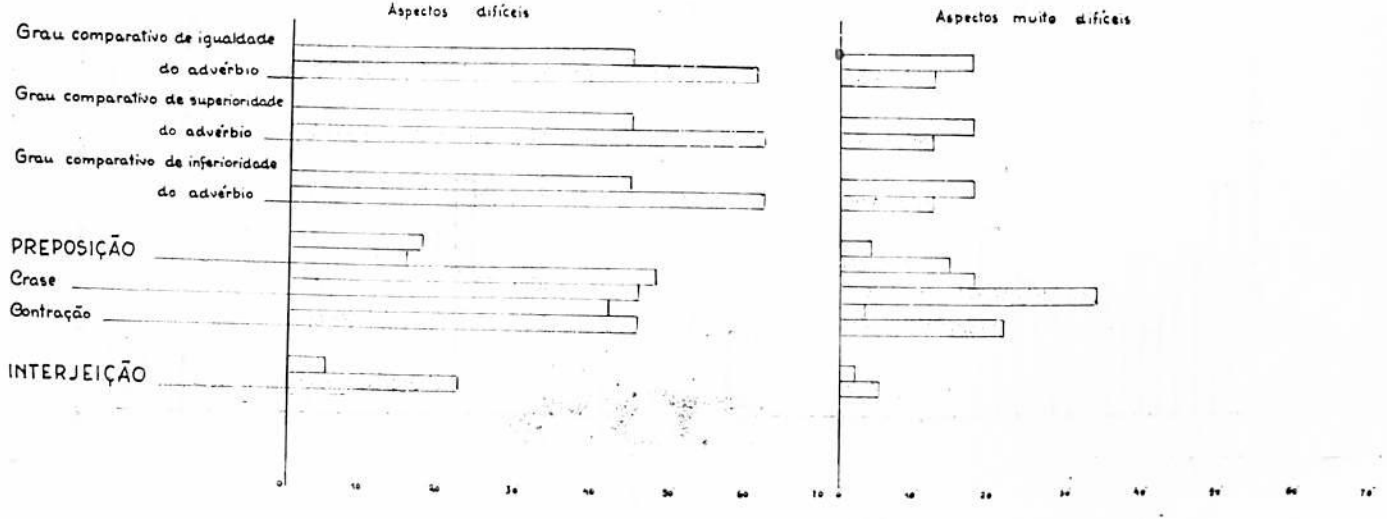

Aspectos muito difíceis
0.
10.
20.
30.
40.
50.
60.


Aspectos difíceis
Adjetivo singular
Adjetivo plural
GRAUS DO ADJETIVO:
Comparativo de igualdade
Comparativo de superioridade
Comparativo de inferioridade
Superlativo relativo
Superlativo de superioridade
Superlativo de inferioridade
Superlativo absoluto
Locução adjetiva
IV NUMERAL
Numeral cardinal
Numeral ordinal
Numeral multiplicativo
Numeral fracionário
Gênero dos numerais (masc.-fem.)
Número dos numerais (sing.-plur.)
V VERBO
Tempos do Modo Subjuntivo
Tempos do Modo Imperativo
Verbos regulares da 1ª conjugação
Verbos regulares da 2ª "
Verbos regulares da 3ª "
Verbos irregulares
Verbos auxiliares
Infinitivo
Gerúndio
Particípio


Aspectos muito difíceis
0
10.
20.
30.
40.
50.


Aspectos difíceis
Tempos compostos do verbo
Locução verbal
Verbo transitivo
Verbo intransitivo
Verbo transitivo direto
Verbo transitivo indireto
Verbo transitivo direto e indireto
VI Pronome pessoal reto
Pronome pessoal oblíquo
Pronome pessoal de tratamento
Pronome possessivo
Pronome demonstrativo
Pronome indefinido
Pronome relativo
Pronome interrogativo
Pronome substantivo
Pronome adjetivo
Conjunções coordenativas
Conjunções subordinativas
Locução conjuntiva
VII Advérbio de lugar
Advérbio de tempo
Advérbio de modo
Advérbio de negação
Advérbio de dúvida
Advérbio de intensidade
Advérbio interrogativo de:
lugar, tempo, modo, causa.
0.
10.
20.
30.
40.
50.
60.


Aspectos muito difíceis.
0.
10.
20.
30.


Aspectos difíceis
Aspectos muito difíceis
Grau comparativo de igualdade do advérbio
Grau comparativo de superioridade do advérbio
Grau comparativo de inferioridade do advérbio
PREPOSIÇÃO
Crase
Contração
INTERJEIÇÃO

ESTUDO SÔBRE OS ALUNOS DE CLASSES DE 1.º ANO NÃO ALFABETIZADOS EM 1965 — CAPITAL

INSTRUMENTOS:

G R A D E S :

Levantamento de alunos — Classes D.

Levantamento do nível sócio-econômico dos alunos de Classes D, com 1 ano de escolaridade.

Q U E S T I O N Á R I O :

Aplicado aos professôres dos alunos não alfabetizados em 1965.

LEVANTAMENTO DE ALUNOS — CLASSES D

NOME DO ALUNO	Idade Cronológica	Classificação 1965 1966	Data da Matrícula inicial	Escolaridade	Parecer da Professôra (conforme as Listas de classificações)
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....

Levantamento do nível sócio-econômico dos alunos em classes de recuperação D, com um ano de escolaridade — Capital

Escola: 1965

Entrância:

N.º	Nome do aluno	Escolaridade	Idade em anos e meses	Nível social				Classificação sócio-econômica			
				Grau de instrução		Profissão					
				Pai	Mãe	Pai	Mãe	Sup.	M. sup.	M. inf.	Inf.

ESTUDOS DOS ALUNOS QUE NÃO APRENDERAM A LER EM 1965

SENHOR PROFESSOR:

Empenha-se a Secretaria de Educação e Cultura, através do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, em diagnosticar as causas do baixo rendimento escolar nas classes de 1.º ano.

Um dos recursos que lança mão é o presente questionário.

O C.P.O.E. agradece a sua valiosa colaboração.

INDIQUE SUA RESPOSTA PREENCHENDO OS ESPAÇOS EM BRANCO, OU FAZENDO UM CÍRCULO EM TÔRNO DO NÚMERO OU NÚMEROS ADEQUADOS

I PARTE

1 — Escola: ..... Enderêço: .....

2 — Localidade: ..... Bairro: .....

3 — Município: . . ..

4 — Região escolar .....

5 — Nome do professor: .....

6 — Estado civil: .....

7 — Escola em que se diplomou: .....

8 — Outros cursos realizados: .....

.....

.....

9 — Cursos em realização: .....

10 — Observações: . . ..

11 — Tempo de serviço no magistério: .....

12 — Experiência com classe de 1.º ano:: ..... anos

13 — Horário de trabalho na Escola: .....
(Horário — Turno)

14 — Acúmulo ou desdobramento na mesma Escola:

.....
(Classe — Outra Função — Horário)

15 — Em outra Escola:

.....
(Nome da Escola — Classe — Horário)

16 — Em outro setor: ..... (Horário)

17 — Licenças em 1965: ..... (Motivo — n.º de dias)

18 — Faltas em 1965: ..... (Motivo — n.º de dias)

19 — Observações: . . ..

.....

II PARTE

1 — Nível de maturidade de classe: .....

2 — Nível de maturidade dos alunos classificados em D (1966):

..... alunos com:..... pontos no Teste ABC

..... alunos com:..... pontos no Teste ABC 1965

..... alunos com:..... pontos no Teste ABC

3 — Os alunos classificados em D, 1966, apresentavam falhas nas seguintes áreas:

a) — coordenação visual motora: ..... alunos
b) — memorização motora: ..... alunos
c) — memória auditiva: ..... alunos
d) — memória lógica: ..... alunos
e) — prolação: . . .. alunos
f) — coordenação motora: ..... alunos
g) — atenção: . . .. alunos

4 — Os alunos com dificuldades na aprendizagem, em 1965, apresentavam condições de saúde:

Boa: 1
Regular: 2
Deficiente: 3

5 — Em que bases justifica a afirmação anterior:

Exame médico: 1
Observação sistemática 2
Entrevista com responsáveis 3

Outros meios: .....

Quais? . . ..

6 — Os casos de sua classe que fogem à normalidade (deficiências física, mental e emocional) foram encaminhadas a especialistas·

..... Sim ..... Não

7 — Recursos utilizados pelo professor para conhecer melhor seus alunos:

Observação individual: 1
Entrevista com os pais: 2
Aplicação e análise de testes científicos: 3

Quais? . . ..

.....

Verificação sistemática do rendimento da aprendizagem: 4
Registro de dados: 5
Observação de grupo: 6
Outras formas: 7
Quais? . . ..

.....

.....

8 — A classe apresenta freqüência:

Boa: 1
Regular: 2
Fraca: 3

9 — Freqüência mensal e anual da classe em 1965: .....
(Porcentagem)

10 — Recursos utilizados para incentivar a freqüência: .....

.....

.....

.....

III PARTE

1 — Realização do Período Preparatório para aprendizagem da leitura e da escrita: .....
(Sim — Não) (duração)

2 — Relacione as atividades realizadas no Período Preparatório para correção das falhas apresentadas pelas crianças nas seguintes áreas:

a) — coordenação visual-motora: .....

.....

.....

b) — memorização motora: .....

.....

.....

c) — memória auditiva: .....

.....

.....

d) — prolação: . . ..

.....

.....

e) — coordenação motora: .....

.....

.....

f) — atenção e observação: .....

.....

.....

g) — memória lógica: .....

.....

.....

h) — sócio-emocional: . . ..

.....

.....

3 — Método empregado para alfabetização:

Analítico: 1
Sintético: 2

4 — Processos utilizados:

Contos: 1
Sentenças: 2
Palavras: 3
Silábicos: 4
Fonéticos: 5
Ecléticos: 6
Outros: 7
Qual?

5 — Material de leitura adotado:

Preparado com os alunos: 1
Colhido em várias cartilhas: 2
De um único livro texto (cartilha impressa) 3
Sugerido por especialistas, como Doman: 4

Outros? 5

Quais? . . ..

.....

6 — Atividades suplementares: .....

.....

.....

7 — Material didático utilizado: .....
(relacionar todo o material)

.....

.....

.....

.....

8 — O seu planejamento constou:

— de unidade globalizada de trabalho: 1
— de correlação de matéria: 2
— de planos diários isolados: 3

9 — Seu planejamento procurou atender:

— às características psicológicas do aluno: 1
— às exigências da comunidade em que vive: 2
— ao livro texto adotado: 3
— Outros aspectos: 4

— Quais? . . ..

.....

10 — Sua técnica de trabalho foi:

— individual 1
— de grupos 2
— coletiva 3
— coletiva e individual 4

11 — No desenvolvimento de sua atividade docente houve colaboração de:

— outros elementos da escola 1
— professôres especializados 2
— membros da comunidade 3
— orientador de educação primária 4

12 — Atividades ou recursos para despertar maior interêsse dos alunos pela Escola:

.....

.....

.....

13 — Outras observações: .....

.....

.....

IV PARTE

1 — Contatos com os pais dos alunos ou seus responsáveis, através de:

— reuniões ..... (n.º)

— entrevistas ..... (n.º)

— visitas à casa do aluno ..... (n.º)

— outras formas ..... (especificar)

.....

.....

.....

V PARTE

1 — Condições materiais da sala de aula:

— dimensões .....

— n.º de carteiras ..... (individuais-bipessoais)

— armários ..... (n.º) estantes ..... (n.º)

— taboleiro de areia ..... (Sim-Não)

— material para teatro de fantoches ..... (Sim-Não)

— Outros informes: .....

.....

.....

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1966

Equipe de trabalho:

Coordenadora: Prof.ª INÁ SILVA

Técnico em Educação
DALVA DA ROSA DUPUY

Técnico em Educação
HILDA SILVA

Prof.ª IRMA D. MARTINS

Técnico em Educação
ITÁLIA L. FARACO

Prof.ª MARIA ELENA A. NUNES

Técnico em Educação
SYDIA SANT'ANNA BOPP

Prof.ª TERESINHA DE JESUS BIDONE

Em 1958 ,a Secretaria de Educação e Cultura, através de seu órgão técnico, o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, constatando que, a despeito das medidas técnico-administrativas em prática, repetia-se, anualmente um déficit significativo não só no aproveitamento escolar, mas também na matrícula das escolas com o elevado coeficiente de evasão, elaborou e pôs em execução, um Plano de Reforma do Ensino Primário.

Essa reforma, cujos fundamentos se encontram na própria natureza da criança e nas necessidades sociais, considerou:

— **o plano de estudos:** atendimento às diferenças individuais, às características bio-psíquicas do educando e ao seu ritmo de aprendizagem;

— **a organização escolar:** ordenação da matrícula, organização de classe de recuperação, substituição do critério de promoção pelo critério de classificação;

— **os programas de ensino:** revisão e adequação dos programas aos objetivos educacionais;

— **a extensão da escolaridade:** atendimento dos alunos de ritmo lento de aprendizagem, dos que ingressaram tardiamente na escola, bem como daquêles que não conseguiram ingressar em cursos de nível médio. Estabeleceram-se os seguintes objetivos:

A — Organizar as classes, considerando a idade cronológica do educando e sua capacidade de aprendizagem com o fim de:

1. Permitir um melhor ajustamento emocional do aluno;
2. Recuperar os alunos que, com idade superior à classe a que pertencem, possuem desenvolvimento mental que permita seu ajustamento à classe conveniente, bem como aquêles cujo aproveitamento em face dos resultados da avaliação foi considerado insuficiente;
3. Levar, paulatinamente, a população escolar a seu adequado nível de aprendizagem.

B — Aplicar novos programas de ensino que incluam atividades de caráter pré-profissional e atendam às características regionais.

C — Empregar processos de verificação que permitam avaliar, periòdicamente, o desenvolvimento dos alunos com o fim de atender suas dificuldades e possibilidades, evitando a evasão e a repetência escolares.

Com o objetivo de colhêr subsídios para verificar a funcionalidade do Plano, foi a experiência iniciada em 33 escolas da Capital, nas classes de 1.º a 3.º ano.

Ao término do ano letivo, o órgão realizou um estudo comparativo dos resultados apresentados pelos alunos dos Grupos Escolares, nos quais se realizou a primeira etapa da Reforma, com o demonstrado por equivalente número de crianças que freqüentaram, em 1958, escolas não incluídas na experiência.

O estudo em aprêço demonstrou vantagem, embora diminuta, no aproveitamento escolar dos alunos submetidos à experiência, apesar dos vários fatôres que interferiram desfavoràvelmente no trabalho (início da experiência no mês de maio, insuficiência de material didático, deficiência nas condições materiais da escola, limitações na assistência técnica e outros).

Poder-se-ia talvez concluir pela superioridade do nôvo sistema. Entretanto, julgou o C.P.O.E. a conveniência de aguardar os resultados da aplicação do Plano da Reforma por tempo mais dilatado.

Em 1959, o Plano da Reforma estendeu-se às escolas da Capital e às sedes das Delegacias Regionais de Ensino, tendo posteriormente atingido a tôdas as unidades escolares do Estado, em seu primeiro movimento: a reestruturação das classes.

ATIVIDADES PRELIMINARES

Com o objetivo de colhêr subsídios para embasar o plano para o estudo dos resultados da aplicação da Reforma do Ensino Primário, foi realizado um estudo pilôto.

ESTUDO PILÔTO

HIPÓTESES

1 — Os alunos de Classe de Recuperação estão sendo recuperados.

2 — A organização administrativa da escola permite o acompanhamento dos alunos ,ao longo da vida escolar.

DESENVOLVIMENTO

1 — Escolha de três Classes de Recuperação — 2.º D, 2.º C, 2.º R, para fazer o acompanhamento do processo de recuperação dos seus alunos, no período 1959-1963.

2 — Construção de um instrumento — Grade — para a coleta dos dados necessários.

3 — Visita de uma equipe a duas escolas, para testar a funcionalidade do instrumento construído.

ESCOLAS VISITADAS

1 — G. E. Rio Branco

2 — G. E. Oscar Tollens

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS ESCOLAS

1 — Contato com a direção.

2 — Solicitação de fontes necessárias para o levantamento previsto:

— listas de classificação
— registro de matrículas
— fichas cumulativas

3 — Realização do levantamento.

4 — Solicitação ao diretor, para completar os dados em aprêço, quando a documentação consultada não permitiu.

5 — Recebimento das grades com lacunas preenchidas.

6 — Estudo dos resultados.

7 — Demonstração e relato da marcha do trabalho aos demais componentes da equipe.

CONCLUSÕES

O instrumento construído funcionou para o levantamento desejado.

Observação:

— A recuperação, na pequena amostra estudada, ofereceu **correlação positiva.**

— Levantou-se a hipótese de que o nível sócio-cultural e econômico da família do aluno tivessem influência sôbre o resultado da recuperação.

GRADE PARA A COLETA DE DADOS

LEVANTAMENTO DOS ALUNOS EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

UNIDADE ESCOLAR: .....

LOCALIZAÇÃO: .....

ENTRÂNCIA: .....

CLASSE: .....

Matrícula Geral: .....

Matrícula Real: .....

Comparecimento às Provas: .....

Cl. Recuperação: .....

Suficientes: .....

Cl. Regulares: .....

Insuficientes: .....

Inabilitados: .....

N.º	NOME DO ALNUO	Escola-ridade	NíVEL SOCIAL				CLASSES					OBSERVAÇõES
			Idade em Anos Meses	Grau de Instrução		Profissão						
				Pai	Mãe	Pai	Mãe	1960	1961	1962	1963	1964	

Com o instrumento anteriormente mencionado obtiveram-se dados constantes do quadro que se segue:

MOVIMENTO DAS CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Unidade Escolar: "G. E. Rio Branco"

2.º ano D — 1960 a 1964	2.º ano CM — 1960 a 1964	2.º ano DRM — 1960 a 1964
Matrícula Geral: 27 Matrícula Real: 24 Comp. às Provas: 16 Suficientes: 15 (8 cl. recup. 7 cl. reg.) Insuficientes: 1 Inabilitados: 8	Matrícula Geral: 19 Matrícula Real: 15 Comp. às Provas. 15 Suficientes: 13 (5 cl. recup. 8 cl. reg.) Insuficientes: 12	Matrícula Geral: 25 Matrícula Real: 24 Comp. às Provas: 16 Suficientes: 16 (9 cl. recup. 7 cl. reg.) Inabilitados: 8
Em 1964: Na 1.ª série ginasial:2 — 8% No 5.º ano: 4 — 16% No 4.º ano: 6 — 25% No 2.º ano: 1 — (3.º C) — 4% Em classes especiais: 2 (8% — 1.º e2. º ano) Evasão: 9 — 37% 1960: 5 (1.º ano) 1961: 2 (2.º ano e 3.º ano) 1962: 2 (1.º ano)	**Em 1964:** Na 1.ª série ginasial: 4 — 27% Concl. C. Primário: 2 — 13% No 5.º ano: 2 — 13% No 4.º ano: 3 — 20% Evasão: 4 — 27% 1960: 1 (1.º ano) 1963: 3 (2.º, 3.º e 1.º ano)	**Em 1964:** Na 1.ª série ginasial: 1 — 4% No 5.º ano: 5 — 20% No 4.º ano: 9 — 37% No 3.º ano: 3 — 12,5% Evasão: 5 — 20% 1960: 3 (1.º ano: 1) 1962: 2 (1 — 1.º ano) (1 — 3.º ano)

PLANO DE PESQUISA

O problema foi assim proposto:

"Com a Reforma do Ensino Primário a população escolar do Rio Grande do Sul encaminha-se para o adequado nível de aprendizagem?"

Hipóteses:

— Os alunos de classes de recuperação estão sendo recuperados.

— O nível sócio-econômico influi, em parte, no aproveitamento do aluno.

— A evasão escolar diminui.

Para desenvolvimento do estudo em questão, foram encaminhados em 1964 às Delegacias Regionais de Ensino, mediante um ofício-circular, os instrumentos que figuram no apêndice (Grades e instruções para o preenchimento das mesmas), para o levantamento geral das classes regulares e de recuperação do Estado com a finalidade de conhecer o Universo do qual seria selecionada a Amostra.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO LEVANTAMENTO DE ALUNOS

Dados colhidos com os instrumentos anteriormente mencionados:

Classes Regulares e de Recuperação — 1964

Região Escolar	Números de alunos		Porcentuais dos alunos em classes de recuperação			Porcentual de alunos em classes de recuperação sôbre o total (reg. + recup.)	TOTAL
	em classes regulares	em classes recuperação					
1.ª	26.714	24.915	C 25,75	D 18,32	R 55,93	48,25	51 629
2.ª	9.637	10.946	5,03	23,32	71,65	53,18	20 583
3.ª	3.778	5.021	23,08	23,32	53,60	57,06	8 799
4.ª	6.785	10.673	31,47	12,60	55,93	61,14	17 458
5.ª	4.484	7.018	19,35	15,46	65,19	61,01	11 502
6.ª	4.698	9.205	20,81	17,75	61,44	66,21	13 903
7.ª	5.965	7.735	18,92	11,49	69,59	56,46	13 700
8.ª	4.048	6.916	24,28	15,43	60,29	63,08	10 964
9.ª							
10.ª	3.258	4.396	20,50	12,10	67,40	57,44	7 654
11.ª	10.324	18.210	19,22	20,59	60,19	63,82	28 534
12.ª	3.918	8.187	21,71	21,71	56,58	67,63	12 105
13.ª	775	1.031	24,44	20,85	54,71	57,09	1 806
14.ª	4.312	5.498	21,60	18,71	59,69	56,04	9 810
15.ª	4.126	5.655	15,58	5,78	78,64	57,82	9 781
16.ª	3.423	4.370	23,09	17,46	59,45	56,08	7 793
17.ª	1.059	1.358	17,16	14,36	68,48	56,19	2 417
18.ª	2.487	3.636	24,61	22,06	53,33	59,38	6 123
19.ª	3.715	4.820	26,87	19,48	53,65	56,47	8 535

Após o levantamento geral dos alunos, foi iniciado o estudo das classes de recuperação na 1.ª Região Escolar.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

— Reagrupamento, nos 3 tipos fundamentais de classes previstas pela Reforma, C. D. R, de alunos integrantes das mesmas, nos diversos adiantamentos, bem como dos alunos de classes mistas.

QUADRO DEMONSTRATIVO — 1.ª REGIÃO ESCOLAR

CLASSES REGULARES E DE RECUPERAÇÃO: NÚMEROS ABSOLUTOS E PORCENTUAIS

Classes	Número de alunos em classes regulares	Número de alunos em classes de recuperação				Total de alunos em classes de recuperação e regulares	%				
		C	D	R	TOTAL		C	D	R	De alunos em classes de recuperação sôbre o total — (reg. - recup.)	De alunos em classes regulares sôbre o total (reg. - recup.)
							Sôbre os alunos em cl. de recuperação				
1.ª	7.294	2.343	2.024	5.908	17.275	17.569	22,80	19,70	57,50	58,48	41,52
2.ª	2.172	862	509	1.348	2.719	4.891	31,70	18,72	49,58	58,48	44,41
4.ª	2.599	807	468	1.494	2.769	5.368	29,14	16,90	53,96	51,58	48,42
5.ª	14.649	2.405	1.572	5.211	9.188	23.837	26,18	17,10	56,72	38,54	61,46
Total	26.714	6.417	4.573	13.961	24.951	51.665	25,75	18,32	55,93	48,30	51,70

— Contato com os Orientadores de Educação Primária das referidas escolas, através do Questionário abaixo transcrito, visando colhêr a opinião dos mesmos sôbre a realidade constatada:

1. O conhecimento que os professôres, sob sua orientação, têm da Reforma do Ensino Primário é:

Muito — Pouco — Muito pouco.

2. O quadro anexo representa, em números absolutos e porcentuais, a situação das Escolas da Capital, relativamente às classes regulares e de recuperação, no primeiro semestre de 1964.

Na sua opinião, que fatôres terão concorrido para que esta realidade escolar da Capital assim se apresentasse?

3. Seriam êsses fatôres comuns às Escolas das diferentes entrâncias?

4. Se não forem comuns, a que atribui a diferença?

5. Por que as classes R apresentam uma porcentagem maior em relação às demais classes?

6. Os alunos que integram classes de recuperação estão recebendo tratamento adequado às suas necessidades:

Sim ..... 1.

Não ..... 2. Por quê? .....

.....

7. De acôrdo com a sua experiência faça as observações que julgar oportunas sôbre o assunto.

8. Que sugestões apresentaria para uma tentativa de possíveis modificações da realidade escolar da Capital?

— O levantamento de opiniões feito entre os Orientadores de Educação Primária da Capital ressalta, como **fatôres determinantes do elevado número de alunos em classe de recuperação**, entre outros os seguintes:

Área Administrativa:

— mobilidade de professôres
— horário escolar insuficiente
— lotação excessiva nas classes

Área Técnico-pedagógica:

— desinterêsse do professor pelo trabalho nessas classes
— falta de preparo adequado
— desconhecimento das necessidades individuais dos alunos
— falta de conscientização do problema específico dessas classes.

A apreciação da coexistência dos fatôres citados nas diversas escolas, independentemente de sua localização por entrância, recebe porcentagem positiva de 29% e negativa de 19%.

Os que se pronunciam negativamente, atribuem a causa do fenômeno apreciado ao nível sócio-econômico dos alunos.

A elevada matrícula das classes "R", justifica-se, na opinião dos informantes, por:

— ingresso tardio na escola
— subnutrição dos alunos
— falta de interêsse do professor
— deficiência dos professôres de 1.º ano
— falta de planejamento de trabalho
— horário escolar reduzido
— classes superlotadas
— mobilidade de professôres
— falta de entrosamento entre lar e escola
— organização deficiente da escola

A apreciação do **tratamento dispensado ao aluno em classe de recuperação** manifesta-se com 67% de opiniões não favoráveis à sua adequação e justificadas, ainda, pelos seguintes fatôres:

— horário escolar reduzido
— mobilidade de professôres
— condições físicas da escola
— pouco conhecimento do aluno
— professôres inadequados
— lotação excessiva das classes.

A apresentação de sugestões para sanar as deficiências constatadas, traduz-se em porcentagem altamente significativa com **Curso de especialização ou aperfeiçoamento para professôres de classe de recuperação.**

PLANO DE AMOSTRAGEM

Adoção de um critério que permitiu a construção de uma amostra que atendesse à realidade múltipla da parte do Universo a ser pesquisada, tendo em vista a situação diferenciada dos alunos de classe de recuperação (idade cronológica, escolaridade, desenvolvimento de aprendizagem) e seus diversos níveis sócio-econômios e culturais.

A porcentagem estabelecida, 20%, usada em todos os momentos do trabalho de amostragem como critério de proporcionalidade, permitiu que a amostra ficasse assim constituída:

Total de alunos	**Amostra**
24.951	4.990
Por classes	
"C" — 6.417	1.283
"D" — 4.573	915
"R" — 13.961	2.792
Alunos, por entrância da escola	
Classe "C"	
5.ª — 2.405	481
4.ª — 807	161
2.ª — 862	173
1.ª — 2.343	468

Classe "D"

5.ª	— 1.572	314
4.ª	— 468	94
2.ª	— 509	102
1.ª	— 2.024	405

Classe "R"

5.ª	— 5.211	1.042
4.ª	— 1.494	299
2.ª	— 1.348	270
1.ª	— 5.908	1.181

As unidades escolares, que forneceriam alunos para a amostra, foram sorteadas através de uma tabela de números equiprováveis.

Unidades escolares sorteadas: 27

1.ª entrância

1 — G. E. "Dr. Martins Costa Júnior"
2 — G. E. "Gomes Carneiro "
3 — G. E. "Japão"
4 — G. E. "Marechal Mallet"
5 — G. E. "Araujo Pôrto Alegre"
6 — G. E. "Fernando Gomes"
7 — G. E. "Monsenhor Leopoldo Hoff"
8 — G. E. "Desidério Finamor"

2.ª entrância

1 — G. E. "Paulo da Gama"
2 — G. E. "Jerônimo de Albuquerque"
3 — G. E. "Dr. Carlos Barbosa Gonçalves"

4.ª entrância

1 — G. E. "Balduíno Rambo"
2 — G. E. "General Sampaio"
3 — G. E. "Mons. Roberto Landell de Moura"
4 — G. E. "Otávio de Souza"
5 — G. E. "Ten. Cel. Corrêa Lima"

5.ª entrância

1 — G. E. Prof.ª Leopolda Barnewitz"
2 — G. E. "Dona Leopoldina"
3 — G. E. "Souza Lôbo"
4 — G. E. "Presidente Roosevelt"
5 — G. E. "Alberto Bins"
6 — G. E. "Ten. Cel. Emílio Massot"
7 — G. E. "Ceará"
8 — G. E. "Dr. Emílio Kemp"
9 — G. E. "Medianeira"
10 — G. E. "Estado do Rio Grande do Sul"
11 — G. E. "Prof. Ivo Corseuil"

INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

a — Grade

Coleta de dados relativos aos alunos através de uma grade construída com os seguintes itens:

— nome
— idade
— escolaridade na série
— grau de instrução do pai e da mãe
— profissão do pai
— situação escolar do aluno em 1964, 1965 e 1966.

Escala de classificação sócio-econômica

Adoção do critério de combinar a profissão do pai com o grau de instrução do pai e da mãe, usando uma escala social baseada na adaptação da escala utilizada por Glaucio Dillon Ary.

O número total de alunos classificados ficou assim distribuído:

5.ª entrância

N.º de alunos	Nível sócio-econômico
19	superior
85	médio-superior
461	médio-inferior
1.050	inferior

4.ª entrância

N.º de alunos	Nível sócio-econômico
2	superior
5	médio-superior
87	médio-inferior
475	inferior

2.ª entrância

N.º de alunos	Nível sócio-econômico
—	superior
—	médio-superior
111	médio-inferior
585	inferior

1.ª entrância

N.º de alunos	Nível sócio-econômico
1	superior
9	médio-superior
149	médio-inferior
1.782	inferior

A representação gráfica dos alunos, segundo a posição sócio-econômica que desfrutam, combinada com o grau de instrução do pai e da mãe, expressa em porcentagem, foi a seguinte:

Entrância	Inferior	Médio-inferior	Médio-superior	Superior
5.ª	50,20%	26,82%	5,75%	1,36%
4.ª	71,13%	14,47%	0,95%	0,45%
2.ª	67,66%	13,64%	—	—
1.ª	66,56%	15,32%	1,82%	0,46%

LEVANTAMENTO DE OPINIÕES DOS PROFESSÔRES DE CLASSE DE RECUPERAÇÃO

Com o objetivo de colhêr novos subsídios para maior conhecimento da realidade do aluno dessas classes, foi elaborado um questionário cujos itens foram selecionados de acôrdo com as áreas de maior relevância para a compreensão da Reforma do Ensino Primário, no trinômio professor-aluno-aprendizagem.

A aplicação dêsse instrumento foi feita nas escolas já selecionadas para a amostra.

Os dados recolhidos permitiram o estudo do tempo de trabalho realizado pelo professor de classe de recuperação e das dificuldades que nêle encontra.

Procurando-se verificar se o tempo de experiência, na classe de recuperação, contribuiria para uma opinião divergente, sôbre os vários aspectos do trabalho, em classe dêsse tipo, procedeu-se à tabulação dos dados por faixa de experiência.

JUSTIFICATIVA DAS DIFICULDADES DO TRABALHO NAS CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Item 11 — Tabela 1 — Gráfico 2

Os professôres, com quatro e cinco anos de experiência, justificam a dificuldade do trabalho, nessa classe, com a própria criança, considerando-a deficiente, desinteressada e indisciplinada: 42,86%, 28,57%, e 20,83%, respectivamente.

Com os professôres de dois, três, seis e mais anos de exercício, as percentagens mais significativas referem-se a alunos problematizados (problemas psíquicos): 9,09%, 18,55% e 18,19% respectivamente, sendo que os de seis anos também se referem ao fator disciplina: 18,19%.

Os professôres de dois e quatro anos justificam-na, ainda, com o excessivo conteúdo programático: 18,18% e 16,67%.

Os professôres, com três e quatro anos, atribuem essa dificuldade à deficiente orientação do professor:

7,41% e 30,83%.

Mais de 40% não justificaram a dificuldade.

Poder-se-ia concluir que:

1 — apesar de ser diferente o tempo de regência nas classes, os professôres vêem o problema, sob um mesmo ângulo;
2 — todos põem a dificuldade na própria criança;
3 — a dificuldade, encontrada nessas classes, relaciona-se, também, com a formação profissional do professor.

Outrossim, a elevada porcentagem de omissões, na justificativa, poderia levar à conclusão de que os professôres não têm real conhecimento da situação da classe, porque não a observam sistemàticamente.

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS DO TRABALHO EM CLASSE DE RECUPERAÇÃO — (item 16)

A — Quanto a êste item, as porcentagens mais significativas referem-se a:

— "diferentes ritmos de desenvolvimento dos alunos". 26,17%, 52,12%, 42,85%, 41,18%, 50% (dois, três, quatro, cinco seis e mais anos).
— "reações pouco satisfatórias dos alunos". 19,14%, 17,70%, 21,43%, 17,65%, 7,14%, (dois, três, quatro, cinco, seis e mais anos). (Tab. 11) (gráfico 11).

Conclusões: Poder-se-ia concluir que os professôres estão cônscios de que as classes de recuperação exigem maior doação do professor.

B) — **Diferença entre o trabalho das classes regulares e as de recuperaãço (item 17) (Tabela 11 — Gráfico 12)**

Todos os professôres de qualquer tempo de experiência, afirmam que as classes de recuperação exigem:

— "um trabalho mais criador"
— "uma atenção mais distribuída"
— "uma formação profissional mais especializada 50%, 55,56%, 62,07%, 70%, 46,16% (dois, três, quatro, cinco, seis e mais anos).

Conclusão:

Poder-se-ia, ainda, concluir que estão os professôres cônscios de que êsse trabalho exige maior disponibilidade e formação profissional mais acurada.

RECURSOS UTILIZADOS PELO PROFESSOR PARA ENTRAR EM CONTACTO COM A REALIDADE DO ALUNO DE CLASSE DE RECUPERAÇÃO

(Item 21) (Tabela 15 — Gráfico 16)

Neste item, houve equivalência de porcentagem, enumere dois, dos recursos utilizados — "observação individual" e "entrevista com os pais", respectivamente, 31,05% — 30,53%.

As porcentagens pouco significativas, referentes a outros recursos, tais como "arquivo de amostra do trabalho criador do aluno", "registro de dados", "realização de diagnóstico de aprendizagem" poderiam levar à conclusão de que os professôres não utilizam os meios mais necessários e adequados a um conhecimento mais exato do aluno.

ORIENTAÇÃO RECEBIDA PARA TRABALHO EM CLASSE DE RECUPERAÇÃO

(Item 23) (Tabela 17 — Gráfico 18)

A — **Quanto a êste item,** as porcentagens mais significativas referem-se a:

— alguma orientação — 31,78%
— pouca — 30,28%
— muita — 7,77%

B — **Forma de Orientação** (Item 24) (Tabela 18 — Gráfico 19)

Quanto a esta, as porcentagens mais significativas referem-se a:

— "em geral" — 53,65%
— "em particular" — 10,24%
— "estudo de casos" — 5,06%

Poder-se-ia concluir daí que a orientação oferecida pela SEC não é suficiente, nem dada de maneira específica.

C — **Orientação recebida na Escola Normal para um bom trabalho nas Classes de recuperação** (Item 25) (Tab. 19 Gráf. 20)

Aqui a porcentagem mais significativa está relacionada ao **não** — 82,47% e apenas 14,81, dizem que **sim.**

D — **Justificativa da ausência de orientação** (Item 26) (Tab. 20 Gráf. 21)

As porcentagens mais altas aparecem em relação à "pouca orientação" — 24,82%.

"Preparação para classe regular" — 18,72%, "falta de orientação específica" — 3,02%, "classe que exige atenção especial" — 2,72% e sem resposta — 18,81%.

Não havia sido implantada a Reforma do Ensino Primário quando os informantes cursavam a Escola Normal. — 11,91%.

A quase unanimidade dos professôres investigados, em se declararem não suficientemente preparados para um bom trabalho, nas classes de recuperação, levaria à conclusão de que a Escola Normal não está dando um preparo adequado para êsse trabalho.

E — **Aperfeiçoamento em relação ao trabalho em Classes de recuperação** (estudos considerados de maior importância) (Item 27) (Tabelas 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27 — Gráficos 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28).

As áreas consideradas mais importantes foram:

— "psicologia da criança" — 83,86%
— "psicologia da aprendizagem" — 54,91%
— "orientação educativa" — 63,23%
— "técnicas didáticas" — 59,02%
— "técnicas de avaliação" — 47,93%
— "estudo e interpretação de currículo" — 45,58%
— "psicologia geral" — 35,13%

Poder-se-ia concluir que os professôres estão conscientes de que seu atual conhecimento, tanto em Psicologia, como em Didática, não lhes permite a realização de um trabalho mais perfeito, nessas classes.

Outrossim, a grande importância atribuída à "Orientação Educativa", evidencia que os professôres compreendem a necessidade imprescindível de conhecimentos, nessa área, para o seu trabalho.

5 — **Orientação oferecida às escolas pelo CPOE:**

(Item 38) (Tabela 42 — Gráfico 43)

As médias mais significativas referem-se a:

— "encontro de professôres para estudo e discussão de problemas comuns" — 34,98%.
— "contacto com as Orientadoras de Educação Primária" — 25,19%.
— "cursos intensivos, palestras e seminários", tiveram porcentagens equivalentes — 7,51%, 7,53% e 7,05%.

Poder-se-ia concluir que os professôres consideram como mais valiosa a orientação que lhes é propiciada, através dos postos ,onde têm oportunidade de trocar idéias e experiências.

Outrossim, emprestam relevância ao trabalho do Orientador junto às escolas.

Em suma, poder-se-ia chegar à conclusão de que professôres investigados compreendem o grande valor do diálogo em educação, isto é, a importância da troca de idéias e experiências.

6 — Vantagens oferecidas aos alunos pela Reforma (Item 12) (Tabela 2 — Gráfico 3)

Neste caso, as porcentagens mais significativas referem-se a:
— "maiores vantagens" — 43,78%
— "algumas vantagens" — 35,80%
— "nenhuma vantagem" — 11,97%

Poder-se-ia concluir que a maioria dos professôres é favorável à Reforma do Ensino Primário.

7 — Dificuldades apresentadas pelo trabalho em Classe de recuperação — (Itens 14 e 15) (Tab. 3 Gráf. 4)

Aqui as médias de porcentagem mais significativas referem-se à:

— "maior dificuldade" — 81,40%
— "alguma dificuldade" — 11,01%
— "mesma dificuldade" — 6,44%

Poder-se-ia concluir que os professôres estão considerando o atendimento à classe de recuperação, como algo excepcional e inteiramente distinto do trabalho que realizam com as classes regulares.

Esta conclusão pode ser enfatizada, com as porcentagens verificadas no item 15.

8 — Aspectos ponderáveis relacionados com o trabalho em Classe de recuperação — (Item 15) (Tabelas 6, 7, 8 e 9 — Gráficos 7, 8, 9 e 10)

Nos fatôres considerados de maior importância, apareceram as seguintes porcentagens:

— "melhor conhecimento da criança" — 35,95%
— "menor número de alunos" — 32%
— "maior compreensão técnica" — 15%
— "maior compreensão e colaboração da família" — 11,35%
— "maior dinamismo na orientação da aprendizagem" — 9,91%
— "maior enriquecimento do trabalho escolar" — 9,17%

Poder-se-ia concluir que falta ao trabalho dessas classes, maior dinamismo na orientação da aprendizagem.

9 — **Situações que dificultam o trabalho em Classes de recuperação — (Item 32) (Tabela 31 — Gráfico 32)**

Aqui as médias de porcentagem mais significativas referem-se a:

— desinterêsse da família — 20,44%
— baixo nível sócio-econômico — 19,37%
— classe numerosa — 14,11%
— falta de material didático adequado — 10,81%
— regime escolar em três turnos — 9,62%
— falta de professôres — 7,84%
— deficiência de orientação técnica — 6,79%

Poder-se-ia concluir que as maiores dificuldades do trabalho residem no aluno dessas classes, uma vez que o mesmo provém de meio desprovido de recursos, como foi comprovado por levantamento do nível sócio-econômico dêsses alunos, já realizado.

Outrossim, o trabalho é, ainda, dificultado por situações administrativas, e orientação técnica pouco intensiva.

10 — **Tipos de problemas psicológicos encontrados nas Classes de recuperação — (Item 30) (Tab. 29 — Gráf. 30)**

Aqui as médias de porcentagem mais significativas referem-se a:

— desajustamento familiar — 22,65%
— desajustamentos emocionais — 14,93%
— desinterêsse da criança — 5,29%
— pouco atendimento dos pais — 5,55%
— deficiência mental — 4,05%

B — **Providências tomadas, em face dos problemas surgidos em classe — (Item 31) (Tab. 30 — Gráf. 31)**

Aqui as médias de porcentagem mais significativas referem-se a:

— entendimento com a família — 31,72%
— atendimento particular — 19,75%
— encaminhamento ao setor especializado — 9,15%
— cooperação da direção — 2,29%

Poder-se-ia concluir daí que os problemas psicológicos, encontrados nas classes de recuperação, originam-se na área familiar e que os professôres procuram resolvê-los com a colaboração da família, sem contudo recorrer à diretora ou à orientadora educacional.

11 — **Importância atribuída ao clima de grupo, no trabalho de classe — (Item 18) (Tab. 13 — Gráf. 14)**

Médias de porcentagem mais significativas:

— muita — 57,13%
— alguma — 30,11%
— pouca — 11,13%

Poder-se-ia concluir que a maioria dos professôres investigados reconhece que, para um bom trabalho de classe, é indispensável um bom clima de grupo.

12 — **Fatôres que mais contribuiram para um bom clima de grupo segundo a experiência dos professôres — (Item 19 — Tabela 13 b).**

Médias de porcentagem mais significativas:

— participação entre elementos — 49,12%
— personalidade do professor — 22,87%
— personalidade do aluno — 12,54%
— método de ensino — 4,93%

Poder-se-ia concluir que os professôres têm percepção exata das condições exigidas para um bom trabalho de classe.

13 — **Reação dos alunos em relação ao trabalho de classe — (Item 20) — (Tab. 14 — Gráf. 15)**

Médias de porcentagem mais significativas:

— Algum interêsse — 29,37%

Poder-se-ia concluir que a maior porcentagem, concentrada em "algum interêsse" dos alunos, resulta de que as condições do trabalho docente não satisfazem aos interêsses próprios do aluno, ou será isso decorrente das condições do próprio aluno?

C — **Aspectos que devem ser modificados no processo de medidas do rendimento escolar — (Item 36) (Tabela 36 — Gráfico 37)**

Porcentagens mais significativas:

— procedência da prova — 20,81%
— forma de elaboração, graduação e apresentação das questões — 18,79%
— critério na seleção de conteúdos — 6,96%

Poder-se-ia concluir que os que discordam da prova utilizada o fazem, quanto a sua elaboração, e não quanto ao que ela mede.

D — **Importância atribuída a alguns aspectos significativos relacionados com o enriquecimento do processo de avaliação — (Item 37) (Tabela 40 — Gráfico 41)**

Médias de porcentagem mais significativas:

— preponderância de resultados alcançados nas atividades de classe, durante o ano letivo — 40,14%
— evidência do desenvolvimento do aluno em outras áreas de ação — 14,02%
— participação da família no processo de avaliação — 10,64%
— auto-avaliação do professor — 9,92%

Poder-se-ia concluir que os professôres não valorizam decisivamente a participação da família, nem sua auto-avaliação, no enriquecimento do processo de avaliação.

14 — **Os objetivos das Classes de recuperação vêm sendo alcançados — (Item 32) (Tab. 32 — Gráf. 33)**

As médias das porcentagens mais significativas são:

— em parte — 50,66%
— em maioria — 19,29%
— não estão sendo atingidas — 26,27%

B — **Justificativa da não consecução dos objetivos — (Item 32) (Tab. 33 — Gráf. 34)**

Neste item, as porcentagens ficaram muito distribuídas, sendo que as justificativas de mais alta porcentagem foram:

— baixo nível sócio-econômico — 9,02%
— dificuldade em vencer dois programas — 7,83%
— desinterêsse dos pais — 6,52%
— classes numerosas — 4,37%
— falta de condições nas escolas — 2,97%
— falta de orientação técnica — 2,83%
— sem resposta — 33,38%

Verificando as porcentagens da tabela 43, poder-se-ia concluir que, se os objetivos dessas classes não estão sendo alcançados, em sua maioria, isso se deve às deficientes condições sócio-econômicas da família.

Com efeito, êsse fato parece ser confirmado, quando se observam os gráficos resultantes da classificação social dos alunos dessa classes, os quais situam quase 70% dêsse alunos em nível social inferior.

Outrossim, pode ser isso motivado por fatôres localizados na área administrativa (classes numerosas, horário reduzido, falta de mobilidade de professôres, etc) bem como por fatôres inerentes à pessoa do aluno (baixo nível intelectual, problemas familiares).

Poder-se-ia concluir, também, que a assistência técnica, dispensada a essas classes, não está sendo suficiente. Fato êste que é confirmado quando os professôres se justificam, alegando "dificuldade de vencer dois programas", o que revela uma compreensão imperfeita da situação de aprendizagem nesse tipo de classes.

A alta porcentagem de professôres que não responderam seria motivada pelo desconhecimento da relevância que, para a pesquisa educacional, tem a opinião do professor? Ou seria que, por não conseguirem localizar, com precisão, as possíveis causas dêsse fato, se omitem de opinar?

CONCLUSÕES

Considerando-se as limitações de um tal estudo, e, com base no que foi possível verificar, poder-se-ia chegar a algumas conclusões dêste primeiro estudo, ainda que em caráter não definitivo:

— os professôres estão cônscios de que êsse trabalho exige maior disponibilidade e formação profissional mais acurada;
— os professôres têm percepção exata das condições exigidas para um bom trabalho de classe;
— a escola normal não está preparando convenientemente para êsse trabalho;
— os professôres estão conscientes de necessitarem maiores conhecimentos, tanto em Psicologia como em Didática;
— os professôres concedem grande importância à Orientação

Educativa e compreendem a necessidade imprescindível, para o trabalho, de conhecimento nessa área;
— os professôres não utilizam os meios mais adequados para o conhecimento do aluno;
— os professôres estão considerando o atendimento à classe de recuperação como algo excepcional e inteiramente distinto do trabalho que realizam com as classes regulares;
— falta a êsse trabalho maior dinamismo, na orientação da aprendizagem;
— o trabalho é dificultado por situações administrativas e orientação técnica pouco intensiva;
— a orientação oferecida pela SEC não é suficiente, apesar de considerarem valiosa a orientação que lhes é propiciada através dos postos, onde têm oportunidade de trocar idéias e experiências, e de emprestarem relevância ao trabalho do Orientador junto às escolas;
— os professôres das diferentes entrâncias e em diferentes tempos de exercício, opinam que a maior dificuldade das classes de recuperação reside na própria criança, na sua maioria de nível sócio-econômico inferior, e na formação do professor.

RECOMENDAÇÕES

Em face dos resultados dêsse trabalho recomendamos:

— assistência técnica sistemática e intensiva ao professor;
— maior cuidado, por parte das escolas normais, no seu planejamento, relativamente às classes de recuperação;
— cientificação aos professôres da importância de sua opinião, para a pesquisa educacional.

ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS INTEGRANTES DA AMOSTRA NOS ANOS DE 1964 E 1965

Atualmente, a Divisão de Pesquisas está ultimando os estudos do acompanhamento dêsses alunos, podendo-se já, nesta fase do trabalho, dizer da significação funcional positiva do sistema em avaliação.

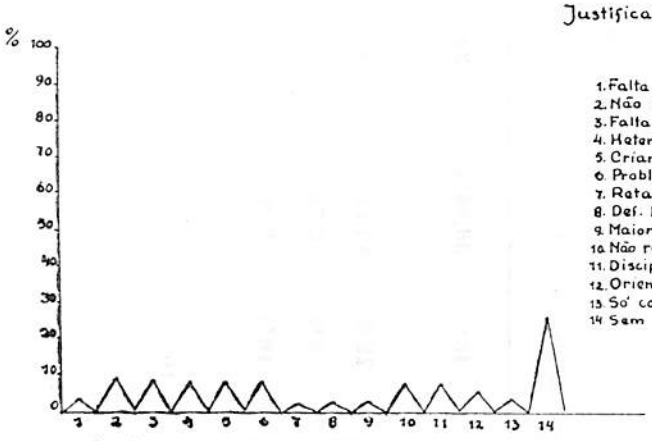
Justificativas das dificuldades de trabalho nas Classes de recuperação

TABELA N.º 1

Justificativas	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Falta de maturidade	—	—	—	—	16,67%	—	—
Não vence programa	12%	15,79%	18,18%	—	16,67%	—	—
Falta interêsse do aluno	—	—	6,06%	3,71%	20,83%	28,57%	—
Muito heterogêneo	16%	5,26%	9,09%	14,82%	—	7,14%	—
Crianças deficientes	—	—	6,06%	—	4,17%	42,86%	—
Problemas psíquicos	8%	—	9,09%	18,51%	—	—	18,19%
Retardados	—	5,26%	3,03%	—	—	—	9,09%
Deficiência de educação ...	—	5,26%	—	—	—	—	9,09%
Maior âmbito de conh.	—	—	—	—	—	—	9,09%
Não resp. item anterior	32%	21,06%	—	—	—	21,43%	—
Disciplina	—	—	9,09%	—	20,83%	—	18,19%
Sem resposta	32%	47,37%	39,40%	48,15%	—	—	18,19%
Orient. def. da professôra ..	—	—	—	7,41%	20,83%	—	—
Só conhece classe R	—	—	—	7,40%	—	—	18,16%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

NOTA: — % sôbre o número de resposta a cada pergunta.

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO



Pôrto Alegre - 1964

Justificativas Apresentadas

	Porcentuais %
1. Falta de maturidade	2,88
2. Não vence programa	8,95
3. Falta interêsse aluno	8,45
4. Heterogeneidade	7,47
5. Crianças deficientes	7,88
6. Problemas psicol.	7,68
7. Retardados	1,75
8. Def. Educativas	2,05
9. Maior âmbito conhec.	2,29
10. Não resp. item anterior	7,12
11. Disciplina	7,87
12. Orient. def. para prof.	5,03
13. Só conhece c/ R.	2,84
14 Sem resposta	27,74
Total	100,00

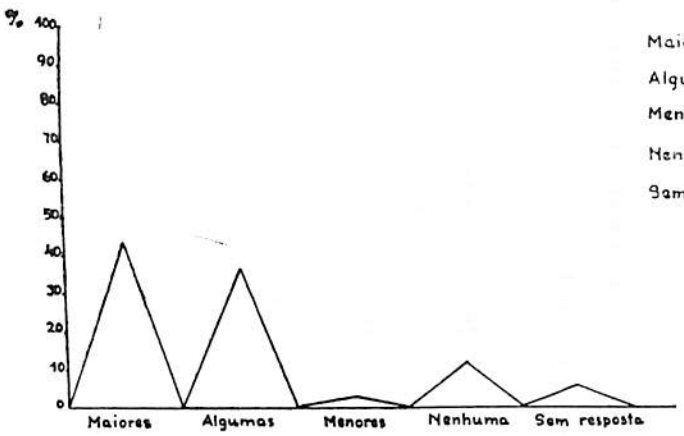
Vantagens oferecidas ao aluno pela Reforma

TABELA N.º 2

Vantagens p/aluno	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Maiores	48%	36,84%	33%	62,50%	39,39%	50,00%	36,36%
Menores	—	—	—	4,17%	6,06%	—	9,09%
Algumas	28%	42,11%	33%	20,83%	45,46%	35,72%	45,46%
Nenhuma	8%	15,79%	15%	12,50%	9,09%	14,28%	9,09%
Sem resposta	16%	5,26%	19%	—	—	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1964



Vantagens oferecidas aos alunos pela reforma	Percentual
Maiores	45,18 %
Algumas	35,89 %
Menores	2,76 %
Nenhuma	11,97 %
Sem resposta	5,69 %

Comparação entre as dificuldades encontradas no trabalho realizado em Classes regulares e em Classes de recuperação

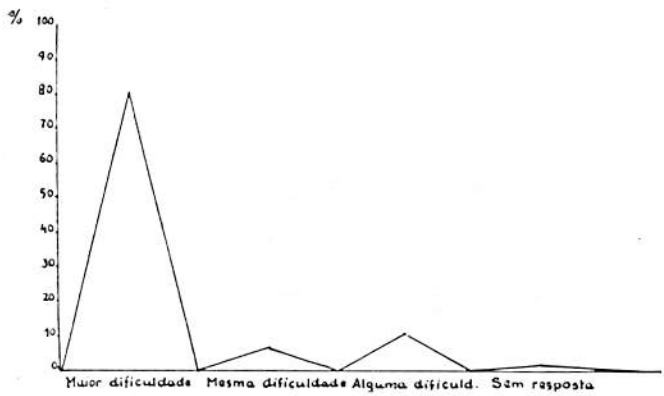
TABELA N.º 3

	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
Dificuldade	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Maior	76%	89,48%	81,82%	81,49%	91,67%	85,72%	63,64%
Mesma	—	5,26%	9,09%	7,40%	—	14,28%	9,09%
Alguma	16%	5,26%	9,09%	11,11%	8,33%	—	27,27%
Outras							
Sem resposta	8%	—	—	—	—	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Dificuldade comparativa entre classes de Recuperação e classes regulares



Porcentuais	
Maior dificuldade	81,40 %
Mesma "	6,44 %
Alguma "	11,01 %
Sem resposta	1,15 %

TABELA N.º 6

Menor n.º de alunos

	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
Ordem de importância	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1	24%	36,84%	21,21%	44,46%	41,67%	28,57%	27,27%
2	20%	5,26%	24,24%	11,12%	12,50%	7,14%	9,09%
3	12%	—	9,09%	7,40%	12,50%	—	9,09%
4	—	31,58%	15,15%	7,40%	16,66%	28,57%	27,27%
5	12%	5,26%	15,15%	3,70%	4,17%	—	9,09%
6	24%	10,53%	15,16%	18,52%	12,50%	35,72%	—
S/resposta	8%	10,53%	—	7,40%	—	—	18,19%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 7

Maior enriquecimento do trabalho da escola, em geral.

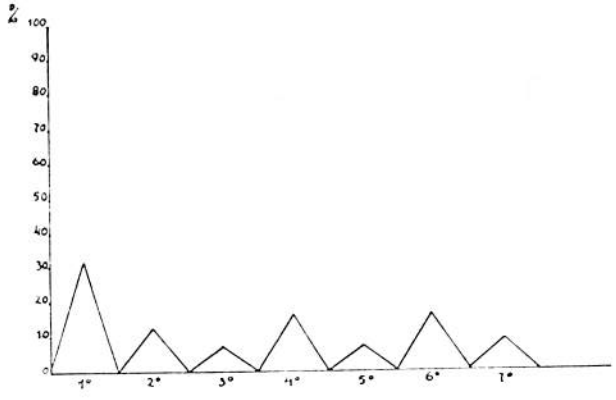
Ordem de importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1	8%	5,26%	6,06%	18,52%	8,33%	7,16%	9,09%
2	12%	21,05%	9,09%	3,70%	4,17%	14,22%	—
3	16%	15,79%	12,12%	11,12%	8,33%	21,44%	—
4	16%	15,79%	6,06%	18,52%	8,33%	14,29%	27,27%
5	20%	10,54%	24,25%	14,82%	25,00%	21,44%	9,09%
6	20%	21,05%	39,39%	25,92%	41,67%	14,29%	36,37%
S/resposta	8%	10,52%	3,03%	7,40%	4,17%	7,16%	18,18%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Exigências relativas ao atendimento de necessidades

ordem de importância: "Menor número de alunos"

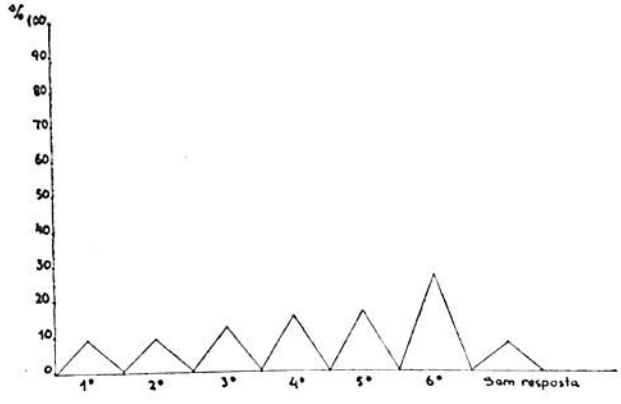


	Porcentagens %
1° em importância	32
2° " "	12,76
3° " "	7,15
4° " "	16,09
5° " "	7,05
6° " "	16,61
Sem resposta	8,24

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Exigências relativas ao atendimento de necessidades
ordem de importância:
"Maior enriquecimento do
trabalho da Escola"



	Porcentuais
1° em importância	- 9,17 %
2° " "	- 9,17 %
3° " "	- 12,42 %
4° " "	- 15,17 %
5° " "	- 17,31 %
6° " "	- 28,35 %
Sem resposta	8,35 %

TABELA N.º 8

Maior compreensão e colaboração da família.

Ordem de importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1	8%	10,53%	15,15%	14,81%	16,66%	14,28%	—
2	12%	—	21,21%	18,52%	25,00%	7,15%	9,10%
3	32%	26,31%	18,19%	14,82%	20,84%	14,28%	27,27%
4	20%	10,53%	27,27%	14,82%	12,50%	21,43%	18,18%
5	16%	15,79%	9,09%	14,82%	8,33%	35,71%	—
6	4%	21,05%	9,09%	18,51%	12,50%	7,15%	27,27%
S/resposta	8%	15,79%	—	3,70%	4,17%	—	18,18%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 9

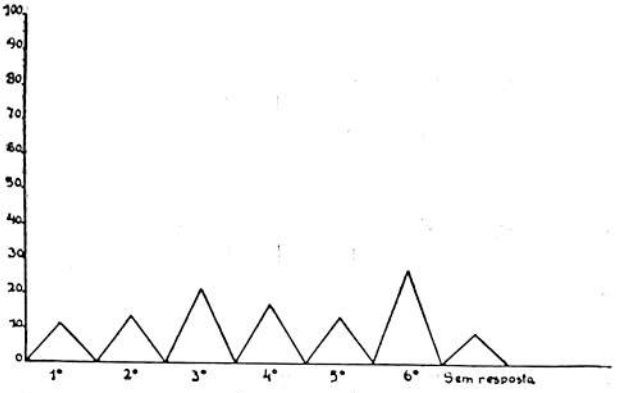
Maior orientação técnica

Ordem de importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1	12%	5,26%	27,28%	22,22%	29,17%	—	9,09%
2	24%	26,31%	21,21%	29,63%	20,84%	50,00%	18,18%
3	12%	15,79%	9,09%	3,71%	16,66%	14,28%	45,46%
4	12%	26,32%	9,09%	14,81%	8,33%	7,16%	—
5	12%	—	6,06%	7,41%	12,50%	14,28%	9,09%
6	20%	10,53%	24,24%	14,81%	8,33%	14,28%	—
S/resposta	8%	15,79%	3,03%	7,41%	4,17%	—	18,18%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DO PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Exigências relativas ao atendimento das necessidades - ordem de importância: Maior compreensão e colaboração da família

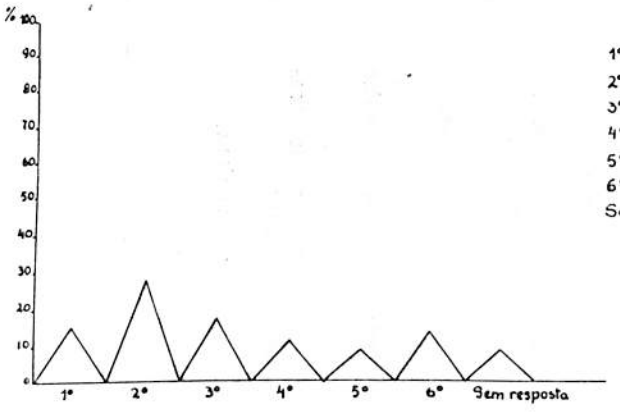


Porcentuais	
1° em importância	11,35 %
2° em importância	13,28 %
3° em importância	21,96 %
4° em importância	17,82 %
5° em importância	14,25 %
6° em importância	14,22 %
Sem resposta	7,12 %

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Exigências relativas ao atendimento das necessidades - ordem de importância: - Maior orientação técnica -



Porcentuais	
1° Em importância	15%
2° " "	27,17%
3° " "	16,71%
4° " "	11,10%
5° " "	8,76%
6° " "	13,17%
Sem resposta	8,09%

TABELA N.º 10

Características mais específicas ao atendimento do aluno de Classe de recuperação

Atendimentos	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
À diferença de ritmos de desenvolvimento	44,83%	43,48%	36,17%	52,12%	42,85%	41,18%	50,00%
Às necessidades particulares à determinada matéria	31,03%	26,08%	31,90%	27,06%	25,00%	25,53%	21,44%
Às reações pouco satisfatórias do aluno	10,34%	17,39%	19,14%	17,70%	21,43%	17,65%	7,14%
Às situações de trabalho em classe	—	4,36%	—	—	3,57%	5,88%	—
Às manifestações do trabalho dos alunos	6,90%	—	8,55%	—	—	5,88%	7,14%
Outras características . . .	—	—	2,12%	—	—	—	7,14%
Sem resposta	6,90%	8,69%	2,12%	3,12%	7,15%	5,88%	7,14%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 11

A Classe de recuperação se diferencia da regular — porque:

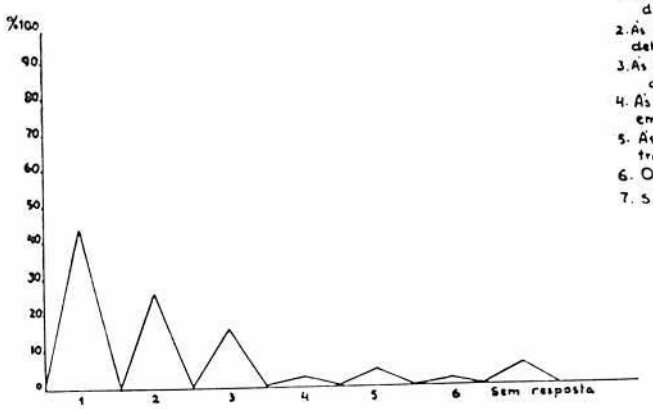
Diferenças	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 Exige trabalho mais criador	5,88%	5,26%	19,05%	3,70%	10,34%	10,00%	15,38%
2 Exige atenção	26,48%	15,79%	21,43%	25,93%	24,14%	5,00%	23,08%
3 Exige formação profissional mais especializada	23,53%	—	9,52%	14,81%	3,45%	15,00%	7,69%
4 Exige as 3 citações anteriores	41,17%	73,69%	50,00%	55,56%	62,07%	70,00%	46,16%
Sem resposta	2,94%	5,26%	—	—	—	—	7,69%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

"Características mais específicas ao atendimento do aluno de classe R -

1. Ás diferentes ritmos de desenvolvimento ..... 44,37 %
2. Ás necessidades partic. de determin. materia ..... 26,86 %
3. Ás reações pouco satisf. do aluno ..... 15,82 %
4. Ás situações de trab. em classe ..... 1,97 %
5. Ás manifestações do trabalho do aluno ..... 4,06 %
6. Outras caracterist. ..... 1,32 %
7. Sem resposta ..... 5,60 %



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Diferenças entre a classe de recuperação e a classe Regular

	Porcentuais
1. Exige o trabalho mais criador	9,95%
2. Exige atenção mais distribuida	20,26
3. Exige form. profiss. mais especif.	10,57
4. Exige as três citações anteriores	56,95
Sem resposta	2,27

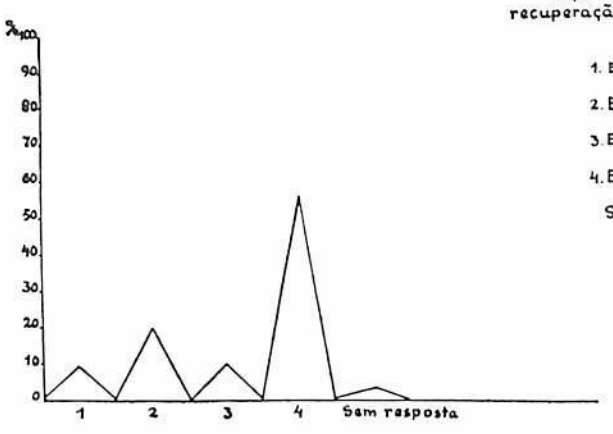


TABELA N.º 13

Importância atribuída ao Clima de grupo no trabalho de Classe de recuperação

Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Muita	80%	78,94%	63,63%	48,15%	50,00%	42,85%	36,36%
2 — Pouca	—	10,53%	9,09%	11,11%	16,67%	21,43%	9,09%
3 — Alguma importância . .	16%	10,53%	27,28%	33,33%	33,33%	35,72%	54,55%
5 — Sem resposta	4%	—	—	7,41	—	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 13 B

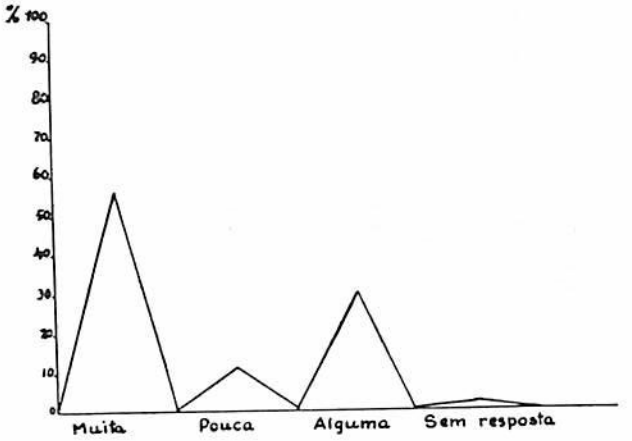
Fatôres que mais contribuem para um bom Clima de grupo

Fatôres	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1. Personalidade do prof.	19,35%	25,00%	24,44%	7,41%	20,00%	28,58%	35,29%
2. Personalidade do aluno	19,35%	12,50%	13,33%	11,11%	6,67%	7,14%	17,65%
3. Part. entre elementos	58,06%	45,70%	48,88%	59,26%	46,67%	50,00%	35,29%
4. Part. entre sub-grupos	—	2,23%	2,23%	7,41%	3,33%	—	5,88%
5. O método de ensino ..	—	8,30%	6,66%	3,70%	10,00%	—	5,89%
6. Outro	—	—	2,23%	—	—	7,14%	—
7. Sem resposta	3,24%	4,25%	2,23%	11,11%	13,33%	7,14%	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre

Importância atribuida ao clima de grupo no trabalho de classes R



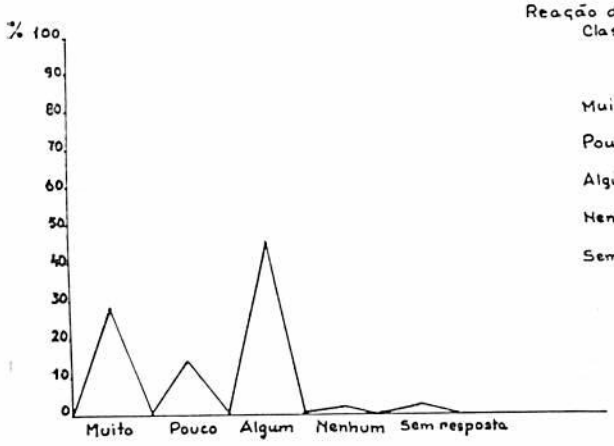
	Porcentuais
Muita	57,13
Pouca	11,13
Alguma	30,11
Sem resposta	1,63

TABELA N.º 14

Reação dos alunos ao trabalho em Classe de recuperação

Reação	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muito interêsse	24%	26,31%	33,33%	29,63%	41,66%	14,29%	36,37%
Pouco interêsse	24%	26,31%	6,06%	22,22%	8,33%	7,14%	9,09%
Algum interêsse	48%	42,12%	54,55%	44,45%	45,83%	78,57%	54,54%
Nenhum interêsse	—	—	3,03%	3,70%	4,18%	—	—
Sem resposta	4%	5,26%	3,03%	—	—	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE
O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO



Pôrto Alegre

Reação dos alunos ao trabalho de Classe de Recuperação

	Porcentuais
Muito interesse	29,37 %
Pouco	14,73 %
Algum	52,58 %
Nenhum	1,56 %
Sem resposta	1,76 %

TABELA N.º 15

Recursos utilizados pelo professor para entrar em contacto com a realidade do aluno

Recursos	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Obs. individual ...	30,14%	35,89%	28,72%	29,82%	30,44%	25,72%	36,67%
2 — Entrevista c/pais ..	26,12%	28,21%	29,79%	36,84%	28,99%	37,14%	36,67%
3 — Real. de diagn. de aprend.	8,19%	2,56%	7,45%	5,27%	5,79%	8,57%	3,33%
4 — Estudo do hist. escolar	8,19%	12,83%	9,58%	12,28%	11,59%	8,57%	3,33%
5 — Registro de dados	4,91%	7,69%	5,31%	5,27%	5,79%	2,86%	13,33%
6 — Obs. grupo de clas.	11,00%	5,13%	11,70%	5,27%	10,16%	11,42%	10,00%
7 — Arquivo de amostr. trab. alunos	3,27%	—	3,19%	3,50%	2,89%	2,86%	—
8 — Aplicação de testes cient.	4,91%	7,69%	4,26%	—	2,89%	—	6,67%
9 — Outras formas	—	—	—	—	1,46%	2,86%	—
10 — Sem resposta	3,27%	—	—	1,75%	—	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Recursos utilizados pelo professor para entrar em contacto com a realidade do aluno

1. Observ individual	31,05 %
2. Entrevista com os pais	30,53 %
3. Realiz de diagnóst da aprend.	5,88 %
4. Estudo do histór escolar	9,48 %
5. Registro de dados	6,45 %
6. Observ. do grupo de classe	9,24 %
7. Arquivo de amostra do trab.	2,38 %
8. Aplicação de testes científ.	3,77 %
9. Outras formas	0,61 %
10. Sem resposta	0,61 %

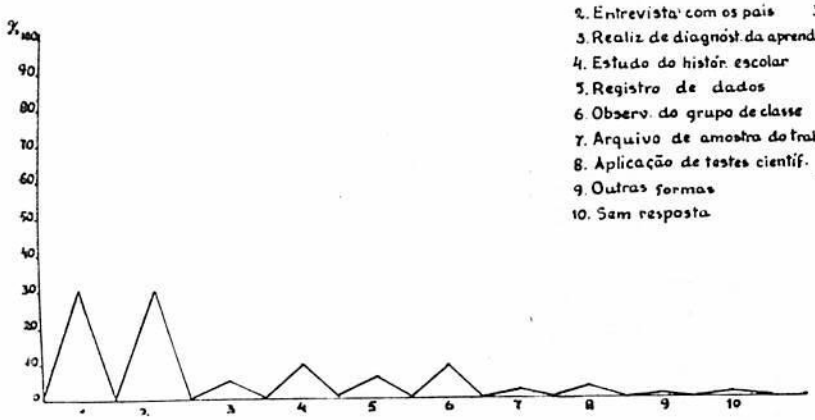


TABELA N.º 17

Orientação recebida para o trabalho em Classe de recuperação

Orientação recebida	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Muita	8%	10,53%	12,12%	7,40%	—	7,14%	9,09%
2 — Alguma	28%	15,79%	18,19%	29,63%	33,33%	42,86%	54,54%
3 — Pouca	32%	31,57%	15 15%	25,92%	29,17%	50,00%	27,28%
4 — Nenhuma	32%	42,11%	54,54%	37,05%	37,50%	—	9,09%
Sem resposta	—	—	—	—	—	—	—

TABELA N.º 18

Forma de Orientação

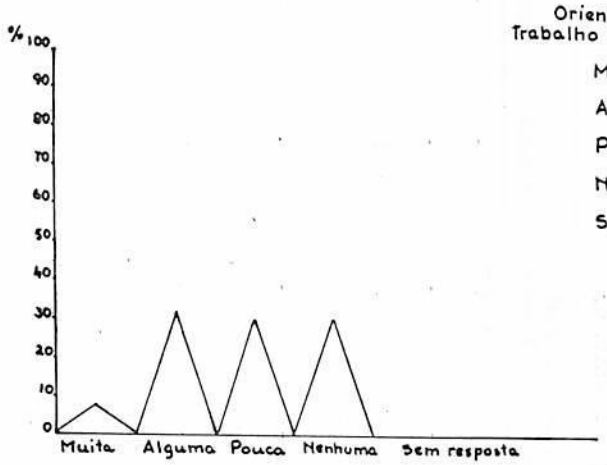
Orientação	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Em geral	52%	26,32%	42,42%	55,56%	52,00%	85,72%	61,53%
Em particular	20%	15,79%	9,09%	7,41%	4,00%	—	15,39%
Em cursos especiais	—	—	3 03%	7,41%	—	7,14%	15,39%
Estudo de caso	—	10,53%	6,06%	3,70%	8,00%	7,14%	—
Outra forma	4%	—	3,03%	—	—	—	—
Sem informação	24%	47,36%	36,37%	25,92%	36,00%	—	7,69%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Porto Alegre

Orientação recebida para o Trabalho em classe de recuperação

Muita	7,77
Alguma	31,78
Pouca	30,17
Nenhuma	30,28
Sem resposta	-



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Formas de orientação recebida e tomada

	Porcentuais
1. Em geral	53,65 %
2. Em particular	10,24 %
3. Em cursos espec.	4,71 %
4. Estudo de Caso	5,06 %
5. Outra forma	1,00 %
6. Sem inform.	25,34 %

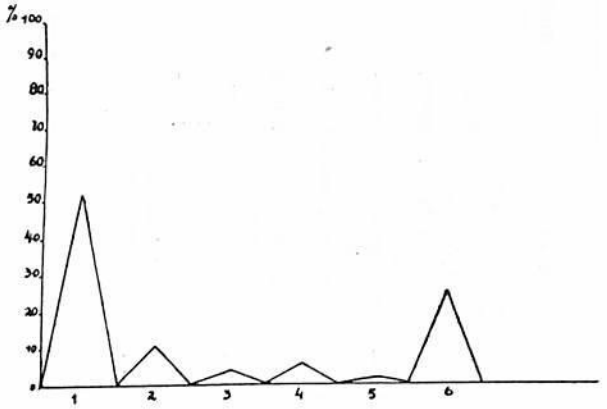


TABELA N.º 19

Considera suficiente a orientação recebida na Escola Normal para o trabalho em Classe de recuperação

Suf. de orient.	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Não	68%	73,69%	84,85%	88,89%	83,33%	78,57%	100%
2 — Sim	28%	26,31%	15,15%	7,41%	12,50%	14,29%	—
3 — Sem resposta	4%	—	—	3,70%	4,17%	7,14%	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 20

Justificativa da resposta anterior

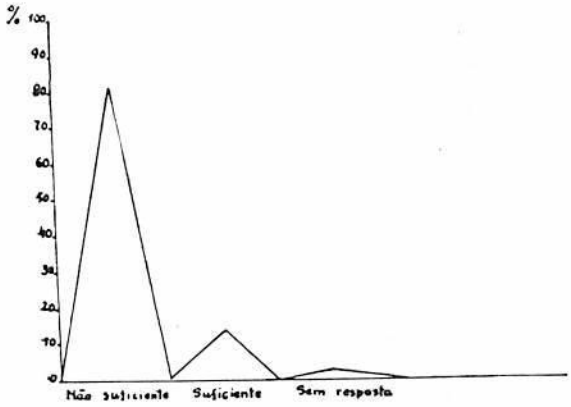
Justificativa	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Pouca orientação . .	28,59%	36,85%	52,78%	55,56%	—	—	—
2 — Classe de Rec. exige atend. especial	13,79%	5,26%	—	—	—	—	—
3 — A Escola Norm. prep. p/Clas. Regulares . .	13,79%	—	8,33%	7,41%	38,46%	35,71%	27,27%
4 — Renovação de conhecimentos	—	5,26%	13,88%	3,70%	3,85%	14,29%	—
5 — Orientação muito fraca	—	5,26%	—	—	—	—	9,09%
6 — Falta de orientação mais específica	—	—	8,33%	3,70%	—	—	9,09%
7 — Não havia sido implantada Reforma . .	—	—	—	—	30,77%	7,14%	45,46%
8 — Resp. na anterior — Recebeu orient.	25,15%	26,31%	—	7,41%	11,54%	14,29%	—
9 — Sem resposta	18,68%	21,06%	16,68%	22,22%	15,38%	28,57%	9,09%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Suficiência da Orientação no Normal para o trabalho R - Porcentuais

Não suficiente	82,41 %
Suficiente	14,81 %
Sem resposta	2,72 %



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Justificativa sôbre o grau da orientação recebida na Normal

	%
1. Pouca orientação	24,82 %
2. Classe R exige atend. esp.	2,72
3. Escola Normal prep. p. classe R	18,72
4. Renovação de conhecim.	5,85
5. Orientação muito fraca	2,05
6. Falta de orient. espec.	3,02
7. Não havia sido imp ref.	11,91
8. Recebeu orient.	12,10
9. Sem resposta	18,81

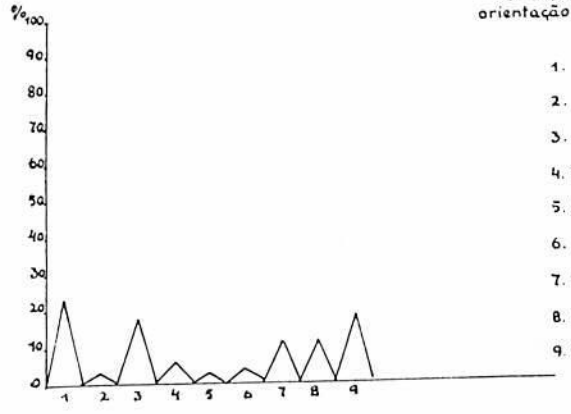


TABELA N.º 21

Importância da Psicologia Geral para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	40%	26,31%	33,33%	14,82%	54,17%	50,00%	27,28%
Pouca	12%	36,85%	9,09%	18,52%	4,17%	14,29%	—
Alguma	40%	15,79%	27,28%	33,33%	16,66%	28,57%	36,36%
Sem resposta	8%	21,05%	30,30%	33,33%	25,00%	7,14%	36,36%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 22

Importância da Psicologia da criança para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

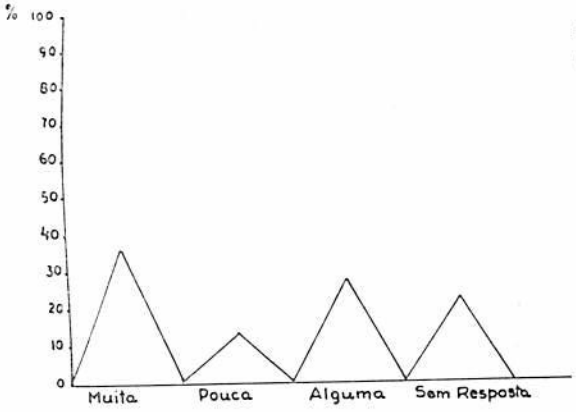
Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	92%	78,94%	81,81%	74,08%	87,50%	100%	72,72%
Pouca	—	10,53%	3,03%	3,70%	—	—	—
Alguma	—	10,53%	3,03%	7,41%	—	—	—
Sem resposta	8%	—	12,13%	14,81%	12,50%	—	27,28%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1964

Importância da Psicologia Geral

	Porcentuais
Muita	35,13 %
Pouca	13,53 %
Alguma	28,29 %
Sem Resposta	23,05 %



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Psicologia da criança

	Porcentuais
Muita importância	69,86 %
Pouca importância	2,47 %
Alguma importância	2,99 %
Sem resposta	19,68 %

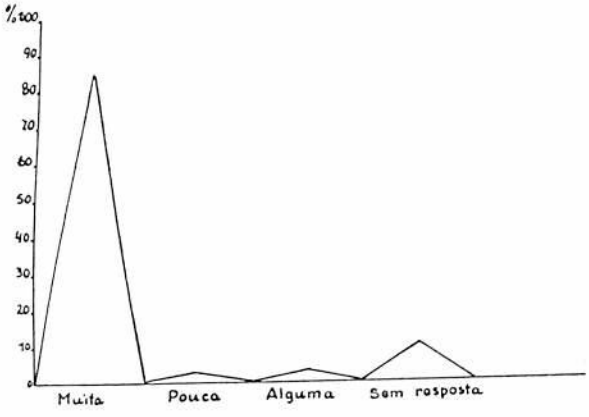


TABELA N.º 23

Importância da Psicologia da Aprendizagem para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	72%	78,95%	78,78%	51,85%	79,17%	100%	63,63%
Pouca	4%	5,26%	—	3,70%	—	—	—
Alguma	4%	—	3,03%	7,41%	—	—	9,09%
Sem resposta	20%	15,79%	18,19%	37,04%	20,83%	—	27,28%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 24

Importância das Técnicas Didáticas para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

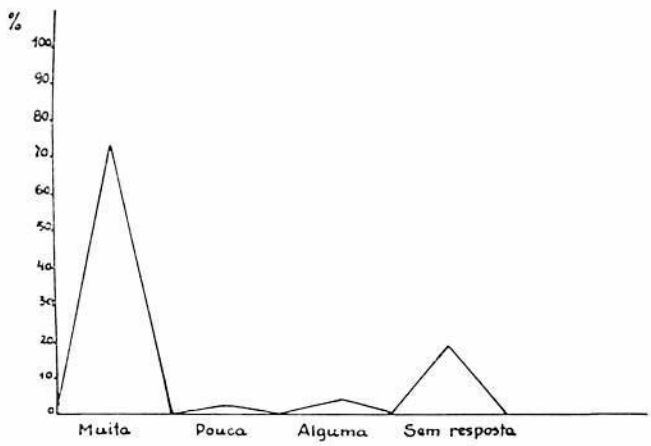
Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	60%	73,68%	51,51%	48,15%	79,16%	64,29%	36,36%
Pouca	4%	5,26%	9,09%	14,81%	—	7,15%	9,09%
Alguma	16%	—	18,19%	14,81%	8,34%	14,28%	18,19%
Sem resposta	20%	21,06%	21,21%	22,23%	12,50%	14,28%	36,36%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância da Psicologia da Aprendizagem

	Porcentuais
Muita	74,91
Pouca	1,85
Alguma	3,36
Sem resposta	19,88



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância de Técnicas Didáticas

Porcentuais:

Muita	58,02
Pouca	7,06
Alguma	12,93
Sem resposta	21,09

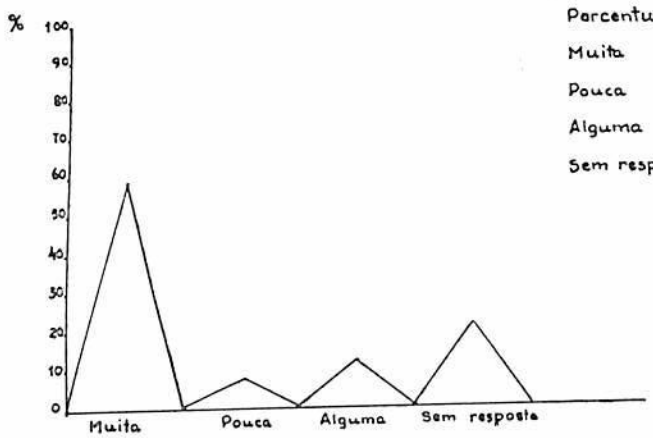


TABELA N.º 25

Importância das Técnicas de Avaliação para o aperfeiçoamento do trabalho, em Classe de recuperação

Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	56%	31,56%	42,42%	37,04%	75,00%	57,15%	36,36%
Pouca	16%	21,06%	6,06%	11,11%	—	14,28%	9,09%
Alguma	8%	21,06%	15,15%	11,11%	4,17%	21,42%	18,19%
Sem resposta	20%	26,32%	36,37%	40,74%	20,83%	7,15%	36,36%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 26

Importância do Estudo e Interpretação do Currículo para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

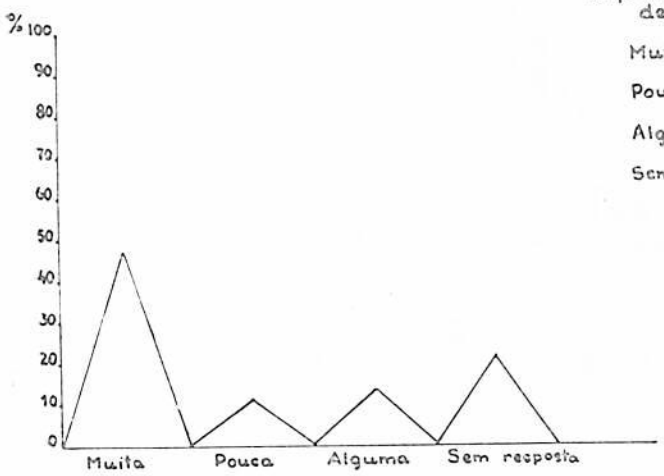
Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	48%	42,11%	30,30%	37,04%	58,33%	57,14%	45,45%
Pouca	20%	15,79%	12,12%	7,40%	8,34%	21,43%	—
Alguma	8%	10,53%	9,09%	14,82%	4,17%	—	9,09%
Sem resposta	24%	31,57%	48,49%	40,74%	29,16%	21,43%	45,46%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância das Técnicas de avaliação

Muita	47,93 %
Pouca	11,08 %
Alguma	14,16 %
Sem resposta	26,83 %



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância do Estudo e Interpretação do Currículo para o trabalho de recuperação.

Muita	45,58 %
Pouca	11,82 %
Alguma	7,95 %
Sem resposta	34,65 %

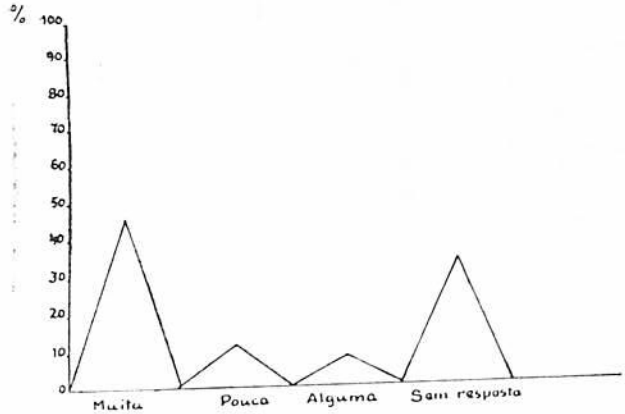


TABELA N.º 27

Importância da Orientação Educativa para o aperfeiçoamento do trabalho em Classe de recuperação

Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Muita	64%	73,69%	54,55%	66,67%	79,17%	50,00%	54,54%
Pouca	—	5,26%	3,03%	3,70%	—	7,14%	—
Alguma	12%	5,26%	9,09%	3,70%	4,17%	14,29%	9,09%
Sem resposta	24%	15,79%	33,33%	25,93%	16,66%	28,57%	36,37%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA N.º 28

Necessidade de preparação específica para o professor de Classe de recuperação

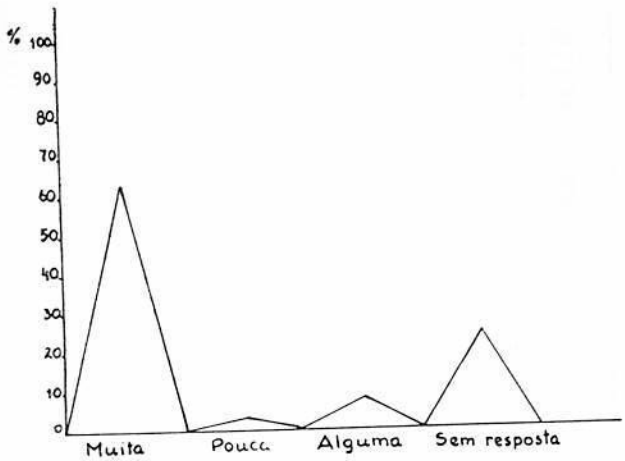
Importância	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Não	12%	15,79%	3,03%	—	8,34%	42,85%	—
Sim	68%	78,95%	93,94%	92,59%	87,50%	57,15%	90,91%
Indiferente	—	5,26%	—	3,70%	—	—	9,09%
Sem resposta	20%	—	3,03%	3,71%	4,16%	—	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância da Orientação Educativa para o trabalho

Muita	63,23 %
Pouca	2,73 %
Alguma	8,23 %
Sem resposta	25,81 %



OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Importância do preparo específico para classe de recuperação

1. Não tem import.	11,72 %
2. Tem importância	81,29 %
3. Indiferente	2,58 %
4. Sem resposta	4,41 %

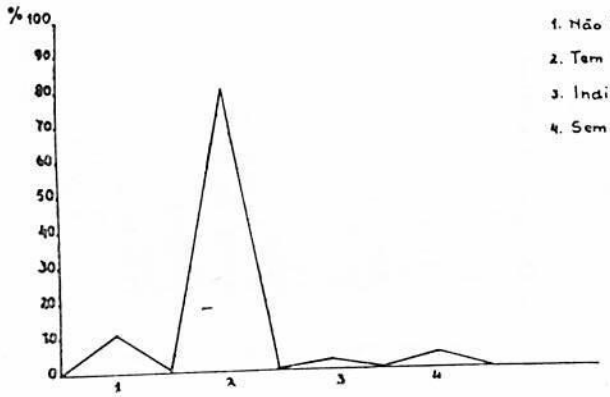


TABELA N.º 29

Problemas encontrados em Classe de recuperação

Problemas	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Desajuste familiar .	17,47%	19,09%	26,66%	24%	45,17%	12,50%	13,63%
2 — Pouco atend. dos pais	17,47%	—	—	—	3,22%	—	18,18%
3 — De idades diferentes (11 a 14 anos)	6,79%	—	—	—	—	—	—
4 — Sócio-econômico ..	3,44%	4,75%	4,44%	—	—	6,25%	4,55%
5 — Afetivo	6,79%	—	—	—	—	6,25%	—
6 — Deficiência mental	—	4,75%	11,11%	—	—	12,50%	—
7 — Emocionais	—	23,84%	33,34%	24%	9,68%	—	13,63%
8 — Desinterêsse da criança	—	4,75%	—	20%	3,22%	—	9,09%
9 — Mau relacionamento	—	4,75%	6,66%	—	16,13%	—	—
10 — Falta de maturidade	—	—	2,23%	—	—	—	—
11 — Respostas não definidas	—	—	—	—	—	37,50%	13,64%
12 — Disritmia	—	—	—	—	—	12,50%	—
13 — Classes numerosas	—	—	—	—	—	—	13,64%
14 — Sem resposta	48,04%	38,07%	15,56%	32%	22,58%	12,50%	13,64%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Tipos de Problemas Psicológicos em Classes de Recuperação

1 Desajuste familiar	22,65
2 Pouco atend. dos pais	5,55
3. Da idade - 11a 14 anos	0,97
4 Sócio Econômico	3,35
5. Afetivo	1,86
6 Deficiência mental	4,05
7. Emocionais	14,93
8. Desinteresse da cr.	5,29
9. Mau relacionam.	3,93
10 Falta de maturid.	0,32
11 Resposta não definida	7,31
12 Disritmia	1,18
13 Classes numerosas	1,95
14 Sem resposta	26,06

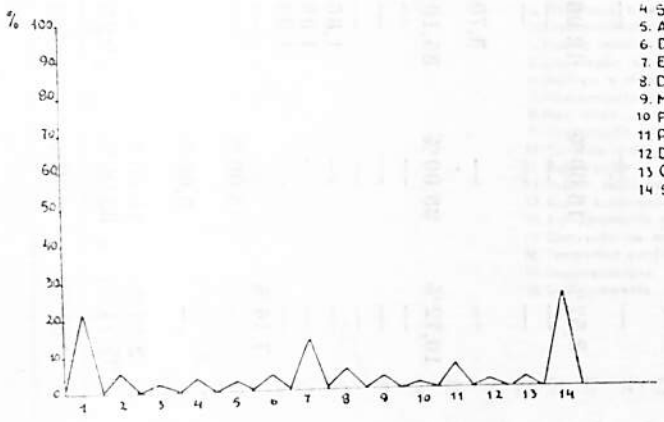


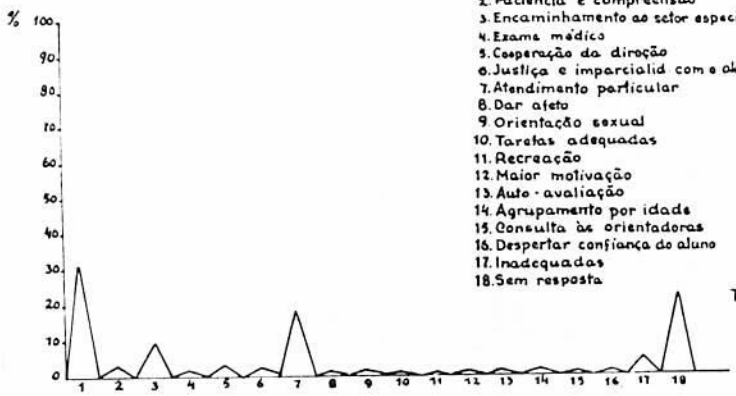
TABELA N.º 30

Providências tomadas habitualmente face aos problemas surgidos.

	Providências	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
		menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1.	Enc. c/ a família ..	39,29%	5,00%	33,33%	36,29%	42,42%	27,27%	30,77%
2.	Paciência e compreensão	—	—	—	—	—	9,09%	7,69%
3.	Enc. ao setor especializado	3,57%	15,00%	12,96%	—	12,12%	22,73%	7,69%
4.	Exame médico	—	—	—	—	—	—	7,69%
5.	Coop. da direção ..	—	—	—	—	—	—	15,39%
6.	Justiça e imparcialidade c/aluno	—	—	3,70%	—	—	—	7,69%
7.	Atendimento particular	10,72%	25,00%	35,18%	31,00%	18,19%	18,18%	—
8.	Dar afeto	—	—	—	—	—	4,55%	—
9.	Orientação sexual ..	—	—	—	—	6,06%	—	—
10.	Tarefas adequadas ..	—	—	—	—	3,03%	—	—
11.	Recreação	—	—	1,86%	—	—	—	—
12.	Maior motivação ...	—	—	1,86%	—	—	—	—
13.	Auto-avaliação	—	—	1,86%	—	—	—	—
14.	Agr. por idade	7,14%	—	—	—	—	—	—
15.	Consulta às orient. .	—	5,00%	—	—	—	—	—
16.	Despertar confiança nos alunos	—	5,00%	—	—	—	—	—
17.	Respostas inadequadas	3,57%	10,00%	—	8,38%	—	—	7,69%
18.	Sem resposta	35,71%	35,00%	9,25%	24,33%	18,18%	18,18%	15,39%
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1964



Providências tomadas face aos problemas surgidos	%
1. Entendimento com a família	31,72
2. Paciência e compreensão	2,40
3. Encaminhamento ao setor especial	9,13
4. Exame médico	1,19
5. Cooperação da direção	2,29
6. Justiça e imparcialid com o aluno	1,73
7. Atendimento particular	19,75
8. Dar afeto	0,65
9. Orientação sexual	0,96
10. Tarefas adequadas	0,43
11. Recreação	0,26
12. Maior motivação	0,26
13. Auto - avaliação	0,26
14. Agrupamento por idade	1,02
15. Consulta às orientadoras	0,71
16. Despertar confiança do aluno	0,71
17. Inadequadas	4,23
18. Sem resposta	22,50
Total	100,00

TABELA N.º 31

Situações difíceis enfrentadas pela escola no trabalho em Classe de recuperação

	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Regime escolar em 3 turnos	6,82%	11,54%	7,51%	11,00%	8,70%	13,05%	8,69%
2 — Mobilidade de professôres	10,23%	3,85%	6,01%	4,00%	3,20%	4,35%	8,69%
3 — Falta de professôres	9,09%	7,69%	6,01%	6,00%	8,70%	4,35%	13,04%
4 — Classes numerosas .	10,23%	15,39%	15,03%	19,00%	13,00%	15,22%	10,87%
5 — Incompreensão administrativa das autoridades educacionais	2,27%	3,85%	3,01%	1,00%	—	2,27%	2,18%
6 — Falta de material didático adequado ..	6,82%	10,25%	9,78%	13,00%	9,77%	19,56%	6,53%
7 — Inadequada utilização dos conteúdos programáticos	—	—	3,01%	3,00%	1,07%	—	—
8 — Processo de avaliação desatualizados	—	—	0,75%	—	4,34%	—	—
9 — Deficiência da orientação técnica ...	6,82%	6,42%	9,78%	8,00%	7,81%	2,17%	6,53%
10 — Desinterêsse da família	21,59%	20,52%	21,06%	18,00%	22,81%	19,56%	19,56%
11 — Baixo nível sócio-econômico	21,59%	19,23%	18,05%	17,00%	20,60%	17,39%	21,73%
12 — Sem resposta	4,54%	1,26%	—	—	—	4,35%	2,18%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965

Situações difíceis enfrentadas pelo trabalho em Classes de Recuperação

	%
1. Regime escolar em 3 turnos	4,62
2. Mobilidade de professôres	5,76
3. Falta de professôres	7,84
4. Classes numerosas	14,11
5. Incomp adm das aut educ	1,76
6. Falta de mat didát adeq	10,81
7. Inadeq utilit dos cont progr	1,01
8. Processo de aval. da sat.	0,75
9. Deficiência da orient tec.	6,79
10. Desinteresse da família	20,44
11. Baixo Nível sócio-econôm.	19,37
12. Sem resposta	1,76

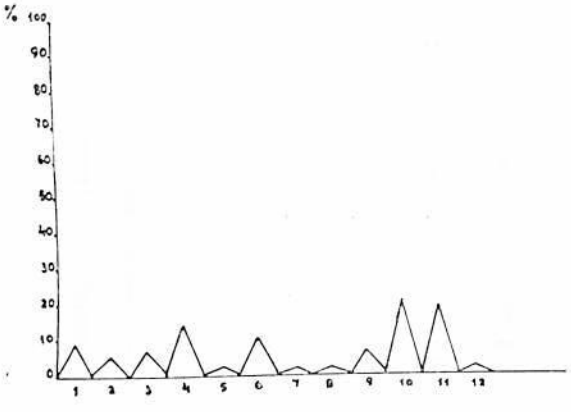
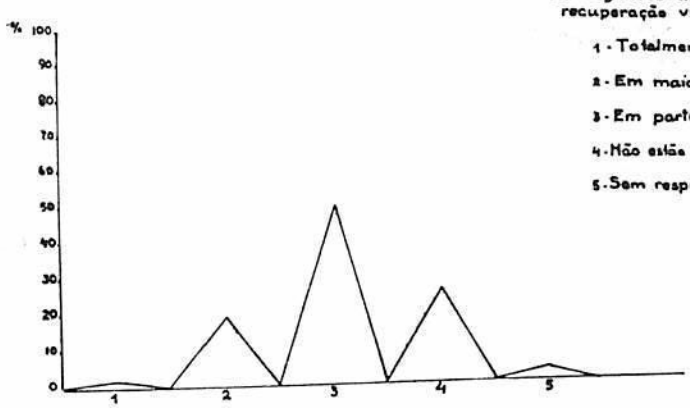


TABELA N.º 32

Os objetivos da Classe de recuperação vêm sendo atingidos.

Opiniões	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Totalmente	4,00%	—	—	—	—	—	—
Em maioria	12,00%	36,85%	15,00%	14,81%	16,67%	21,42%	18,18%
Em parte	60,00%	36,84%	64,00%	62,97%	50,00%	35,72%	45,45%
Não estão sendo atingidos	16,00%	26,31%	21,00%	22,22%	33,33%	28,57%	36,37%
Sem resposta	8,00%	—	—	—	—	14,29%	—
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE
O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO



Pôrto Alegre - 1965

Os objetivos das classes de recuperação vêm sendo atingidos:

1 - Totalmente	0,57 %
2 - Em maioria	19,29 %
3 - Em parte	50,66 %
4 - Não estão atingidos	26,29 %
5 - Sem resposta	3,19 %

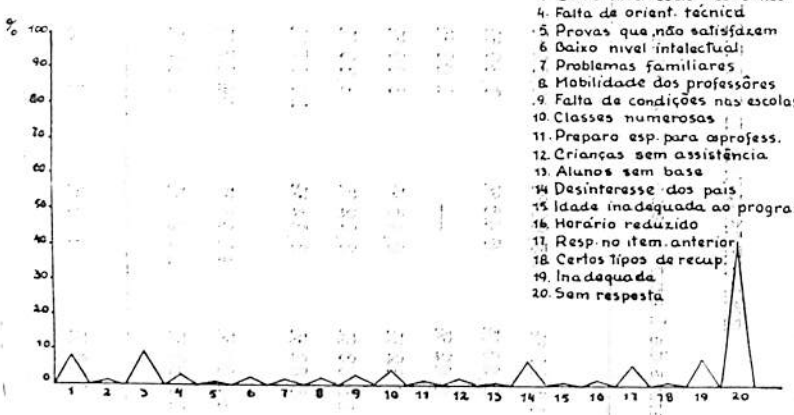
TABELA Nº 33

Justificativa do não atingimento dos objetivos

Justificativa	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
1 — Dificuldades de vencer 2 progr.	20%	5%	12,50%	—	—	11,11%	6,25%
2 — Poucos professôres	8%	—	—	—	—	—	—
3 — Baixo nível sócio-econômico	4%	10%	—	—	20,00%	16,67%	12,50%
4 — Falta de orientação técnica	16%	5%	15,00%	28,00%	13,33%	—	12,50%
5 — Provas que não satisfazem	4%	—	—	—	—	—	—
6 — Baixo nível intelectual	—	10%	—	—	—	—	—
7 — Problemas familiares	—	5%	—	—	—	—	—
8 — Mobilidade de professôres	—	10%	2,50%	—	—	—	—
9 — Falta de condições das escolas	—	10%	7,50%	—	3,34%	—	—
10 — Classes numerosas	—	—	10,00%	3,70%	10,00%	—	6,25%
11 — Preparo especializado para professôres	—	—	2,50%	—	—	—	—
12 — Crianças sem assistência	—	—	7,50%	—	—	—	—
13 — Alunos sem base	—	—	5,00%	—	—	—	—
14 — Desinterêsse dos pais	—	—	2,50%	—	13,33%	11,11%	18,75%
15 — Idade inadequada ao programa	—	—	2,50%	—	—	—	—
16 — Horário reduzido	—	—	—	11,00%	—	—	—
17 — Resposta item anterior (2)	—	15%	—	7,20%	—	11,11%	6,25%
18 — Certos tipos recuperação (2.º e 3.º R)	—	—	—	—	3,34%	—	—
19 — Inadequadas	—	—	—	10,10%	—	22,22%	18,75%
20 — Sem resposta	48%	30%	32,50%	40,00%	36,66%	27,78%	18,75%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1965



Justificativa do não alingimento dos objativos	%
1. Difuldade de vencer o progr.	7,83
2 Poucos professôres	1,14
3 Baixo nível socio-econômico	9,02
4. Falta de orient. técnica	2,83
5. Provas que não satisfazem	0,57
6 Baixo nivel intelectual	1,42
7. Problemas familiares	0,71
8. Mobilidade dos professôres	1,78
9. Falta de condições nas escolas	2,97
10. Classes numerosas	4,37
11. Preparo esp. para o profess.	0,35
12. Crianças sem assistência	1,01
13. Alunos sem base	0,71
14 Desinteresse dos pais	6,52
15 Idade inadequada ao programa	0,35
16. Horário reduzido	1,57
17. Resp. no item anterior	5,65
18. Certos tipos de recup.	0,47
19. Inadequada	7,29
20. Sem resposta	43,38

TABELA N.º 42

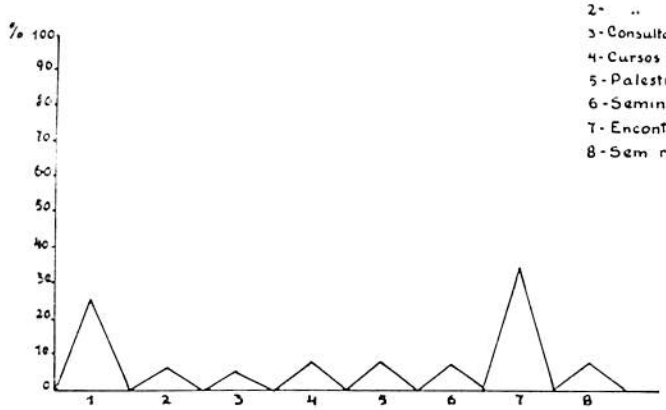
Oportunidades que o CPOE oferece e que contribuem mais para o seu trabalho profissional

Oportunidades que o CPOE oferece	EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR						
	menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos e +
Contacto com as Orientadoras	15,91%	25,80%	30,51%	28,57%	26,31%	24,25%	25,00%
Idem com Técn. Educação	2,28%	6,45%	3,39%	8,17%	2,63%	12,12%	7,14%
Consultas no próprio órgão	6,82%	—	1,69%	4,08%	2,63%	9,09%	7,14%
Cursos intensivos	6,82%	6,45%	3,39%	8,17%	7,89%	9,09%	10,71%
Palestras	13,63%	3,22%	3,39%	6,12%	13,17%	6,06%	7,14%
Seminários	6,82%	3,22%	10,17%	4,08%	5,27%	9,09%	10,71%
Encontros de Profs. para estudos	34,09%	41,96%	44,07%	34,69%	34,21%	27,27%	28,58%
Sem resposta	13,63%	12,90%	3,39%	6,12%	7,89%	3,03%	3,58%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

OPINIÃO DOS PROFESSÔRES SÔBRE O TRABALHO EM CLASSES DE RECUPERAÇÃO

Pôrto Alegre - 1964

Oportunidades que o CPOE oferece, que contribui mais para o seu trabalho profissional	%
1 - Contato com as orientadoras	25,19
2 - " " os técn. em educ.	6,03
3 - Consultas no próprio órgão	4,49
4 - Cursos intensivos	7,51
5 - Palestras	7,53
6 - Seminários	7,05
7 - Encontros de professôres	34,98
8 - Sem resposta	7,22
Total	100,00



QUESTIONÁRIO PARA PROFESSÔRES PRIMÁRIOS REGENTES DE "CLASSES DE RECUPERAÇÃO" 1967

Empenha-se a Secretaria de Educação e Cultura, através de seu órgão Técnico, em conhecer os resultados do plano experimental da Reforma do Ensino Primário.

Para isso vêm solicitar sua colaboração, pedindo-lhe que responda o presente **Questionário.**

INDIQUE SUA RESPOSTA PREENCHENDO OS ESPAÇOS EM BRANCO, OU FAZENDO UM CÍRCULO EM TÔRNO DO NÚMERO OU NÚMEROS ADEQUADOS.

Nome da Escola .....

Entrância .....

Cidade .....

Região Escolar .....

1 — Onde começou a exercer o Magistério Primário e em que ano?

Escola .....

Cidade ..... Data.....

2 — Qual a sua idade?

Menos de 20 anos 1

21 a 26 anos 2

27 a 32 anos 3

33 a 38 anos 4

39 a 44 anos 5

45 a 50 anos 6

51 a 56 anos 7

Mais de 57 anos 8

3 — Estado Civil:

Casado 1

Solteiro 2

Viúvo 3

Desquitado 4

4 — Faça um círculo em tôrno do número que corresponde ao curso de mais alto nível que completou.

Curso intensivo de Formação Pedagógica pela Lei 913 . . 1

Curso Ginasial 2

Normal de Gráu Ginasial (1.º cíclo) 3

Normal de Gráu Colegial (2.º cíclo) 4

Curso Complementar 5

Curso de Supervisão 6

Curso de Orientação Educacional 7

Faculdade de Filosofia 8

5 — Além dos Cursos acima mencionados realizou outros Cursos?

Não 1

Sim 2

Quais? . . . . . .

6 — Leciona em outro curso além do primário?

Não 1

Sim 2

Quais? . . . . . .

7 — Sua experiência com "Classe de recuperação" é de:

Menos de 1 ano 1

1 ano 2

2 anos 3

3 anos 4

4 anos 5

5 anos 6

Mais de 6 anos 7

8 — Quais as "Classes de recuperação" que já regeu?

.....

.....

9 — Que classe rege atualmente?

.....

10 — Faça um círculo em tôrno do número que corresponde ao tipo de "Classe de recuperação" que apresenta maiores dificuldades:

C 1

D 2

R 3

11 — Justifique sua resposta à pergunta anterior.

12 — Comparado ao sistema de ensino anterior, acha que o sistema atual, situando o aluno na classe correspondente à sua idade, apresenta:

— maiores vantagens para o aluno 1

— menores vantagens para o aluno 2

— algumas vantagens para o aluno 3

13 — Se sua resposta corresponde às últimas alternativas, considera-as como decorrência:

— da própria criança 1

— da orientação inadequada de aprendizagem 2

— das duas alternativas anteriores 3

— do número excessivo de alunos 4

— do horário reduzido 5

— do trabalho da escola em geral 6

— da falta de compreensão e colaboração da família .. 7

— de outros fatôres 8

Quais? . . ..

14 — O trabalho em "Classe de recuperação" comparado ao da classe regular apresenta:

— maior dificuldade 1

— a mesma dificuldade 2

— menor dificuldade 3

15 — A relação abaixo apresenta aspectos ponderáveis relacionados ao trabalho em "Classe de recuperação".

Indique a importância de cada um dêles, numerando-os de **1** a **6**; o mais importante deve levar o número **1** e o menos importante o número **6.**

— melhor conhecimento da criança ..... ( )

— maior dinamismo na orientação de aprendizagem .. ( )

— menor número de alunos ..... ( )

— maior enriquecimento do trabalho da escola em geral ( )

— maior compreensão e colaboração da família ..... ( )

— maior orientação técnica ..... ( )

16 — Considera que o trabalho, em "Classe de recuperação", caracteriza-se **mais especificamente** pela necessidade de atendimento:

— a diferentes ritmos de desenvolvimento dos alunos .. 1

— às necessidades particulares a determinadas matérias 2

— às reações pouco satisfatórias dos alunos 3

— às situações de trabalho em classe 4

— outras características 5

Quais? .....

17 — "A Classe de recuperação" se diferencia da regular porque:

— exige um trabalho mais criador 1

— exige uma atenção mais distribuída 2

— exige uma formação profissional mais especializada 3

— exige as três citações anteriores 4

18 — Que importância atribui ao "clima de grupo" no trabalho de Classe de recuperação?

— muita importância 1

— pouca importância 2

— alguma importância 3

19 — Na sua experiência de trabalho, dos fatôres abaixo relacionados o que mais contribui para um bom "clima de grupo" é:

— a personalidade do professor 1

— a personalidade do aluno 2

— a participação entre elementos 3

— a participação entre subgrupos 4

— o método de ensino 5

— outro 6

Qual? .....

20 — A reação de seus alunos de "Classe de recuperação" no trabalho desenvolvido tem sido de:

— muito interêsse 1

— pouco interêsse 2

— algum interêsse 3

21 — Tem procurado entrar em contato maior com a realidade do alunos de "Classe de recuperação" através de:

— observação individual 1

— entrevista com os pais 2

— realização de diagnóstico da aprendizagem em ação 3

— estudo do histórico escolar 4

— registro de dados 5

— observação de grupos da classe 6

— arquivo de amostra do trabalho criador do aluno .. 7

— aplicação de testes científicos 8

— outra forma 9

Qual? .....

22 — No trabalho de orientação da aprendizagem os recursos que tem utilizado com aproveitamento mais significativo são:

— planejamento e avaliação de atividades, feito com a participação dos alunos 1

— aulas expositivas 2

— trabalho em grupo 3

— estudo dirigido 4

— outras técnicas dinâmicas de ensino-aprendizagem .. 5

Quais? .....

23 — Para o trabalho em "Classe de recuperação" recebeu:

— muita orientação 1

— alguma orientação 2

— pouca orientação 3

— nenhuma orientação 4

24 — Essa orientação foi feita:

— em geral 1

— em particular 2

— em cursos especiais 3

— de outra forma 4

Qual? .....

25 — Considera suficiente para realizar um bom trabalho com "Classe de recuperação", a orientação que recebeu na Escola Normal?

— Não 1

— Sim 2

26 — Se sua resposta fôr negativa, justifique-a.

27 — Visando um aperfeiçoamento em relação ao trabalho em "Classe de recuperação", como considera o estudo relativo aos campos de:

	Muita Importância	Pouca	Alguma
— psicologia geral	1	2	3
— psicologia da criança	1	2	3
— psicologia de aprendizagem	1	2	3
— técnicas didáticas em geral	1	2	3
— técnicas de avaliação	1	2	3
— estudo e interpretação de currículo	1	2	3
— orientação educativa	1	2	3

28 — Julga que o professor de "Classe de recuperação" deveria ter um preparo específico?

— Não 1

— Sim 2

29 — Justifique a resposta à pergunta anterior.

30 — Que problemas tem encontrado em sua classe?

31 — Cite as providências que habitualmente toma face a problemas surgidos em sua classe.

32 — O trabalho em "Classe de recuperação" em sua escola vem enfrentando situações difíceis como:

— regime escolar em 3 turnos 1

— mobilidade de professôres 2

— falta de professôres 3

— classes numerosas 4

— incompreensão administrativa das autoridades educacionais 5

— falta de material didático adequado 6

— inadequada utilização dos conteúdos programáticos .. 7

— processo de avaliação desatualizado 8

— deficiência de orientação técnica 9

— desinterêsse por parte da família 10

— baixo nível sócio-econômico dos alunos 11

33 — Em sua opinião os objetivos da "Classe de recuperação" vêm sendo atingidos:

— totalmente 1

— em sua maioria 2

— em parte 3

— não estão sendo alcançados 4

34 — Se, na pergunta anterior, assinalou 3 ou 4, justifique sua resposta.

35 — Que considera **"rendimento"** para alunos de "Classe de recuperação?"

— ler e escrever 1

— ler 2

— escrever 3

— aprender a conviver 4

— enriquecer interêsses 5

— modificar atitudes 6

— outros 7

— Qual? .....

36 — Se sua resposta foi negativa assinale os aspectos em que acha deva o processo ser modificado:

— no critério de seleção de conteúdos 1

— na forma de elaboração, graduação e apresentação das questões 2

— na procedência da prova (cada escola elabora a sua) 3

37 — A relação abaixo apresenta aspectos significativos, relacionados ao enriquecimento do processo de avaliação. Indique a importância de cada um dêles, numerando-os de 1 a 5; o mais importante deve levar o número 1 e o menos importante o número 5.

— preponderância de resultados alcançados nas atividades de classe, durante o ano letivo ..... ( )

— evidência do desenvolvimento do aluno em outras áreas de ação ..... ( )

— possibilidade de auto-avaliação do aluno ..... ( )

— participação da família no processo de avaliação ( )

— auto-avaliação do professor ..... ( )

38 — O C.P.O.E. desenvolve, direta e indiretamente, um programa de orientação às escolas. Entre as oportunidades de orientação que lhe têm sido proporcionadas, indique as que melhor vem contribuindo para seu trabalho profissional:

— contato com as Orientadoras de Educação primária .. 1

— contato com os Técnicos em educação 2

— consultas de ordem técnica, realizadas no próprio órgão 3

— cursos intensivos 4

— palestras 5

— seminários 6

— encontro entre professôres para estudo e discussão de problemas comuns 7

Solicitamos à colega que faça as sugestões que julgar oportunas sôbre o trabalho em "Classe de recuperação".

Por sua colaboração, nosso agradecimento.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO NORMAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1966

INTRODUÇÃO

Todo o empreendimento, atividade ou realização humana, tem como base ou ponto de referência, para a sua continuidade ou para a busca de soluções mais adequadas, a **avaliação dos resultados obtidos,** através de determinados processos de trabalho.

No campo educacional, a avaliação é medida que se impõe, quer para comprovar a eficiência dos métodos, diretrizes ou processos usados, quer para imprimir ao trabalho, quando evidenciada essa necessidade, uma orientação que propicie condições mais favoráveis ao desenvolvimento da ação educativa.

Considerando pois a necessidade e o interêsse de avaliar **os resultados da aplicação das reformas de ensino,** na data de 15 de março de 1963, foi organizado de acôrdo com o Plano de Direção da Prof.ª Alda Cardozo Kremer um grupo de trabalho integrado pelos seguintes elementos :

Prof.ª Fanny Dellamora Garcia — Técnico em Educação.
Coordenadora
Prof.ª Yandir Martins Santos — Técnico em Educação.
Prof.ª Sydia Sant'Anna Bopp — Técnico em Educação.
Prof.ª Itália Z. Faraco — Técnico em Educação.
Prof.ª Marina Ciula Bohngahren — Técnico em Educação.
Prof.ª Dulce Rosa Fernandes — Técnico em Educação.
Prof.ª Iná Silva — À disposição do C.P.O.E.

Posteriormente, por motivos vários, foi reestruturada a equipe, que ficou assim constituída:

Prof.ª Iná Silva — Coordenadora.
Técnico em Educação — Dalva da Rosa Dupuy.
Psicólogo — Hilda Silva.
Técnico em Educação — Itália Faraco.
Prof.ª Maristela Lampert.
Prof.ª Terezinha de Jesus Bidone.
Técnico em Educação — Sydia Sant'Anna Bopp.
Técnico em Educação — Yandir Martins Santos.

PROBLEMAS LEVANTADOS

— Funciona adequadamente o Sistema Departamental nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul?

— Em que sentido se efetiva, na atuação do professor, a liberdade assegurada pela Reforma?

— A Reforma do Ensino Normal vem propiciando formação mais eficiente ao normalista?

I — JUSTIFICATIVA

A implantação de novas diretrizes no planejamento do Ensino Normal do Estado do Rio Grande do Sul, iniciada em 1955, estabeleceu fundamentais modificações na estrutura da Escola Normal, atendendo a estudos e sugestões de técnicos em educação.

Considerando a necessidade e o interêsse de avaliar os resultados da aplicação desta Reforma, aplicada experimentalmente, de 1955 a 1962, êsse estudo foi confiado, em março de 1963, a um grupo especial de trabalho, constituído no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, de Técnicos em Educação, Psicólogos e Professôres do Ensino Normal e Primário.

II — ATIVIDADES PRELIMINARES

Para que a realização dêsse trabalho se baseasse em subsídios imprescindíveis e reais para a elaboração e execução de um plano de pesquisa que permitisse reconhecer as condições e necessidades da educação em nosso Estado, tornou-se indispensável a colaboração de todos os setores que de forma direta vinham participando da Reforma em aprêço.

Vencendo gradativamente as dificuldades que se apresentaram ao grupo, quer pela natureza do trabalho, quer pela pouca disponibilidade de seus componentes, vinculados ainda a outros setores do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, foram realizadas na parte referente à Reforma do Ensino Normal, implantada pela Lei n.º 2588, de 25 de janeiro de 1955 e regulamentada pelo Decreto n.º 6004, de 26 de novembro de 1955, e outros que o complementaram posteriormente aprovados, as seguintes atividades:

A — Definição dos problemas a pesquisar, com as hipóteses decorrentes e contrôle das variáveis que constituiram o centro de posteriores determinações do Plano da Pesquisa, com base no levantamento de dados que por suas fontes significassem realidade da implantação, desenvolvimento e modificações estruturais processadas no Sistema, até a data em que se iniciou êste trabalho.

B — Sondagem da opinião de elementos com experiência relativa à Reforma, em estudo, através de um Questionário-Sondagem, para posterior confirmação da oportunidade de realização do plano da pesquisa proposta.

C — Contato com especialistas em pesquisa, nacionais e estrangeiros, para análise e apreciação do ensaio de planejamento da pesquisa, em especial, no que se refere à adequação do universo para seleção da amostra.

D — Levantamento histórico da legislação do ensino normal e da assistência técnico-pedagógica e administrativa, prestada pela Secretaria de Educação e Cultura, através do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e da Superintendência do Ensino Normal.

III — PLANO DE PESQUISA

A formulação dos problemas e hipóteses decorrentes, inicialmente propostas e confirmadas, após a sondagem referida, foi:

I PROBLEMA

Funciona adequadamente o sistema Departamental nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul?

HIPÓTESES

A — A Escola Normal proporciona aos normalistas a escolha de planos de estudos individuais.
B — O Departamento de Cultura Geral enriquece a cultura geral e revisa os conteúdos programáticos relativos ao curso primário.
C — O Departamento de Cultura Profissional desenvolve seus trabalhos no sentido de orientar a prática docente.
D — A avaliação do trabalho educativo, nas Escolas Normais, é feita no sentido de estimular e orientar o desenvolvimento do normalista.
E — As Escolas Normais oferecem currículos adaptados às peculiaridades regionais.

II PROBLEMA

Em que sentido se efetiva, na atuação do professor, a liberdade assegurada pela Reforma?

HIPÓTESES

A — A orientação técnico-pedagógica sugerida pela Secretaria de Educação e Cultura precisa o campo de ação onde o professor pode usar sua liberdade.
B — O professor dispõe da liberdade pela responsabilidade.

III PROBLEMA

A Reforma do Ensino Normal vem propiciando formação mais eficiente ao normalista,

HIPÓTESES:

A — A cultura geral influi, em parte, na atuação docente.
B — A técnica do ensino influi, em parte, na atuação docente.
C — A formação pessoal influi, em parte, na atuação docente.

IV — DESENVOLVIMENTO DO PLANO

Para início de trabalho o desenvolvimento foi limitado ao I problema e hipóteses.

A — População e amostra — No universo, representado por 53 Escolas Normais Oficiais e 101 Escolas Normais Oficializadas, foi constituída a amostra que levou em consideração as seguintes características: localização das Escolas por Regiões Escolares, e fisiográficas; nível de ensino: 1.º e 2.º cíclo; presença de alunos realizando estágio supervisionado.

Foram selecionadas 26 Escolas: 12 Oficiais e 14 Oficializadas, correspondendo a 40% do número total de escolas normais em funcionamento e enquadradas nas características acima, sorteadas pela Tabela de Números Equiprováveis.

Constituiu-se, assim, uma amostra representativa de normalistas-estagiários, professôres, diretores e professôres fiscais de escola normal, guardando-se um critério de proporcionalidade nos dois tipos de escolas, oficiais e oficializadas, que adotaram o Sistema Departamental de 1955 a 1960.

B — Instrumentos de pesquisa.

A coleta de dados processou-se através de: — construção e aplicação experimental de 5 (cinco) questionários, abrangendo as áreas pedagógicas e administrativas no sistema de ensino, com eqüivalência de questões, quanto à natureza e conteúdo; — reformulação e aplicação definitiva dos questinonários n.º 1, para Diretores, (26) com 55 itens; n.º 2, para Professôres Fiscais junto ao Curso Primário, (14) com 22 itens; n.º 3, para Professôres Fiscais junto ao Curso Normal, (14) com 26 itens; n.º 4, para Professôres do Ensino Normal, (441) com 25 itens e o n.º 5, para Normalistas-Estagiários (423) com 61 itens.

Os Professôres Fiscais também responderam ao questionário n.º 4, devido à sua função docente.

C — Tratamento estatístico dos dados colhidos.

Êste trabalho constou de três momentos:

— codificação;

— mecanização dos dados codificados, pela Diretoria de Estatística Educacional da Secretaria de Educação e Cultura;

— levantamento de porcentagens de freqüência nos 249 itens, equivalentes a 64390 respostas, assim discriminadas nos cinco questionários :do n.º 1, 1.430 respostas; do n.º 2, 308 respostas; do n.º 3, 364 respostas; do n.º 4, 37.485 respostas e do n.º 5. 25.803 respostas.

D — Análise dos resultados demonstrados pelo tratamento estatístico.

A análise dos dados se processou mediante o estudo, em todos os questionários, dos itens equivalentes às áreas pedagógica e administrativa, relacionadas às hipóteses propostas.

1. A I Hipótese — "A Escola Normal proporciona aos normalistas a escolha de planos de estudo individuais", analisada mediante:

— atendimento aos Planos de Estudo;

— recuperação;

— instituições eletivas, revelam respostas significativamente positivas, vale dizer, "O Sistema Departamental permite ,ao normalista, a escolha de Plano Individual de estudos e o respectivo atendimento".

(Quadros-Resumo Anexos I — II — III)

2. A II Hipótese — "O Departamento de Cultura Geral enriquece a cultura geral e revisa os conteúdos programáticos relativos ao Curso Primário", analisado mediante:

— desenvolvimento da cultura geral;

— embasamento científico e filosófico para o Departamento de Cultura Profissional, pela revisão do currículo da Escola Primária e pela extensão dos estudos do 1.º ciclo do Ensino Médio.
— incentivo ao gôsto pela Ciência;
— assimilação racional dos conteúdos programáticos, propiciada no contato com os conhecimentos, revela destaque mais significativo no que se refere à parte relativa à "Ampliação da cultura geral", seguindo-se a preocupação em "Revisar o currículo do Curso Primário".

(Quadro-Resumo Anexo IV)

3. A III Hipótese — "O Departamento de Cultura Profissional desenvolve seus trabalhos no sentido de orientar a prática docente", analisada mediante:
— estudos dos objetivos fundamentais do Departamento de Cultura Profissional;
— oportunidade de prática oferecida pelo Departamento de Cultura Profissional;
— contribuição da prática docente para o Estágio, revela, em relação à prática docente como tal, respostas positivas, embora sem consistência quanto à faixa de colocação, corroboradas, não obstante, pelos informantes quando enfatizam a grande preparação oferecida pelo Departamento de Cultura Profissional para conceituar educação, alargar escala de valôres e descobrir no magistério aspirações de valôres.

(Quadro-Resumo Anexo V)

4. A IV Hipótese — "A avaliação do trabalho educativo nas Escolas Normais é feita no sentido de estimular e orientar o desenvolvimento do normalista", analisada mediante:
— aspectos da avaliação;
— concepção da avaliação, permite ressaltar "A avaliação como processo", a discordância entre os pronunciamentos dos informantes, é aparente e vem fortificar a idéia central de "Avaliação como processo".

(Quadros-Resumo Anexos VI — VII — VIII)

5. A V Hipótese — "As Escolas Normais oferecem currículos adaptados às peculiaridades regionais", analisada mediante:
— atendimento às peculiaridades da comunidade;
— flexibilidade do currículo;
— planos de estudo do aluno, destaca significativamente o segundo e o terceiro aspectos focalizados que, não obstante, são meros enfoques didáticos do primeiro. Esta posição é corroborada pelo normalista quando afirma "oferecer o Sistema Departamental oportunidade de conhecer a comunidade através da apreciação de seus recursos, possibilidades e peculiaridades".

(Quadro-Resumo Anexo IX)

V — CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A avaliação dos resultados da aplicação do Sistema Departamental, introduzido pela Reforma do Ensino Normal", nas 64.390 respostas de informantes de diversas categorias, (Diretores, Professôres do En-

sino Normal, Professôres Fiscais do Ensino Normal e Normalistas-Estagiários) nos leva — em relação ao limite do I Problema do Plano de Pesquisa, o único desenvolvido no Plano em aprêço — às seguintes considerações:

A — O Sistema Departamental, desenvolvido segundo um plano intensivo de orientação e de gradativa implantação nas Escolas Normais, **se credenciou como Sistema eficiente na formação do professor primário:**

— de um lado, pelas manifestações das unidades escolares através de relatórios individuais e de comprovantes de trabalhos resultantes de discussão de grupos, e pelas observações assistemáticas de representantes dos órgãos competentes da Secretaria de Educação e Cultura;

(Quadro-Resumo Anexo X)

— de outro lado, pela avaliação ora relatada que acusou índice significativo de aceitação e de resultados positivos do trabalho, durante o período controlado no âmbito do I Problema.

B — Ao Estado do Rio Grande do Sul, que reconheceu válida a idéia de adotar na Formação do Professor Primário o Sistema Departamental, atitude esta que mereceu a atenção real de outros Estados da Federação, e despertou a admiração e o aplauso de técnicos nacionais e estrangeiros, **cabe decidir da oportunidade de novamente comprovar a procedência da atitude tomada**, porque:

— os resultados parciais do Plano da Pesquisa, que ora apresentamos em resumo, dizem da significação funcional positiva do Sistema em avaliação;

— aos Estados cabe, organizando seus Sistemas de Ensino, usar do direito que lhes é facultado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1961, para tratar cientìficamente os problemas da educação.

VI — SUGESTÕES

Permitimo-nos, pois, sugerir que:

A — O Estado do Rio Grande do Sul, através dos órgãos competentes da Secretaria de Educação e Cultura, estude a possibilidade de, sem absorver a totalidade do campo de ação, no que se refere à formação do professor primário, isto é, selecionando unidades escolares mediante critérios científicos; promover um novo plano experimental que permita constatar efetivamente a procedência da continuidade da iniciativa tomada quando da implantação do Sistema Departamental, através da Reforma do Ensino Normal, introduzida pela já citada Lei n.º 2.588 de 1955, que organizou e fixou as bases do Ensino Normal neste Estado;

B — O Estado do Rio Grande do Sul, coerente com a sua filosofia educacional, que concebe a educação como processo que exige a integração da escola com a comunidade, oportunize a adoção dos Sistemas de Ensino suscetíveis de influência cultural, para o que, repetimos, encontra amparo no artigo 104, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

QUADRO I (Resumo do Quadro 1)

Plano de Estudos do Normalista

ATENDIMENTOS	CATEGORIAS DE INFORMANTES				
SOE e outros elementos	Diretores	Professôres	P F C N	P F C P	Normalista-Estagiário
Significação	S	MS	S	MS	S

CONCEITO

Superior — 95 a 100%
Médio Superior — 75 a 94%
Médio — 50 a 74%
Médio Inferior — 30 a 49%
Inferior — 0 a 29%

LEGENDA

S — Superior
MS — Médio Superior
M — Médio
MI — Médio Inferior
I — Inferior

A PORCENTAGEM DE ATENDIMENTO AO NORMALISTA, QUANTO AOS PLANOS DE ESTUDO, É DE SIGNIFICAÇÃO SUPERIOR.

QUADRO II (Resumo dos QUADROS 3 a 8)

PLANOS DE ESTUDOS DO NORMALISTA

UNIDADES DE RECUPERAÇÃO

Opinlões — Informantes com experiência

Professor do Curso Normal	P F C N	P F C P	Normalista
M	MS	MS	MI

Opiniões — Informantes que consideram êsse atendimento igual ao das demais unidades

M	I	M	MS

Opiniões — Informantes sem experiência

Expressas por Normalistas — I

Opiniões — Informantes com ou sem experiência

Professor do Curso Normal	P F C N	P F C P	
MS	S	MS	

A porcentagem de opiniões sôbre UNIDADES DE RECUPERAÇÃO, quanto ao plano de estudos do normalista, isto é, no que a êle importa, é de significação M. Há um esfôrço no sentido de se atingir o que propõe essa medida.

QUDRAO III — (Resumo do Quadro 10)

INSTITUIÇÕES	PLANOS DE ESTUDO DO NORMALISTA	
	Diretor	Normalista-Estagiário
Possibilidade de escolha	MS	MS
Complementação às unidades de estudo	MS	MS

A porcentagem de opiniões, quanto à possibilidade de escolha de instituições eletivas e sua complementação às unidades de estudo, é de significação MS.

QUADRO IV (Resumo dos Quadros 12 e 13)

Informantes	O DCG enriquece a cultura geral e revisa os conteúdos relativos ao Curso Primário	
	Propiciar cultura geral ao futuro professor primário.	Propiciar ao normalista, pela revisão do currículo da escola primária e pela extensão de estudos do 1.º ciclo...
Professor do Curso Normal	S	MS
Normalista Estagiário	MS	M

A porcentagem de opiniões, quanto à cultura geral e à revisão dos conteúdos programáticos relativos ao Curso Primário, é de significação M e MS para o professor, enquanto que para o normalista fica entre MS e M.

QUADRO V (Resumo dos Quadros 14 a 17)

O DEPARTAMENTO DE CULTURA PROFISSIONAL ORIENTA A PRÁTICA DOCENTE

Informantes	Objetivos	Prática Docente no D.C.P.	Prática Docente no Estágio
Professor do Curso Normal	M	M	M
P F C N	MS	M	MI
P F C P	M	MI	MI
Normalista Estagiário	—	MS	MS

QUADRO VI (Resumo dos Quadros 18 e 20)

Aspectos da Avaliação

	Professor do Curso Normal	P F C N	P F C P	Normalista-Estagiário
Esfôrço em superar as dificuldades surgidas no sentido da função para a qual se prepara.	M	MS	S	—
Empenho em melhorar sua posição de acôrdo com as exigências do curso.	M	M	MS	—
Conscientização do que deve realizar.	M	MS	S	M
Domínio do conhecimento da matéria.	—	—	—	M
Prontidão nas atividades.	—	—	—	M

QUADRO VII (Resumo do Quadro 19)

	Concepção e Critério de Avaliação	
	Diretor	**Professor do Curso Normal**
... parte integrante do trabalho geral da escola	MI	—
... parte integrante do trabalho geral da classe	I	—
Conscientização do que deve realizar	—	M

QUADRO VIII (Resumo do Quadro 21)

	Normalista-Estagiário	
	Professôres valorizam aspectos da avaliação (item 37)	Professôres só levam em consideração o domínio do conhecimento
Todos	—	I
Muitos	MI	—
Alguns	MI	M
Poucos	I	I
Nenhum	—	I

QUADRO IX (Resumo dos Quadros 22 e 23 A B C)

	PLANEJAMENTO DA ESCOLA Currículos adaptados às peculiaridades regionais			
	Flexibilidade de currículo e mais de uma resposta	Uso inteligente dos recursos da comunidade	Desenvolver a capacidade de perceber e viver os problemas da comunidade	Conhecer recursos, possibilidades da comunidade
Professôres do Curso Normal	M	M	M	M
Diretor	M	M	MI	M
P F C N	MI	S	MS	M
P F C P	M	M	MS	M
Normalista-Estagiário	M	M	M	M

QUADRO X — RESUMO

Levantamento histórico da assistência técnico-pedagógica e administrativa, propiciada pela SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA, através do CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS, SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO NORMAL, SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA e ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL de 1956 a 1962, mediante:

I	ELABORAÇÃO DE:	
	A — Diretrizes programáticas	30
	B — Comunicados	13
	C — Instruções e Circulares	45
	D — Inquéritos — Questionários	9
	E — Provas — Diagnóstico	2
	F — Bibliografias	12
	G — Apreciação de Planos, Relatórios, Provas, Artigos, etc.	1734
II	REALIZAÇÃO DE:	
	A — Cursos, Seminários, Encontros, Convenções, Mesas Redondas, Círculos de Estudos	
	1. Sôbre a Reforma Geral	53
	2. De Psicologia e Orientação Educacional	16
	B — Orientação técnico-pedagógica	
	1. Verbal	11836
	2. Escrita	2014
III	ELABORAÇÃO DE ANTEPROJETO DE DECRETOS COMO RESULTANTE DE EXIGÊNCIAS SUGERIDAS NA EXECUÇÃO DA LEI 2588/55 E DO DECRETO 6004/55	14
IV	PUBLICAÇÕES ESPECIAIS RELATIVAS À REFORMA	
	A — Folheto "Novos Rumos para a Escola Normal"	1
	B — Comunicação — Apresentada no III Congresso Nacional de Professôres Primários, realizado em Pôrto Alegre em 1958	1
	C — Comunicações Especiais sôbre o desenvolvimento do Plano de Aplicação do Sistema Departamental, apresentadas aos IV e V Congresso Nacional de Professôres Primários, realizados em 1960 e 1962, respectivamente em Recife e Goiânia	2

FUNCIONALIDADE DA SEXTA SÉRIE

1966

EQUIPE DE TRABALHO

Técnico em educação	DALVA DA ROSA DUPUY
Prof.ª	MARIA HELENA DE ALMEIDA NUNES
"	MARISTELA LAMPERT
"	NEIDE U. XAVIER
"	NILKA SIMÕES FONTOURA
Técnico em educação	SYDIA SANT'ANNA BOPP
Prof.ª	TEREZINHA DE JESUS BIDONE

I INTRODUÇÃO

Versando a III Conferência Nacional de Educação sôbre assuntos pertinentes à classe da 6ª série, sentiu-se a necessidade de, a partir dos objetivos de criação da referida classe, conhecer-se o que ocorre no Estado a êsse respeito.

Procurou-se conhecer, em primeiro lugar, tudo o que existia sôbre o assunto:

— Justificativa da criação das Classes de 6.ª série, por parte do Ministério de Educação e Cultura, (MEC) (1), e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) (2)

Decidiu, então, o C.P.O.E. (3), realizar um "survey" sôbre a FUNCIONALIDADE DA 6.ª SÉRIE PRIMÁRIA, no Estado do Rio Grande do Sul, para saber se estaria a sexta série correspondendo a seus objetivos, de acôrdo com a finalidade para que foi criada.

Para responder a esta problemática, procurou-se encontrar respostas a questões, assim propostas:

1 — Estaria a maioria das crianças, de doze a quatorze anos, que não podem cursar o ginásio sendo atendida pela sexta série?

2 — Teriam os alunos, atendidos pela 6.ª série, possibilidade de aprender um ofício?

3 — Deixariam as 6.as séries de dar preparo profissional, por falta de condições materiais, e elemento humano qualificado?

4 — Existiria equivalência entre as disciplinas ministradas na 6.ª série primária, e na 1.ª série ginasial?

5 — Contribuiria a 6.ª série para aumentar o senso de responsabilidade dos alunos?

6 — Teria a 6.ª série contribuído para incentivar nos alunos o gôsto pela leitura?

II — DESENVOLVIMENTO DO PLANO

A — **Definição de têrmos**

Sexta série — foi tomada como sinônimo de sexto (6.º) ano.

---

(1) — Ver Dodumenta do CFE, referente ao assunto — 1963.
(2) — Ver Dodumenta do CFE, referente ao assunto — 1963.
(3) — Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais — SEC — R.G.S.

Responsabilidade — definida como cumprimento das tarefas escolares.

B — **População e Amostra**

O universo seria constituído pelos professôres e alunos da sexta (6.ª) série primária, bem como professôres e diretores de Escola Secundária do 1.º ciclo, onde se encontrassem alunos que tivessem cursado a 6.ª série primária.

Para determinação da amostra, computaram-se (4) os dados relativos a:

— Número dos municípios que possuem 6.ª série.
— Especificação dos municípios em que há localidades (e Grupos Escolares) com 6.ª série na Capital e interior. (Apênd.)
— Número de classes de 6.ª série.
— Número de professôres primários regentes de sexta série na Capital e interior.

A amostra foi constituída por professôres de 6.ª série presentes em Pôrto Alegre, para assistirem ao SEMINÁRIO PARA PROFESSÔRES DE 6.º ANO.

Como haviam sido convocados todos os professôres de 6.ª série no Estado, Capital e interior, foi possível contar-se com representantes de todos os municípios em que há dessas classes.

O levantamento realizado apresentou um total de 46 professôres de 21 municípios, portanto, um porcentual superior a 50% do número de professôres de 6.ª série.

Dêstes professôres, 17 eram da Capital e 29 do interior do Estado.

O critério para amostra que seria constituída de alunos de 6.ª série, diretores e professôres (Curso Secundário 1.º Ciclo), foi estabelecido de acôrdo com as localidades de onde procediam os professôres presentes ao seminário anteriormente referido.

C — **Instrumentos de Coleta e sua Aplicação**

Para coleta dos dados foi usado o instrumento questionário:

a) — para professôres, constando de 20 perguntas, algumas abertas, outras estruturadas em categoria de resposta à escolha do informante, e ainda, perguntas dicotômicas (Apênd. 2).
Devido à exigüidade do tempo, não se fêz um teste para êsses questionários, mas a tabulação posterior mostrou que o instrumento era adequado.

b) — **Para os alunos,** o questionário constou de 21 perguntas, abertas, estruturadas e dicotômicas. (Apêndice 3).
O questionário foi aplicado em caráter experimental em 27 alunos, do Grupo Escolar Uruguai, da Capital.

---

(4) — Dados coletados na Rêde Escolar e na Secção da 6.ª série da Divisão do Ensino Primário — Secretaria de Educação e Cultura — RGS.
Na aplicação dos questionários, além dos membros da equipe encarregados do trabalho, contou-se com a colaboração da professôra ANNE MARIE SCHAAN — coordenadora do seminário para os referidos professôres.

A tabulação dos itens do questionário experimental, mostrou não haver necessidade de alteração do referido instrumento.
Os questionários foram enviados para as Delegacias Regionais da SEC., através do Serviço de Distribuição Interna, e por correio, D.C.T.

O número de questionários aplicados foi de:

a) — 46 para os professôres
b) — 1277 para os alunos
Dos questionários recebidos, que atingem a mais de 50% dos escolares de 6.º ano, foram selecionados 20% através da tábua de números eqüiprováveis.
c) — Para os diretores e professôres do Ensino Médio, 1.º ciclo, foi enviada, juntamente com um ofício-circular, uma grade para coletar dados sôbre o aproveitamento dos alunos procedentes de sexta série primária. (Apênd. 4).
d) — Foram enviadas, ainda, fichas para as Delegacias, para que fôssem remetidos dados exatos sôbre as classes de 6.º ano, e Localidade — Município — Data de Instalação do Curso — Número de Classes — Número de Alunos por Sexo — Horário de Funcionamento dos Cursos.

III — ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Os dados foram tabulados, segundo as respostas obtidas, de modo a solucionar as questões propostas:

a) — **Atende o 6.º ano à maioria das crianças de 12 a 14 anos que não puderam ingressar na Escola Secundária?** (Item 16 do questionário).

Dos professôres inquiridos, 91% opinaram que a faixa etária atende à maioria das crianças naquela faixa que não puderam ingressar no ginásio.

TABELA 1 — GRÁF. 1

Atendimento do 6.º ano às crianças de 12 a 14 anos, que não ingressaram no Ginásio

1966 — RGS

RESPOSTAS	TOTAL	PORCENTAGEM
Sim	42	91%
Não	2	5%
Não sabe	1	2%
S/respostas	—	—
Inadequada	1	2%
. . . . .	—	—
T O T A L	46	100%

b) — **Que preparo técnico oferece a Escola aos alunos de 6.ª série?** (Item 7 do questionário).

Sendo esta uma pergunta aberta, as respostas atingiram o total de 63, das quais 42%, ou sejam, vinte e seis professôres, responderam negativamente, (o que demonstra que a maioria das escolas, por questões variadas, não está oferecendo preparo técnico aos seus alunos).

TABELA 2

PREPARO TÉCNICO OFERECIDO AOS ALUNOS DE 6.º ANO

RESPOSTAS	TOTAL	PORC.
Nenhum	26	42,00%
Sem resposta	7	11,00%
Agricultura	4	6,00%
Mecânica	3	5,00%
Economia Doméstica	2	3,00%
Corte e Costura	4	7,00%
Aproveitamento do Couro	1	1,50%
Trançados	1	1,50%
Tecelagem	1	1,50%
Técnicas Industriais	2	3,00%
Datilografia	3	5,00%
Princípios de Eletrônica	2	3,00%
Práticas Fotográficas	1	1,50%
Marcenaria	1	1,50%
Consêrto de Sapato	1	1,50%
Confecção de Roupas	1	1,50%
Contabilidade	2	3,00%
Pintura em Estampa	1	1,50%
T O T A L	63	100%

c) — **Deixaram as 6.as séries de dar preparo profissional, por falta de condições materiais, e elemento humano qualificado?** (Item 14 e 15 do questionário).

A maior porcentagem sôbre as dificuldades oferecidas pelo curso de 6.º ano referem-se à falta de material, sendo as medidas apresentadas para saná-las, incidentes neste mesmo aspecto. A necessidade de professôres especializados, embora não seja tão notável, é proposta por alguns professôres.

Tratando-se de perguntas abertas temos 102 respostas e 57 respostas respectivamente nas tabelas.

TABELA 3 A

DIFICULDADES OFERECIDAS PELO CURSO DE 6.º ANO

DIFICULDADES	TOTAL	PORC.
Falta de professor especializado	10	10%
Falta de material	29	28%
Falta de biblioteca	10	10%
Falta de base dos alunos	15	15%
Programas extensos	18	18%
Falta de recursos audiovisuais e técnicos	6	5%
Falta de colaboração entre Professôres	3	3%
Falta de fontes bibliográficas sobre a comunidade	4	4%
Inadequação de programas em relação ao gin.	3	3%
Não há dificuldades	1	1%
Sem resposta	3	3%
T O T A L	102	100%

TABELA 3 B

Medidas propostas para sanar as dificuldades residentes na deficiência de material e de currículo.

MEDIDAS	TOTAL	PORC.
Diminuir o programa e horas de aula	3	5%
Providenciar em recursos e material adequado	22	38%
Ajustar o programa da 6.ª série ao da 1.º ginasial	2	4%
Providências dos profs. especializados	3	5%
Maior rigor na avaliação das séries anteriores	3	5%
Turmas menores	1	2%
Aumentar o número de horas de aula	1	2%
Criar bibliotecas	3	5%
Ampliação dos prédios	5	9%
Orientação adequada	1	2%
Inadequada	1	2%
Sem resposta	12	21%
T O T A L	57	100%

d) — **Existiria equivalência entre as disciplinas ministradas na 6.ª série primária e na 1.ª série ginasial?** (Item 13 do questionário — especifique por disciplina).

As respostas obtidas neste item foram tabuladas em 1.ª etapa de forma geral (Tabela 4 — Gráfico 4) e em segunda com equivalência por disciplina (Tabelas 4B1 — Gráfico 4B1 a 4B6).

Em vista do porcentual de 65% de professôres que responderam haver correspondência em parte, apresentamos o resultado desta correspondência por disciplina, que é mais forte em Matemática e Português, diminuindo nas demais disciplinas.

TABELA 4 A

Correspondência do conteúdo programático da 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

A CORRESPONDÊNCIA É:	TOTAL	PORC.
Total	10	22%
Em parte	30	65%
Não há	1	2,2%
Sem resposta	5	10,8%
T O T A L	46	100,00%

TABELA 4 B 1

Correspondência do conteúdo programático de Matemática na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	37	81%
Não	1	2%
Sem resposta	8	17%
T O T A L	46	100%

TABELA 4 B 2

Correspondência do conteúdo programático de Português na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	36	80%
Não	1	2%
Sem resposta	9	18%
T O T A L	46	100%

TABELA 4 B 3

Correspondência do conteúdo programático de História na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	9	18%
Não	28	64%
Sem resposta	9	18%
T O T A L	46	100%

TABELA 4 B 4

Correspondência do conteúdo programático de Geografia na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	13	29%
Não	25	54%
Sem resposta	8	17%
T O T A L	46	100%

TABELA 4 B 5

Correspondência do conteúdo programático de Ciências na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	28	64%
Não	9	18%
Sem resposta	9	18%
TOTAL	46	100%

TABELA 4 B 6

Correspondência do conteúdo programático de Língua Estrangeira na 6.ª série ao da 1.ª série ginasial

EXISTE CORRESPONDÊNCIA	TOTAL	PORC.
Sim	3	5%
Não	2	4%
Sem resposta	41	91%
TOTAL	46	100%

5 — **Contribuiria a sexta série para aumentar o senso de responsabilidade dos alunos?** (Item 19 do questionário).

Nesta resposta, é satisfatório o número de professôres que declara haver aumentado a responsabilidade dos alunos, representando um porcentual de 85%.

TABELA 5 — GRÁFICO 5

Maiores responsabilidades nas tarefas por parte dos alunos de 6.ª série

APRESENTAÇÃO DE MAIORES RESPONSABILIDADES	TOTAL	PORC.
Sim	39	85%
Em parte	6	13%
Não	1	2%
Sem resposta	—	—
TOTAL	46	100%

6 — **Oferece o 6.º ano, maiores possibilidades de enriquecimento da cultura geral do aluno?** (Item 17 do questionário).

O porcentual de professôres que respondem afirmativamente é de 100%.

TABELA 9 — GRÁFICO 9

Possibilidade de enriquecimento da cultura geral do aluno

EXISTE POSSIBILIDADE	TOTAL	PORC.
Sim	46	100%
Não	—	—
Sem resposta	—	—
T O T A L	46	100%

7 — **Tem o 6.º ano contribuído para melhorar os hábitos e atitudes dos seus alunos?** (Item 18 do questionário).

Do total de 46 entrevistados, 43 responderam afirmativamente, ou seja, 93%.

TABELA 10 — GRÁFICO 10

Progresso de hábitos e atitudes dos alunos

HÁ PROGRESSO	TOTAL	PORC.
Sim	43	93%
Em parte	2	5%
Não	—	—
Sem resposta	1	2%
T O T A L	46	100%

8 — **Teria a 6.ª série contribuído para incentivar o gôsto pela leitura?**

Êste item será avaliado em fase posterior, após a tabulação e tratamento estatístico dos questionários dos alunos.

OUTROS ITENS CONSIDERADOS SIGNIFICATIVOS

1 — O tempo de serviço dos professôres de 6.ª série (Item 1 do questionário) varia de menos de um ano a seis e mais anos, havendo maior incidência de professôres com 6 e mais anos de carreira, 55%. Isto é explicado, já que a direção das escolas, aos fundar classes de 6.º ano, dá preferência a docentes com maior prática de magistério, caso não haja outra variável a influir, como curso especial para a 6.ª série, ou algum curso superior.

TABELA 6 — GRÁFICO 6

Tempo de Exercício no Magistério

TEMPO	TOTAL	PORC.
Menos de 1 ano	1	2%
1 ano	—	—
2 anos	2	4%
3 anos	3	6%
4 anos	7	15%
5 anos	8	18%
6 anos e mais	25	55%
T O T A L	46	100%

2 — Em relação ao curso especial para professôres de 6.ª série, é satisfatório o porcentual de 72% dos professôres que freqüentaram tais cursos, demonstrando o interêsse por uma melhoria de condições técnicas para um atendimento mais efetivo dos alunos.

TABELA 7 — GRÁFICO 7

Curso Especial para 6.ª Série

FÊZ CURSO	TOTAL	PORC.
Sim	33	72%
Não	13	28%
Sem resposta	—	—
T O T A L	46	100%

3 — A duração do curso de 6.ª série é de 3 meses, porém um professor compareceu a 2 dêstes cursos, atingindo 6 meses de estudo. (Item 4 do questionário).

TABELA 8 — GRÁFICO 8

Duração do Curso para Professôres de 6.ª Série

DURAÇÃO DO CURSO	TOTAL	PORC.
3 meses	31	67%
6 meses (2 cursos)	1	2%
Sem resposta	14	31%
T O T A L	46	100%

IV — CONCLUSÕES

Uma conclusão implícita nos resultados é a de que a sexta série vem atendendo a um dos objetivos do MEC. — "Evitar o hiato nocivo, 12 a 14 anos".

Merece referência especial, tendo em vista os porcentuais resultantes da tabulação, o fato de não estar sendo cumprido, por grande parte das escolas estudadas, o objetivo do MEC. "Dar às crianças que não poderão cursar a escola secundária, alguma habilitação profissional".

As causas dêste não cumprimento são apontadas pelos professôres, como **"falta de condições materiais, e elemento humano qualificado"**.

A análise da correspondência, entre as disciplinas constantes do currículo da 6.ª série primária, demonstra só ser existente nas disciplinas de Português, Matemática e Ciências.

A análise permite supor ainda estar a 6.ª série contribuindo para melhorar o senso de responsabilidade dos alunos no cumprimento das tarefas escolares, bem como formando hábitos e atitudes de estudo.

A unânimidade nas respostas dos professôres, permite concluir estar a 6.ª série contribuindo para o enriquecimento da cultura geral do aluno, sendo êste um dos objetivos propostos pelo INEP, como justificativa da orientação dessas classes.

RECOMENDAÇÕES

Os resultados dêste estudo permitem fazer as seguintes recomendações:

1 — Ampliar a rêde de sextas (6as) séries, atendendo de preferência às localidades onde não existam Escolas de Nível Médio — (1.º ciclo).

2 — Dar maior atenção à habilitação profissional dos alunos que freqüentam a 6.ª série, procurando suprir as deficiências materiais e de elemento humano qualificado.

3 — Revisar o conteúdo programático das disciplinas a fim de que os alunos egressos da sexta série (6.ª) não encontrem dificuldades de integração na segunda (2.ª) série dos cursos secundários e técnico do 1.º ciclo do Ensino Médio.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE SEXTA SÉRIE

A fim de enriquecer o estudo sôbre a funcionalidade da sexta série, procurou-se também ouvir a opinião dos alunos integrantes dessas classes.

Assim, foram remetidos questionários a tôdas as regiões escolares cujas localidades enviaram representantes ao Seminário de sexta série, realizado nesta Capital, no segundo semestre dêste ano.

Onze destas regiões devolveram os questionários devidamente preenchidos. Em virtude da exigüidade do tempo, não foi possível trabalhar todos os dados. Deliberou-se, assim, tomar 20% de cada escola em cada localidade, e dêste modo constituiu-se a amostra.

O número de questionários trabalhados foi de 265, no interior, e 148 na Capital.

IDADE CRONOLÓGICA DOS ALUNOS DA SEXTA SÉRIE

As maiores porcentagens são 29,82% e 26,04%, correspondentes às faixas das idades de 13 a 14 anos, respectivamente, no interior, e 24,33% e43,92%, correspondente às faixas de 12 a 14 anos, na Capital.

TABELA I

IDADE ALUNOS 6.ª SÉRIE

INTERIOR — 1966

N.º	IDADE	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	11 anos	10	3,79%
2	12 anos	53	20,00%
3	13 anos	79	29,82%
4	14 anos	69	26,04%
5	15 anos e mais	54	20,35%
9	Sem respostas	—	—
	TOTAL	265	100,00%

IDADE ALUNOS 6.ª SÉRIE

CAPITAL — 1966

N.º	IDADE	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	11 anos	5	3,37%
2	12 anos	36	24,33%
3	13 anos	65	43,92%
4	14 anos	32	21,63%
5	15 anos	9	6,08%
9	Sem resposta	1	0,67%
	TOTAL	148	100,00%

Poder-se-ia, pois, concluir que o objetivo de atendimento de alunos de 12 a 14 anos está sendo atingido.

MOTIVOS QUE LEVARAM À SEXTA SÉRIE

Quanto aos motivos que teriam levado os alunos a freqüentarem a sexta série, as mais altas porcentagens — 69,24%, no interior, e 85,81%, na Capital, correspondem à reprovação no exame de admissão.

TABELA II

MOTIVOS QUE LEVARAM À 6.ª SÉRIE

INTERIOR — 1966

N.º	MOTIVOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Falta de vaga na 1.ª série ginasial	8	2,79%
2	Reprovação no exame de admissão	198	69.24%
3	Por não pretender continuar os estudos	8	2,79%
4	Por não ter idade para trabalhar	3	1,05%
5	Por querer ampliar conhecimentos	23	0,05%
6	Por não haver ginásio na localidade	11	3,85%
7	Por outros motivos	33	11,53%
8	Resposta inadequada	1	0,35%
9	Sem resposta	1	0,35%
	TOTAL	286	100,00%

MOTIVOS QUE LEVARAM À 6.ª SÉRIE

CAPITAL — 1966

N.º	MOTIVOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Falta de vaga na 1.ª série ginasial	10	6,76%
2	Reprovação no exame de admissão	127	85,81%
3	Por não pretender continuar os estudos	1	0,68%
4	Por não ter idade para trabalhar	1	0,67%
5	Por querer ampliar conhecimentos	3	2,03%
6	Por não haver ginásio na localidade	1	0,67%
7	Por outros motivos	5	3,38%
	TOTAL	148	100,00%

Verifica-se, assim, que o motivo principal que levou os alunos a freqüentarem a sexta série, foi o não terem conseguido ingressar no curso ginasial.

DIFICULDADES DO CURSO

A maior porcentagem — 64,91% — no interior, e — 60,81% na Capital, correspondem ao "sim".

TABELA III

DIFICULDADES NO CURSO

INTERIOR — 1966

N.º	ENCONTRAM DIFICULDADES	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	93	35,09%
2	Sim	172	64,91%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	265	100,00%

DIFICULDADES NO CURSO

CAPITAL — 1966

N.º	ENCONTRAM DIFICULDADES	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	57	38,52%
2	Sim	90	60,81%
9	Sem resposta	1	0,67%
	TOTAL	148	100,00%

Verifica-se assim, que ao realizarem êsse curso, encontram os alunos dificuldades.

DISCIPLINAS MAIS DIFÍCEIS

Foram apontadas como disciplinas mais difíceis: Matemática, com a porcentagem de 17,31%, no interior, e 21,69%, na Capital; Português, com 13,90% no interior, e 12,20%, na Capital; Ciências, com 12,92%, na Capital; Língua estrangeira, com 10,98% no iterior, e 15,94, na Capital.

TABELA IV

DISCIPLINAS MAIS DIFÍCEIS

INTERIOR — 1966

N.º	DISCIPLINAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Português	57	13,90%
2	Matemática	71	17,31%
3	Geografia	31	7,57%
4	História	32	7,80%
5	Língua estrangeira	45	10,98%
6	Ciências	53	12,92%
7	Desenho	11	2,69%
8	Música	3	0,73%
9	Artes	1	0,24%
10	Educação Física	1	0,24%
11	Outra	12	2,93%
12	Respondeu "não" na anterior	93	22,69%
99	Sem resposta	—	—
	TOTAL	410	100,00%

DISCIPLINAS MAIS DIFÍCEIS

CAPITAL — 1966

N.º	DISCIPLINAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Português	36	12,20%
2	Matemática	64	21,69%
3	Geografia	21	7,11%
4	História	38	12,89%
5	Ciências	14	4,75%
6	Língua estrangeira	47	15,94%
7	Desenho	5	1,69%
8	Música	4	1,36%
9	Artes	4	1,36%
10	Educação Física	—	—
11	Outra	—	—
12	Respondeu "não" na anterior . . .	49	16,61%
99	Sem resposta	13	4,40%
	TOTAL	295	100,00%

Poder-se-ia concluir daí que o estudo das disciplinas básicas foi deficiente, no curso primário?

MOTIVO DAS DIFICULDADES

Neste item, as porcentagens mais elevadas distribuem-se entre — falta de conhecimentos básicos — 21,60%, no interior, e 21,39%, na Capital; — falta de gôsto pela disciplina — 14,19% no interior, e 16,58%, na Capital; — falta de livros em casa — 7,72% no interior; — e falta de orientação nos estudos, 11,77%, na Capital.

TABELA V

CAUSAS DAS DIFICULDADES

INTERIOR — 1966

N.º	CAUSAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Falta de material indispensável..	3	0,93%
2	Falta de biblioteca	18	5,56%
3	Falta de tempo de estudar	24	7,40%
4	Falta de livros em casa	25	7,72%
5	Falta de orientação no estudo ...	21	6,49%
6	Falta de conhecimentos básicos..	70	21,60%
7	Falta de gôsto pela disciplina ...	46	14,19%
8	Outros motivos	9	2,78%
9	Respondeu "não" no item 6	93	28,70%
99	Sem resposta	15	4,63%
	TOTAL	324	100,00%

CAUSAS DAS DIFICULDADES

CAPITAL — 1966

N.º	CAUSAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Falta de material indispensável..	6	3,20%
2	Falta de biblioteca	11	5,88%
3	Falta de tempo de estudar	13	6,96%
4	Falta de livros em casa	13	6,96%
5	Falta de orientação no estudo ...	22	11,76%
6	Falta de conhecimentos básicos..	40	21,39%
7	Falta de gôsto pela disciplina ...	31	16,58%
8	Outros motivos	—	—
9	Respondeu "não" no item 6	49	26,20%
99	Sem resposta	2	1,06%
	TOTAL	187	100,00%

Isto leva a confirmar a conclusão a que se chegou no item anterior.

SEXTA SÉRIE CONTRIBUI PARA MELHORAR OS CONHECIMENTOS

Perguntando-se se a sexta série melhora os conhecimentos, 99,24% dos alunos inquiridos, no interior, e 99,33% na Capital, responderam "sim".

TABELA VI

VANTAGENS DA 6.ª SÉRIE

INTERIOR — 1966

N.º	MELHORA CONHECIMENTOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	2	0,76%
2	Sim	263	99,24%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	265	100,00%

VANTAGENS DA 6.ª SÉRIE

CAPITAL — 1966

N.º	MELHORA CONHECIMENTOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	—	—
2	Sim	147	99,33%
9	Sem resposta	1	0,67%
	TOTAL	148	100,00%

Poder-se-ia concluir, assim, que é vantajosa a instituição da sexta série nas escolas primárias.

DISCIPLINA DE MAIOR APROVEITAMENTO

Especificando essa melhoria, foram mais elevadas as porcentagens em: História — 20,83% no interior, e Matemática — 23,49% na Capital; Ciências — 20,29%, no interior; Geografia — 19,51%, no interior, e Ciências — 19,54%, na Capital.

TABELA VII

DISCIPLINA DE MAIOR APROVEITAMENTO

INTERIOR — 1966

N.º	DISCIPLINAS EM QUE MELHORASTE	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Português	167	18,41%
2	Matemática	162	17,87%
3	História	189	20,33%
4	Geografia	177	19,51%
5	Ciências	184	20,29%
7	Respondeu "não" na anterior . . .	2	0,22%
9	Sem resposta	26	2,87%
	TOTAL	907	100,00%

DISCIPLINA DE MAIOR APROVEITAMENTO

INTERIOR — 1966

N.º	DISCIPLINAS EM QUE MELHORASTE	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Português	84	17,47%
2	Matemática	113	23,49%
3	História	88	18,29%
4	Geografia	100	20,79%
5	Ciências	94	19,54%
9	Sem resposta	2	0,42%
	TOTAL	481	100,00%

APRENDIZAGEM DE OFÍCIO

Perguntando-se se o curso oferece oportunidade de aprender um ofício, 73,96%, no interior, e 86,49%, na Capital, responderam afirmativamente.

TABELA VIII

OPORTUNIDADE DE APRENDER UM OFÍCIO

INTERIOR — 1966

N.º	OPORTUNIDADE DE OFÍCIO	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	67	25,28%
2	Sim	196	73,96%
9	Sem resposta	2	0,76%
	TOTAL	265	100,00%

OPORTUNIDADE DE APRENDER UM OFÍCIO

CAPITAL — 1966

N.º	OPORTUNIDADE DE OFÍCIO	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	17	11,49%
2	Sim	128	86,49%
9	Sem resposta	3	2,02%
	TOTAL	148	100,00%

OFÍCIOS OFERECIDOS

Procurando-se saber que ofícios oferece a sexta série, as porcentagens mais elevadas correspondem a — bordado, tricô e crochê; as duas primeiras, com 14,56% e o último, com 3,50% e mecânica e técnicas agrícolas, com 3,23%, no interior, — tricô, bordado e crochê, com 20,60%, 18,02% e 6,44%, respectivamente; cerâmica, com 4,73%; carpintaria com 2,15% e datilografia, com 1,29%, na Capital.

TABELA IX

OFÍCIOS OFERECIDOS PELA ESCOLA

INTERIOR — 1966

N.º	O QUE APRENDES	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Datilografia	6	1,61%
2	Carpintaria	9	2,42%
3	Mecânica	12	3,23%
4	Corte e Costura	28	7,55%
5	Cerâmica	5	1,35%
6	Encadernação	13	3,50%
7	Técnicas Agrícolas	12	3,23%
8	Bordado	54	14,56%
9	Tricô	54	14,56%
10	Crochê	30	8,09%
11	Outro	67	18,06%
12	Respondeu "não" na anterior	67	18,06%
99	Sem resposta	14	3,78%
	TOTAL	371	100,00%

OFÍCIOS OFERECIDOS PELA ESCOLA

CAPITAL — 1966

N.º	O QUE APRENDES	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Datilografia	3	1,29%
2	Carpintaria	5	2,15%
3	Mecânica	2	0,86%
4	Corte e Costura	10	4,29%
5	Cerâmica	11	4,73%
6	Encadernação	—	—
7	Técnicas Agrícolas	4	1,71%
8	Bordado	42	18,02%
9	Tricô	48	20,60%
10	Crochê	15	6,44%
11	Outro	73	31,33%
12	Respondeu "não" na anterior	17	7,29%
99	Sem resposta	3	1,29%
	TOTAL	233	100,00%

Na resposta a — "outros" — as porcentagens mais elevadas, são relativas a técnicas comerciais (6,03%) e artes industriais (5,67%), no interior; e artes industriais (35,13%) e trabalhos manuais (10,81%), na Capital.

OUTROS OFÍCIOS PREFERIDOS

Perguntando-se que ofícios gostariam de aprender, além dos oferecidos pela escola, aparece, em primeiro lugar, Datilografia, com 30,15%, no interior e 34,59%, na Capital; em segundo lugar, Mecânica, com 14,39%, no interior, e Corte e Costura, com 9,42%, na Capital; em terceiro lugar, Corte e Costura, com 6,28%, no interior, e Mecânica com 7,54%, na Capital.

TABELA X

OUTROS OFÍCIOS PREFERIDOS ALÉM DOS MANTIDOS PELA ESCOLA

INTERIOR — 1966

N.º	O QUE GOSTARIAM DE APRENDER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Datilografia	82	30,15%
2	Mecânica	39	14,39%
3	Desenho — Pintura	8	2,96%
4	Comércio	6	2,21%
5	Corte e Costura	17	6,28%
6	Tricô — Bordado — Crochê	12	4,42%
7	Marcineiro	2	0,73%
8	Cerâmica	1	0,39%
9	Técnicas Agrícolas	2	0,73%
10	Eletricista	2	0,73%
11	Encadernação	1	0,39%
12	Música	1	0,39%
13	Carpintaria	1	0,39%
14	Agricultura	1	0,39%
15	Enfermagem	1	0,39%
99	Sem resposta	95	35,06%
	TOTAL	271	100,00%

OUTROS OFÍCIOS PREFERIDOS ALÉM DOS MANTIDOS PELA ESCOLA

CAPITAL — 1966

N.º	O QUE GOSTARIAM DE APRENDER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Datilografia	55	34,59%
2	Tipografia	1	0,62%
3	Mecânica	12	7,54%
4	Corte e Costura	15	9,43%
5	Cabelereira	4	2,51%
6	Desenho	2	1,26%
7	Rádio Técnico	2	1,25%
8	Bordado — Tricô	5	3,14%
9	Enfermagem	3	1,98%
10	Música	1	0,62%
11	Encadernação — Decoração	4	2,51%
12	Culinária	3	1,88%
13	Carpintaria	1	0,62%
14	Cerâmica	2	1,25%
15	Técnicas Agrícolas	3	1,88%
16	Resposta inadequada	10	6,28%
99	Sem resposta	36	22,64%
	TOTAL	159	100,00%

CONTINUAÇÃO DE ESTUDOS

Perguntando-se se pretendem continuar os estudos, 98,49%, no interior, e 98,65%, na Capital, responderam "sim".

TABELA XI

CONTINUAÇÃO DE ESTUDOS

INTERIOR — 1966

N.º	PRETENDES CONTINUAR OS ESTUDOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Sim	261	98,49%
2	Não	3	1,13%
3	Resposta inadequada	1	0,38%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	265	100,00%

CONTINUAÇÃO DE ESTUDOS

CAPITAL — 1966

N.º	PRETENDES CONTINUAR OS ESTUDOS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Sim	146	98,65%
2	Não	2	1,35%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	148	100,00%

Poder-se-ia concluir que cursam a sexta série porque não tiveram possibilidade de ingressar no curso que desejam realizar.

CURSOS PREFERIDOS

Perguntando-se que curso pretendem fazer, 46,42%, no interior, e 58,78%, na Capital, escolheram o curso ginasial; 31,69%, no interior, a escola normal e 27,70%, na Capital, a escola técnica.

TABELA XII

CURSOS PREFERIDOS

INTERIOR — 1966

N.º	CURSOS QUE PRETENDES FAZER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Escola Normal	84	31,69%
2	Ginásio	123	46,42%
3	Escola Técnica	52	19,63%
4	Respondeu "não" no item anterior	2	0,76%
9	Sem resposta	4	1,50%
	T O T A L	265	100,00%

CURSOS PREFERIDOS

CAPITAL — 1966

N.º	CURSOS QUE PRETENDES FAZER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Escola Normal	18	12,17%
2	Ginásio	87	58,78%
3	Escola Técnica	41	27,70%
4	Respondeu "não" no item anterior	2	1,35%
9	Sem resposta	—	—
	T O T A L	148	100,00%

HÁBITO DE LEITURA

Perguntando-se se costumam ler, a maior porcentagem corresponde ao "sim", no interior e Capital com 97,73% e 99,33%, respectivamente.

TABELA XIII

HÁBITO DE LEITURA

INTERIOR — 1966

N.º	COSTUMAS LER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Sim	259	97,73%
2	Não	6	2,27%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	265	100,00%

HÁBITO DE LEITURA

CAPITAL — 1966

N.º	COSTUMAS LER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Sim	147	99,33%
2	Não	1	0,67%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	148	100,00%

LEITURAS PREFERIDAS

Verifica-se que as maiores porcentagens ocorrem em relação à "História em Quadrinho" — 17,09%, na Capital; 13,56%, no interior Aparecem logo em seguida, com porcentagens semelhantes — "Aventuras", com 11,76%, na Capital; 11,61%, no interior. "Contos e Histórias de Viagens" apresentam também, porcentagens significativas.

TABELA XIV

LEITURAS PREFERIDAS

INTERIOR — 1966

N.º	LEITURAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	História em Quadrinho	132	13,56%
2	Revistas	112	11,51%
3	Jornais	95	9,76%
4	Histórias de Viagem	95	9,76%
5	Biografias	65	6,68%
6	Contos	99	10,17%
7	Poesias	90	9,24%
8	Aventuras	113	11,61%
9	Crônicas	27	2,77%
10	Romances	75	7,77%
11	Ficção Científica	54	5,54%
12	Outras Leituras	10	1,02%
13	Respondeu "não" na anterior . . .	6	0,61%
99	Sem resposta	—	—
	TOTAL	973	100,00%

LEITURAS PREFERIDAS

CAPITAL — 1966

N.º	LEITURAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	História em Quadrinho	93	17,09%
2	Revistas	59	10,84%
3	Jornais	57	10,48%
4	Histórias de Viagem	34	6,25%
5	Biografias	39	7,17%
6	Contos	55	10,11%
7	Poesias	34	6,26%
8	Aventuras	64	11,76%
9	Crônicas	23	4,22%
10	Romances	45	8,27%
11	Ficção Científica	32	5,89%
12	Outras Leituras	8	1,48%
13	Respondeu "não" na anterior . . .	1	0,18%
99	Sem resposta	—	—
	TOTAL	544	100,00%

OCUPAÇÃO DAS HORAS DE LAZER

Perguntando-se como ocupam as horas de lazer, aparecem: em primeiro lugar, tanto no interior como na Capital, as respostas "ajudando em casa", com 22,36%, no interior e 18,32%, na Capital; em segundo, "revisão dos trabalhos escolares", com 19,65% no interior e 16,13%, na Capital; em terceiro, "leituras" com 13,89%, no interior, e 13,54% na Capital.

TABELA XV

OCUPAÇÃO DAS HORAS DE LAZER

INTERIOR — 1966

N.º	HORAS DE LAZER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Com revisão dos trabahos escolares	157	19,65%
2	Com leitura	111	13,89%
3	Com o rádio	79	9,88%
4	Com o cinema	46	5,76%
5	Com televisão	56	7,00%
6	Com trabalhos manuais	47	5,89%
7	Ajudando em casa	177	22,16%
8	Com esportes	101	12,65%
9	Outras maneiras	12	1,50%
99	Sem resposta	13	1,62%
	TOTAL	799	100,00%

OCUPAÇÃO DAS HORAS DE LAZER

CAPITAL — 1966

N.º	HORAS DE LAZER	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Com revisão dos trabahos escolares	81	16,13%
2	Com leitura	68	13,54%
3	Com o rádio	62	12,36%
4	Com o cinema	22	4,39%
5	Com televisão	65	12,95%
6	Com trabalhos manuais	41	8,17%
7	Ajudando em casa	92	18,32%
8	Com esportes	63	12,55%
9	Outras maneiras	8	1,59%
99	Sem resposta	—	—
	TOTAL	502	100,00%

DISPONIBILIDADE PARA COM OS OUTROS

Perguntando-se se costumam prestar auxílio, quando solicitados, a mais alta porcentagem corresponde a "pôr-te à disposição" com 90,95%, no interior, e 91,89% na Capital.

TABELA XVI

DISPONIBILIDADE PARA COM OS OUTROS

INTERIOR — 1966

N.º	QUANDO PEDEM O TEU AUXÍLIO, COSTUMAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Pôr-te à disposição	241	90,95%
2	Deixar para outra ocasião	3	1,13%
3	Indicar outra pessoa	3	1,13%
4	Dizer que não o podes fazer	3	1,13%
5	Proceder de outro modo	12	4,53%
9	Sem resposta	3	1,13%
	TOTAL	265	100,00%

DISPONIBILIDADE PARA COM OS OUTROS

CAPITAL — 1966

N.º	QUANDO PEDEM O TEU AUXÍLIO, COSTUMAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Pôr-te à disposição	136	91,89%
2	Deixar para outra ocasião	4	2,70%
3	Indicar outra pessoa	4	2,71%
4	Dizer que não o podes fazer	—	—
5	Proceder de outro modo	1	0,67%
6	Resposta inadequada	2	0,67%
9	Sem resposta	1	1,36%
	TOTAL	148	100,00%

HORAS DE ESTUDO NA ESCOLA

A porcentagem mais alta corresponde a "seis horas", com 84,90%, no interior, e 86,48%, na Capital.

TABELA XVII

HORAS DE ESTUDO NA ESCOLA

INTERIOR — 1966

N.º	NÚMERO DE HORAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	3 horas	—	—
2	4 horas	36	13,58%
4	4 horas	3	1,14%
6	6 horas	225	84,90%
9	Sem resposta	1	0,38%
	TOTAL	265	100,00%

HORAS DE ESTUDO NA ESCOLA

CAPITAL — 1966

N.º	NÚMERO DE HORAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	3 horas	2	1,36%
2	4 horas	9	6,08%
3	5 horas	9	6,08%
4	4 horas	128	86,48%
9	Sem resposta		
	TOTAL	148	100,00%

ESTUDO EM CASA

Perguntando-se se estudam em casa, a resposta é afirmativa, com 96,61%, no interior, e 95,27%, na Capital.

TABELA XVIII

HÁBITO DE ESTUDO EM CASA

INTERIOR — 1966

N.º	ESTUDAS EM CASA	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	9	3,39%
2	Sim	256	96,61%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	265	100,00%

HÁBITO DE ESTUDO EM CASA

CAPITAL — 1966

N.º	ESTUDAS EM CASA	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	Não	7	4,73%
2	Sim	141	95,27%
9	Sem resposta	—	—
	TOTAL	148	100,00%

NÚMERO DE HORAS

Perguntando-se quantas horas ali estudam, a porcentagem mais alta corresponde a "uma hora", com 54,33%, no interior, e 46,62%, na Capital; a seguir vem "duas horas", com 31,32%, no interior, e 29,73%, na Capital.

TABELA XIX

HORAS DE ESTUDO EM CASA

INTERIOR — 1966

N.º	NÚMERO DE HORAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	1 hora	144	54,33%
2	2 horas	83	31,32%
3	3 horas	19	7,16%
4	4 horas	5	1,88%
5	Respondeu "não" na anterior	9	3,39%
9	Sem resposta	5	1,92%
	TOTAL	265	100,00%

HORAS DE ESTUDO EM CASA

CAPITAL — 1966

N.º	NÚMERO DE HORAS	N.º DE ALUNOS	PORCENTAGEM
1	1 hora	69	46,62%
2	2 horas	44	29,73%
3	3 horas	20	13,51%
4	4 horas	6	4,05%
5	Respondeu "não" na anterior	7	4,73%
9	Sem resposta	2	1,36%
	TOTAL	148	100,00%

CONCLUSÕES

1 — A sexta série, no Estado do Rio Grande do Sul, vem atendendo a um dos objetivos do M.E.C. — "Evitar hiato nocivo, de 12 a 14 anos".

2 — Os alunos de sexta série que não conseguiram aprovação no exame de admissão, demonstraram querer continuar os estudos.

3 — Os alunos de sexta série encontram dificuldades em Matemática e Português, porque seus conhecimentos básicos, nessas disciplinas, são deficientes.

4 — Apesar das dificuldades, encontradas em determinadas disciplinas, conseguem os alunos da sexta série melhorar sua cultura geral.

5 — Apesar de não satisfazer plenamente as aspirações dos alunos nesse sentido, oferece-lhes a sexta série, possibilidade de aprenderem algum ofício.

6 — Todos os alunos que cursaram a sexta série, pretendem continuar os estudos, sendo que, em sua maioria, tanto no interior como na Capital, se destinam ao curso ginasial.

7 — Contribui a sexta série para que os alunos leiam mais; entretanto, essa leitura não é a melhor.

8 — Tanto na Capital, como no interior, em geral, oferece a sexta série, seis horas diárias de estudo, na escola.

9 — Os alunos da sexta série realizam, no mínimo, uma hora de estudo, em casa, por dia.

10 — Contribui a sexta série para a disponibilidade dos jovens em favor do próximo.

RECOMENDAÇÕES

1 — Apesar das restrições que podem ser feitas à sua funcionalidade, a **sexta série,** no Rio Grande do Sul, credenciou-se como uma experiência válida. Por isso, recomenda-se a sua continuidade e expansão.

2 — Outrossim, nas localidades onde houver curso ginasial, deverão os professôres das classes de sexta série entrar em contato com os de ginásio para combinarem o conteúdo programático das diferentes disciplinas, a fim de que a sexta série prepare os alunos para que cursem com aproveitamento a segunda série ginasial.

3 — Também é necessário oferecer à escola primária recursos indispensáveis à elevação do nível de ensino.

4 — É ainda necessário aparelhar as escolas primárias onde existe sexta série, com pessoal especializado e material indispensável, a fim de que essas classes ofereçam a seus alunos aprendizagem dos ofícios desejados.

AVALIAÇÃO — APROVEITAMENTO DOS ALUNOS EGRESSOS DA 6.ª SÉRIE, NA 2.ª SÉRIE GINASIAL — 1.º SEMESTRE, 1966

APROVEITAMENTO DOS ALUNOS EGRESSOS DA 6.ª SÉRIE PRIMÁRIA, NA 2.ª SÉRIE GINASIAL

I — Escolas Fonte

Número de escolas que informaram o aproveitamento dos alunos egressos da 6.ª série.

	Capital	Interior
Ginásios Estaduais	11	8
" Particulares	4	6

Municípios onde se situam as referidas Escolas:

Capital — Pôrto Alegre

Interior — Camaquã
Caxias do Sul
Cruz Alta — 2 Escolas
Esteio
Guaíba
Lajeado
Santa Maria

Número de escolas, que se pronunciaram, e não enviaram aproveitamento, por não possuirem alunos egressos da 6.ª série.

	Capital	Interior
Ginásios Estaduais	—	6
" Particulares	3	—

Municípios onde se situam essas escolas.

Erexim
Pejuçara

Municípios onde se situam essas escolas.

Santa Maria
Santiago

Os municípios de Cachoeira do Sul e Livramento, pronunciaram-se, dizendo que realizaram exame de seleção entre os egressos de 6.ª série, não conseguindo os mesmos aprovação.

II — Amostra

Consideramos a amostra do aproveitamento dos alunos egressos de 6.ª série, representativa, de vez que o número de municípios, no Estado, com classes de 6.ª série é de 41, e o número de municípios, cujos estabelecimentos de Nível Médio se pronunciaram relativamente aos alunos procedentes de 6.ª série, é 8, portanto 20% do Universo.

III — Aproveitamento dos Alunos: análise por disciplina.

Tabela 1a — por escala de notas

Português

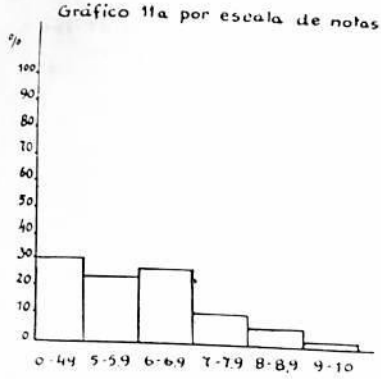
Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	41	31,79%
5 — 5,9	31	24,04%
6 — 6,9	34	26,34%
7 — 7,9	14	10,85%
8 — 8,9	8	6,20%
9 — 10	1	0,78%
Total	129	100,00%

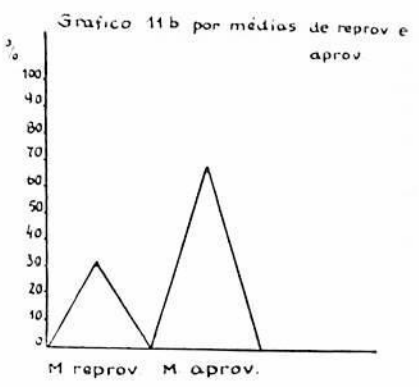
1a Gráfico por escala de notas

1b — Gráfico por médias de aprovação e reprovação

Tabela 1b — por aprovação e reprovação

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	41	31,78%
5 — 10	88	68,22%





História

Tabela 3a — por escalas de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	24	18,75 %
5 — 5,9	19	14,85 %
6 — 6,9	42	32,81 %
7 — 7,9	26	20,31 %
8 — 8,9	15	11,72 %
9 — 10	2	1,56 %
Total	128	100 %

Tabela 3b — por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	24	18,75 %
5 — 10	104	81,25 %
Total	128	100 %

Matemática

Tabela 2a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	37	28,46%
5 — 5,9	31	23,85%
6 — 6,9	20	15,38%
7 — 7,9	28	21,54%
8 — 8,9	12	9,23%
9 — 10	2	1,54%
Total	130	100%

Tabela 2b — por média de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	37	28,46%
5 — 10	93	71,54%
Total	130	100%

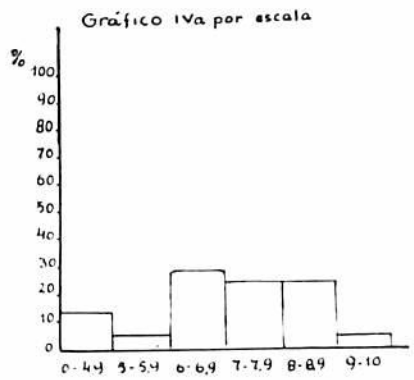
Geografia

Tabela 4a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	17	13,28%
5 — 5,9	7	5,51%
6 — 6,9	36	28,35%
7 — 7,9	31	24,50%
8 — 8,9	30	23,63%
9 — 10	6	4,73%
Total	127	100%

Tabela 4b — por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	17	13,28%
5 — 10	110	86,72%
Total	127	100%



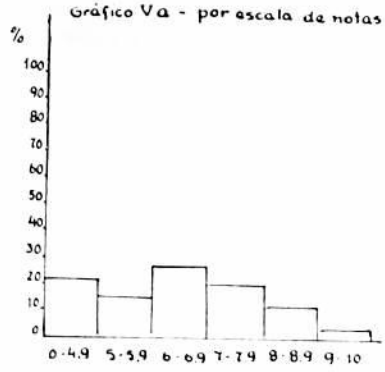
Ciências

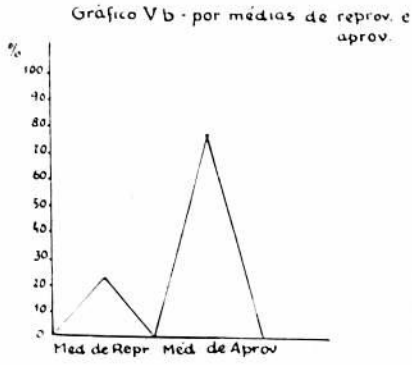
Tabela 5a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	33	22,76%
5 — 5,9	22	15,17%
6 — 6,9	40	27,59%
7 — 7,9	29	20,00%
8 — 8,9	16	11,03%
9 — 10	5	3,45%
Total	145	100%

Tabela 5b — por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	33	22,76%
5 — 10	112	77,24%
Total	145	100%





Francês

Tabela 6a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	21	28 %
5 — 5,9	19	25,33 %
6 — 6,9	17	22,67 %
7 — 7,9	11	14,67 %
8 — 8,9	5	6,68 %
9 — 10	2	2,67 %
Total	75	100 %

Tabela 6b — por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	21	28 %
5 — 10	54	72 %
Total	75	100 %

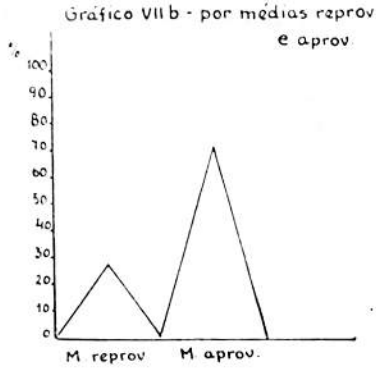
Inglês

Tabela 7a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	15	28,30%
5 — 5,9	6	11,32%
6 — 6,9	10	18,87%
7 — 7,9	12	22,64%
8 — 8,9	6	11,32%
9 — 10	4	7,55%
Total	53	100%

Tabela 7b — por média de aprov. e reprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	15	28,30%
5 — 10	38	71,70%
Total	53	100%



Desenho

Tabela 8a — por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	20	18,69%
5 — 5,9	12	11,21%
6 — 6,9	21	19,63%
7 — 7,9	20	18,69%
8 — 8,9	15	14,02%
9 — 10	19	17,76%
Total	107	100%

Tabela 8b — por média de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 — 4,9	20	18,69%
5 — 10	87	81,31%
Total	107	100%

IV — Disciplinas não analisadas

O aproveitamento, nas disciplinas abaixo relacionadas, não foi registrado em razão de ser pouco significativo o número de alunos.

Disciplina	N.º de alunos
Artes Industriais	14
Educação Artística	38
Educação para o Lar	6
Educação Econômica	4
Técnicas Comerciais	16

Conclui-se, pois, que os egressos da sexta série podem acompanhar, sem maiores dificuldades, a segunda série ginasial, uma vez que há correspondência de aproveitamento entre êles e os da primeira série ginasial, como ficou demonstrado na presente pesquisa.

Por outro lado, as deficiências verificadas em Português, não são específicas dêsses alunos, mas em geral próprias de todo o aluno de nível médio, porque, por ser cíclica, a aprendizagem da língua pátria deve ser muito bem orientada, desde seu início.

FUNCIONALIDADE DA 6.ª SÉRIE PRIMÁRIA

INSTRUMENTOS

QUESTIONÁRIOS:

— para professôres de Classes de 6.ª série.
— para alunos de 6.ª série.

GRADE:

— para registro de aproveitamento do aluno.

GRÁFICOS REPRESENTATIVOS DO APROVEITAMENTO DOS ALUNOS EGRESSOS DA 6.ª SÉRIE PRIMÁRIA NA 2.ª SÉRIE GINASIAL.

COLEGAS:

Necessitando conhecer os resultados obtidos com as classes de 6.º ano, solicitamos a sua valiosa colaboração, respondendo as perguntas que se seguem:

NOME DO PROFESSOR:

NOME DA ESCOLA:

LOCALIDADE:

MUNICÍPIO:

REGIÃO ESCOLAR

1 — Tempo de exercício no magistério:

2 — Tempo de regência da classe de 6.º ano:

3 — Fêz curso especial para classe de 6.º ano?

4 — Qual a duração do curso?

5 — Qual, quais disciplinas leciona?

6 — Além das disciplinas que leciona, seus alunos têm outras disciplinas? Quais?

7 — Que preparo técnico oferece a Escola aos alunos de 6.º ano? Relacione:

8 — Quantos alunos teve no ano passado?

9 — Quantos foram aprovados?

10 — Quantos se submeteram a exame de seleção?

11 — Quantos foram aproveitados?
12 — Quantos ingressaram:

a) — em ginásio comum:

b) — em ginásio normal:

c) — em ginásio comercial:

d) — em ginásio industrial:

e) — em ginásio agrícola:

13 — O conteúdo programático desenvolvido na 6.ª série, corresponde ao do 1.º ano ginasial?

Especifique por disciplina:

14 — Que dificuldades oferece o curso?
Por quê?

15 — Se elas residem no currículo escolar, ou na deficiência de material, que medidas propõe para saná-las?

16 — Atende o 6.º ano a maioria das crianças, de 12 a 14 anos, que não puderam ingressar na Escola Secundária?

17 — Na sua opinião, oferece o 6.º ano maiores possibilidades de enriquecimento para a cultura geral do aluno?

18 — Tem o 6.º ano contribuído para melhorar os hábitos e atitudes dos seus alunos?

19 — Manifestam êles maiores responsabilidades em suas tarefas?

20 — Tem tido notícia de que os alunos egressos do 6.º ano, conseguem fazer com facilidade, a 2.ª série ginasial?

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DE SEXTA SÉRIE PRIMÁRIA

Contando com tua boa vontade, pedimos que colabore para o conhecimento dos resultados obtidos com as classes de sexta série, respondendo com clareza e exatidão às perguntas que se seguem.

INDICA TUA RESPOSTA, PREENCHENDO OS ESPAÇOS EM BRANCO OU FAZENDO UM CÍRCULO EM TÔRNO DO NÚMERO OU NÚMEROS ADEQUADOS

NOME DA ESCOLA: . .....

LOCALIDADE: . . ..

MUNICÍPIO: ..... REGIÃO ESCOLAR: .....

NOME DO ALUNO: .....

IDADE:..... DATA DO NASCIMENTO: .....

1 — Faze um círculo em tôrno do número que corresponde ao motivo porque cursas a sexta série:

— falta de vaga na primeira série ginasial 1
— reprovação no exame de admissão 2
— por não pretender continuar estudando 3
— por não ter idade para trabalhar 4
— por querer ampliar conhecimentos 5
— por não haver ginásio na localidade 6
— por outros motivos 7
— Quais?: . . ..
.....
.....

2 — Encontras dificuldade no curso?

NÃO 1
SIM 2

3 — Se tua resposta foi afirmativa, indica a disciplina ou disciplinas que achas mais difícil (eis):

— Português 1
— Matemática 2

— Geografia 3
— História 4
— Ciências 5
— Língua estrangeira 6
— Desenho 7
— Música 8
— Artes 9
— Educação Física: 10
— Outra 11
— QUAL? . . . . . .
. . . . . .

4 — Indica o motivo dessa dificuldade:

— falta de material indispensável 1
— falta de biblioteca 2
— falta de tempo para estudar 3
— falta de livros em casa 4
— falta de orientação no estudo 5
— falta de conhecimentos básicos 6
— falta de gôsto pela disciplina 7
— outros motivos 8
— QUAIS? . . . . . .
. . . . . .

5 — Tem o estudo na sexta série contribuído para melhorar teus conhecimentos?

NÃO 1
SIM 2

6 — Se tua resposta à pergunta anterior foi afirmativa, indica em que disciplina isso se deu:

— Português 1
— Matemática 2
— História 3
— Geografia 4
— Ciências 5

7 — Na sexta série tens oportunidade de aprender algum ofício?

NÃO 1
SIM 2

8 — Se tua resposta foi afirmativa, indica o que aprendes:

— Datilografia 1
— Carpintaria 2
— Mecânica 3
— Corte e Costura 4
— Cerâmica 5
— Encadernação 6
— Técnicas Agrícolas 7
— Bordado 8
— Tricô 9
— Crochê 10

— Outro 11
— QUAL? . . . .

9 — Se tua escola não oferece essa oportunidade, que ofício gostarias de aprender?: .....

10 — Pretendes continuar os estudos?

NÃO 1
SIM 2

11 — Se tua resposta foi afirmativa, indica o curso que pretendes fazer:

— Escola Normal
— Ginásio
— Escola Técnica

12 — Se tua resposta à pergunta n.º 10 foi negativa, que pretendes fazer?

.....

13 — Costumas ler?

NÃO 1
SIM 2

14 — Se tua resposta foi afirmativa, indica o que gostas de ler:

— Histórias em Quadrinhos 1
— Revistas 2
— Jornais 3
— Histórias de Viagens 4
— Biografias 5
— Contos 6
— Poesias 7
— Aventuras 8
— Crônicas 9
— Romances 10
— Ficção Científica 11
— Outras Leituras 12
— QUAIS? . . . .

15 — Que sabes a respeito das atuais conquistas científicas?

.....

16 — Indica como ocupas as tuas horas de lazer:

— Com a revisão dos trabalhos escolares 1
— Com leituras 2
— Com o rádio 3
— Com o cinema 4
— Com a televisão 5
— Com trabalhos manuais 6
— Ajudando em casa 7
— Com esportes 8
— Outras maneiras 9
— QUAIS? . .....
.....

17 — Quando alguém pede o teu auxílio, costumas:

— pôr-te à disposição 1
— deixar para outra ocasião 2
— indicar outra pessoa 3
— dizer que não o podes fazer 4
— proceder de outro modo 5
— QUAL? . . ..
.....

18 — Indica o número de horas que estudas na escola:

— 3 horas 1
— 4 horas 2
— 5 horas 3
— 6 horas 4

19 — Estudas em casa?

NÃO 1
SIM 2

20 — Se tua resposta foi afirmativa, indica o número de horas que estudas em casa:

— 1 horas 1
— 2 horas 2
— 3 horas 3
— 4 horas 4

21 — Se tua resposta à pergunta n.º 19 foi negativa, dize porque estudas: . . ..
.....
.....
.....
.....

FORMULÁRIO A SER PREENCHIDO POR PROFESSÔRES DO GINÁSIO QUE TENHAM EM SUA CLASSE ALUNOS PROCEDENTES DA SEXTA SÉRIE PRIMÁRIA

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, interessado em verificar se o rendimento da sexta série primária está correspondendo a seus objetivos, solicita aos senhores professôres a fineza de preencherem o formulário anexo.

Outrossim, encarece esta colaboração, como valiosa e indispensável, para um trabalho que êste Centro deverá apresentar ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos com a máxima urgência.

Pela atenção dispensada a êste, o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais agradece.

ESCOLA:

LOCALIDADE:

MUNICÍPIO:

NÚMERO DE ALUNOS PROCEDENTES DA SEXTA SÉRIE PRIMÁRIA:

DISCIPLINA:

APROVEITAMENTO DOS ALUNOS PROCEDENTES DA CLASSE DE SEXTA SÉRIE PRIMÁRIA

N.º	NOME DO ALUNO	MESES				
		Março / Abril	Maio	Junho	Agôsto	Observações

OUTRAS INFORMAÇÕES SÔBRE ÊSTES ALUNOS:

....., ... de ..... de 1966.

APROVEITAMENTO DOS ALUNOS EGRESSOS DA 6.ª SÉRIE NA 2.ª SÉRIE GINASIAL

APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE, NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA: PORTUGUÊS

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 1a - por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	41	31,78 %
5 - 5,9	31	24,03 %
6 - 6,9	34	26,37 %
7 - 7,9	14	10,85 %
8 - 8,9	8	6,20 %
9 - 10	1	0,77 %
Total	129	100 %

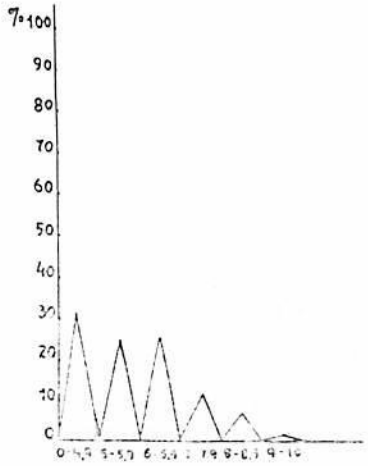
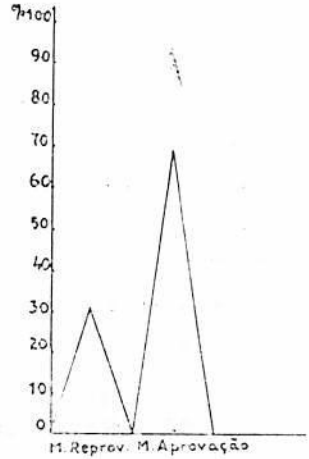


Gráfico 1b - por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcent
0 - 4,9	41	31,78 %
5 - 10	88	68,22 %
Total	129	100 %



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE, NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA: MATEMÁTICA

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 2a - por escala de notas

Notas	Total de	Porc.
0 - 4.9	37	28,46
5 - 5.9	31	23,85
6 - 6.9	20	15,38
7 - 7.9	28	21,54
8 - 8.9	12	9,23
9 - 10	2	1,54
Total	130	100%

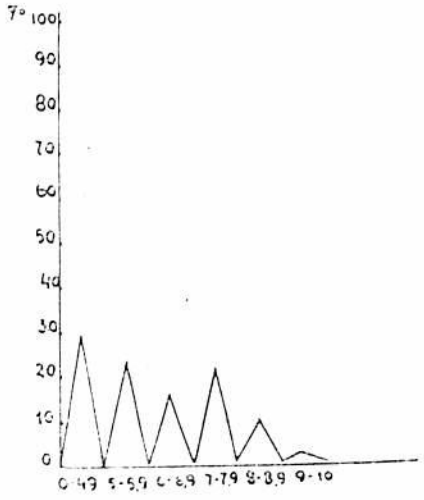
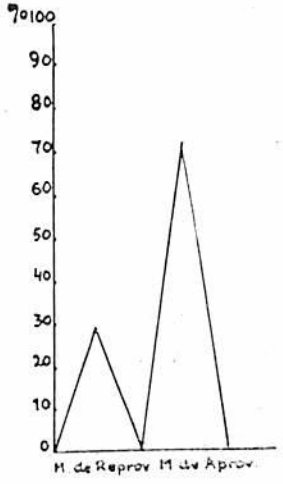


Gráfico 2b - por média de reprov. e aprov.

Notas	Total de alunos	Porcent.
0-4.9	37	28,46
5 - 10	93	71,54
Total	130	100 %



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS EGRESSOS DE 6ª SÉRIE, NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 3a - por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	24	18,75%
5 - 5,9	19	14,85%
6 - 6,9	42	32,81%
7 - 7,9	26	20,31%
8 - 8,9	15	11,72%
9 - 10	2	1,56%
Total	128	100%

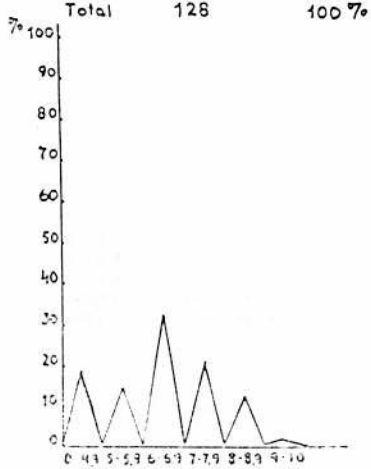
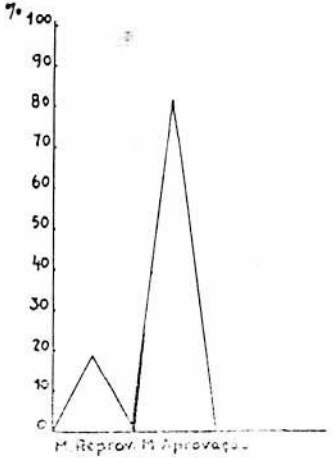


Gráfico 3b - por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	24	18,75%
5 - 10	104	81,25%
Total	128	100%



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 4a - por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porc.
0 - 4,9	17	13,28
5 - 5,9	7	5,51
6 - 6,9	36	28,35
7 - 7,9	31	24,50
8 - 8,9	30	23,63
9 - 10	6	4,73
Total	127	100 %

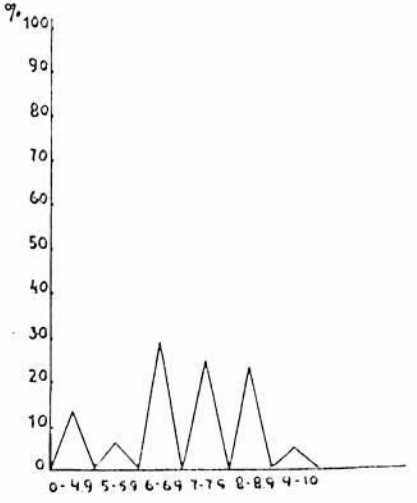
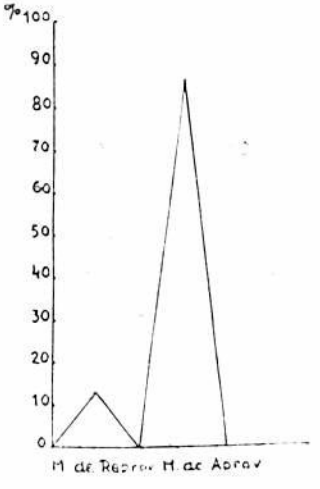


Gráfico 4b - por médias de reprov e aprov

Notas	Total de Alunos	Porc
0 - 4,9	17	13,28
5 - 10	110	86,72
Total	127	100 %



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE, NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA : CIÊNCIAS

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 5a - por escala de notas

Notas	Total de alunos	Porcentual
0 - 4,9	33	22,76 %
5 - 5,9	22	15,17 %
6 - 6,9	40	27,59 %
7 - 7,9	29	20,00 %
8 - 8,9	16	11,03 %
9 - 10	5	3,45 %
Total	145	100 %

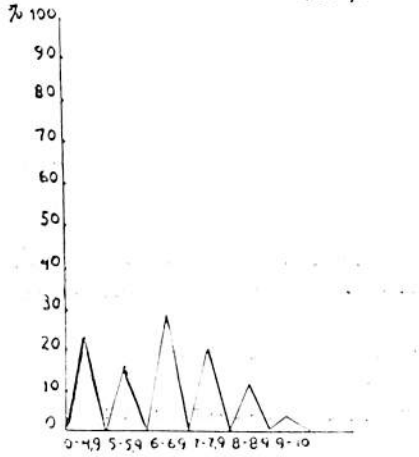
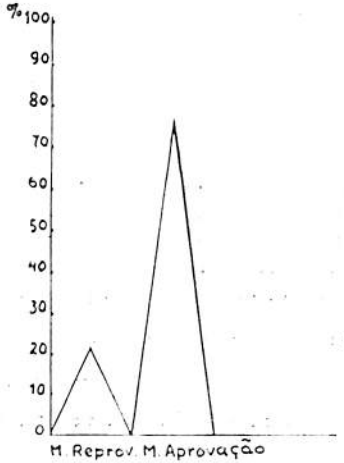


Gráfico 5b - por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	33	22,76 %
5 - 10	112	77,24 %
Total	145	100 %



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE,
NA 2ª SÉRIE GINASIAL
DISCIPLINA: FRANCÊS

Rio Gr. do Sul - 1966

Gráfico 6a - por escala de notas

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	21	
5 - 5,9	19	
6 - 6,9	17	
7 - 7,9	11	
8 - 8,9	5	
9 - 10	2	
Total	75	

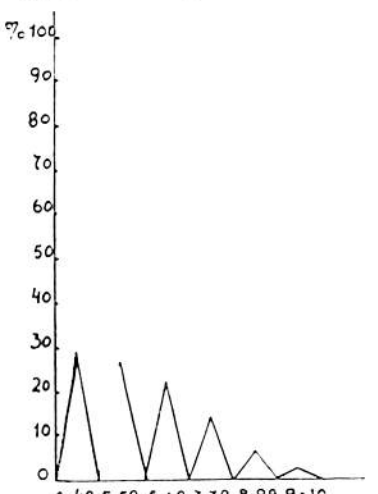
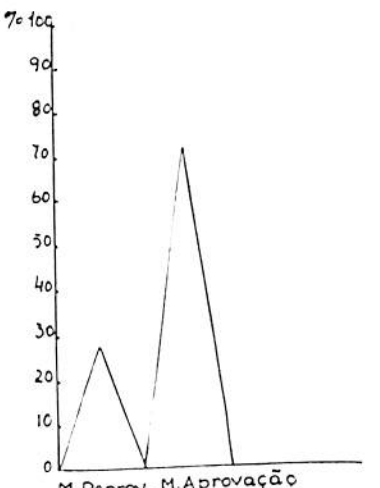


Gráfico 6b - por médias de reprov. e aprov.

Notas	Total de Alunos	Porcentual
0 - 4,9	21	28,00 %
5 - 10	54	72,00 %
Total	75	100 %



APROVEITAMENTO DOS ALUNOS, EGRESSOS DE 6ª SÉRIE, NA 2ª SÉRIE GINASIAL

DISCIPLINA: INGLÊS

Rio Grande do Sul - 1966

Gráfico 7a por escala de notas

Notas	Total de alunos	Porcentual
0 - 4,9	15	28,30 %
5 - 5.9	6	11,32 %
6 - 6.9	10	18,87 %
7 - 7.9	12	22,64 %
8 - 8.9	6	11,32 %
9 - 10	4	7,55 %
Total	53	100 %

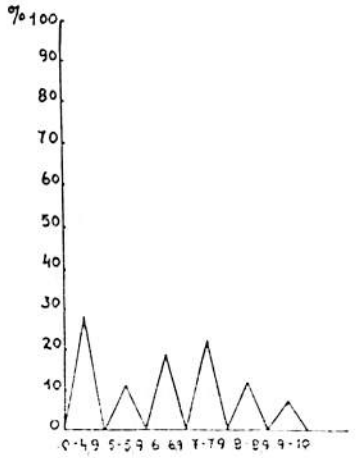
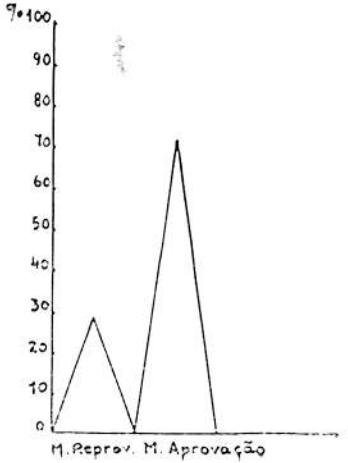


Gráfico 7b por médias de aprov. e reprov.

Notas	Total de alunos	Porcentual
0 - 4,9	15	28,30 %
5 - 10	38	71,70 %
Total	53	100 %



LEVANTAMENTO DOS ALUNOS
DE CURSOS GINASIAL E COLEGIAL,
POR FAIXA ETÁRIA.

ANO: 1966

GRUPO DE TRABALHO:

Técnico em Educação — **Dalva da Rosa Dupuy**

Professôra — **Iná Silva**

Professôra — **Maria Elena Nunes**

Técnico em Educação — **Sydia Sant'Anna Bopp**

OBJETIVOS:

Conhecer a realidade dos Cursos Colegial e Ginasial no que diz respeito à faixa etária do aluno e ao respectivo nível de aprendizagem.

— Fornecer dados reais e atualizados sôbre o assunto, para Assessoria Técnica de Planejamento de Educação.

— Colhêr subsídios para a elaboração de planos e pesquisas que envolvam alunos de escolas de Nível Médio.

INSTRUMENTOS:

GRADES:

Levantamento dos alunos do Curso Ginasial.

Levantamento dos alunos do Curso Colegial.

NOME DO ESTABELECIMENTO: .....

LOCALIDADE: ..... MUNICÍPIO: .....

CURSO COLEGIAL: .....

Matrícula Geral: F:..... M:..... Total .....

Matrícula Real: F:..... M:..... Total .....

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	Total	Obs.
14 anos a 14 anos e 11 meses ..					
15 anos a 15 anos e 11 meses ..					
16 anos a 16 anos e 11 meses ..					
17 anos a 17 anos e 11 meses ..					
18 anos a 18 anos e 11 meses ..					

19 anos a 19 anos e 11 meses ..					
20 anos a 20 anos e 11 meses ..					
21 anos a 21 anos e 11 meses ..					
22 anos a 22 anos e 11 meses ..					
23 anos a 23 anos e 11 meses ..					
24 anos a 24 anos e 11 meses ..					
25 anos ou mais					
TOTAL					

..... de ..... de 1966.

.....

Diretora

NOME DO ESTABELECIMENTO: .....

LOCALIDADE: ..... MUNICÍPIO: .....

CURSO GINASIAL: .....

Matrícula Geral: F:..... M:..... Total .....

Matrícula Real: F:..... M:..... Total .....

MATRÍCULA POR SÉRIE

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série N.º de alunos	2.ª Série N.º de alunos	3.ª Série N.º de alunos	4.ª Série N.º de alunos	TOTAL
10 anos a 10 anos e 11 meses ..					
11 anos a 11 anos e 11 meses ..					
12 anos a 12 anos e 11 meses ..					
13 anos a 13 anos e 11 meses ..					
14 anos a 14 anos e 11 meses ..					

15 anos a 15 anos e 11 meses ..					
16 anos a 16 anos e 11 meses ..					
17 anos a 17 anos e 11 meses ..					
18 anos a 18 anos e 11 meses ..					
19 anos a 19 anos e 11 meses ..					
20 anos a 20 anos e 11 meses ..					
21 anos a 21 anos e 11 meses ..					
TOTAL					

....., ... de ..... de 1966.

.....

Diretora

ESCOLAS REPRESENTADAS

CAPITAL

1 — Colégio Estadual — CÂNDIDO JOSÉ GODÓI
2 — " " — JÚLIO DE CASTILHOS
3 — " " — PADRE REUS
4 — " " — VERA CRUZ
1 — Ginásio Estadual — CEL. APARÍCIO BORGES
2 — " " — BENJAMIN CONSTANT
3 — " " — DÉCIO MARTINS COSTA
4 — " " — INÁCIO MONTANHA
5 — " " — do INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GEN. FLÔRES DA CUNHA
6 — " " — do INSTITUTO PIRATINI
7 — " " — PADRE LÉO
8 — " " — de VILA ASSUNÇÃO
9 — " " — WINSTON CHURCHILL

INTERIOR

1 — Colégio Estadual — ANTÔNIO SEPP — Cruz Alta
2 — " " — CRISTÓVÃO DE MENDOZA — Caxias do Sul
3 — " " — CRISTÓVÃO PEREIRA — Santiago
4 — " " — D. HERMETO — Uruguaiana
5 — " " — JOSÉ LOUREIRO DA SILVA — Esteio

6	—	Colégio Estadual	—	LIBERATO SALZANO V. DA CUNHA — Cachoeira do Sul
7	—	”	”	— MANOEL RIBAS — Santa Maria
8	—	”	”	— de Sapucaia do Sul
9	—	”	”	— SENADOR SALGADO F.º — São Francisco de Assis
10	—	”	”	— PROF. PEDRO SCHNEIDER — São Leopoldo
11	—	”	”	— PROF.ª MARIA ROCHA — Santa Maria
12	—	”	”	— TRÊS MARTINS — Palmeira das Missões
13	—	”	”	— de Camaquã.
1	—	Ginásio Estadual	—	BARÃO DO CÊRRO LARGO — Rio Grande
2	—	”	”	— BORGES DE MEDEIROS — Cachoeira do Sul
3	—	”	”	— Dr. GABRIEL ALVARO DE MIRANDA — Cruz Alta
4	—	”	”	— de CAMPO BOM
5	—	”	”	— CÔNEGO SCHERER — Guaíba
6	—	”	”	— de DOIS IRMÃOS
7	—	”	”	— de ENCANTADO
8	—	”	”	— de ENTRE-IJUÍS — Santo Ângelo
9	—	”	”	— do INSTITUTO DE EDUCAÇÃO JUVENAL MILLER — Rio Grande
10	—	”	”	— 8 DE SETEMBRO — Estância Velha
11	—	”	”	— de PASSO FUNDO
12	—	”	”	— PROF. LIBERATO SALZANO V. DA CUNHA — Livramento
13	—	”	”	— PROF. ALBANO A. FERREIRA — Osório
14	—	”	”	— PROF. MANUEL DE A. RAMOS — S. Sebastião do Caí
15	—	”	”	— de MISSÕES — Santo Ângelo

16 — Ginásio Estadual — PRESIDENTE KENNEDY — Cachoeira do Sul

17 — " " — PADRE CAETANO — Santa Maria

18 — " " — de TRÊS PASSOS

19 — " " Voc. — CECY LEITE COSTA — Passo Fundo

20 — " " — de LAJEADO

MUNICÍPIOS REPRESENTADOS: 26

1 — Cachoeirinha
2 — Campo Bom
3 — Camaquã
3 — Caxias do Sul
5 — Cruz Alta
6 — Encantado
7 — Esteio
8 — Estância Velha
9 — Guaíba
10 — Lajeado
11 — Livramento
12 — Osório
13 — Palmeira das Missões
14 — Pejuçara
15 — Passo Fundo
16 — Pôrto Alegre
17 — Rio Grande
18 — Santa Maria
19 — Santo Ângelo
20 — Santiago
21 — São Francisco de Assis
22 — São Leopoldo
23 — São Sebastião do Caí
24 — Sapucaia
25 — Uruguaiana
26 — Vacaria

LEVANTAMENTO DOS ALUNOS DOS CURSOS COLEGIAL E GINASIAL, POR FAIXA ETÁRIA

CURSO: GINASIAL (diurno) — 1966

IDADE CRONOLÓGICA	CAPITAL					INTERIOR					TOTAL
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	Total	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	Total	Cap. Int.
10a — 10a 11m	6	—	—	—	6	15	—	—	—	15	21
11a — 11a 11m	158	8	—	—	166	254	17	—	—	271	437
12a — 12a 11m	642	154	7	—	803	965	189	77	—	1.231	2.034
13a — 13a 11m	467	580	142	1	1.190	1.098	686	146	3	1.933	3.123
14a — 14a 11m	395	425	373	67	1.260	936	767	453	128	2.284	3.544
15a — 15a 11m	188	312	377	342	1.219	704	671	648	505	2.528	3.747
16a — 16a 11m	124	177	250	317	868	420	515	563	405	1.903	2.771
17a — 17a 11m	94	84	145	237	560	230	358	386	377	1.351	1.911
18a — 18a 11m	29	41	69	131	270	137	170	261	290	858	1.128
19a — 19a 11m	33	26	27	69	155	67	79	172	180	498	653
20a — 20a 11m	17	17	23	40	97	47	51	84	108	290	387
21a — 21a 11m	11	15	16	33	75	43	78	103	96	320	395
+ 21 anos	23	64	73	65	225	82	85	93	92	352	577
TOTAL	2.187	1.903	1.502	1.302	6.894	4.998	3.666	2.986	2.184	13.834	20.728

LEVANTAMENTO DOS ALUNOS DOS CURSOS COLEGIAL E GINASIAL, POR FAIXA ETÁRIA

CURSO: COLEGIAL — (diurno)

N.º DE ESCOLAS: CAPITAL: 3

INTERIOR: 15

IDADE CRONOLÓGICA	CAPITAL				INTERIOR				TOTAL
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	Total	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	Total	Cap. Int.
14a — 14a 11m	—	—	—	—	11	—	—	11	11
15a — 15a 11m	107	—	—	107	138	6	—	144	251
16a — 16a 11m	282	84	—	366	372	93	6	471	837
17a — 17a 11m	213	212	72	497	346	233	67	646	1.143
18a — 18a 11m	135	157	183	475	391	214	138	743	1.218
19a — 19a 11m	84	99	140	323	263	192	122	577	900
20a — 20a 11m	40	59	73	172	140	119	98	357	527
21a — 21a 11m	13	34	16	63	113	80	82	275	338
+ 21 anos	40	34	43	117	280	187	187	159	743
TOTAL	914	679	527	2.120	2.054	1.124	700	3.878	5.998

LEVANTAMENTO DE ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL E COLEGIAL, POR FAIXA ETÁRIA

CURSO GINASIAL — NOTURNO
N.º DE ESCOLAS: 3
CAPITAL

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	TOTAL
13a — 13a 11m	2	0	0	0	2
14a — 14a 11m	21	5	3	1	30
15a — 15a 11m	69	29	2	3	103
16a — 16a 11m	45	21	15	9	90
17a — 17a 11m	26	24	24	15	89
18a — 18a 11m	28	25	31	16	100
19a — 19a 11m	22	13	20	14	69
20a — 20a 11m	9	15	13	14	51
21a — 21a 11m	12	9	9	10	40
+ 21 anos	62	59	24	39	184
T O T A L	296	200	141	121	758

LEVANTAMENTO DE ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL E COLEGIAL, POR FAIXA ETÁRIA

CURSO: GINASIAL (Noturno)

INTERIOR

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	TOTAL
10a — 10a 11m	—	—	—	—	—
11a — 11a 11m	2	1	—	—	3
12a — 12a 11m	12	1	1	—	14
13a — 13a 11m	25	12	—	—	37
14a — 14a 11m	93	39	21	6	159
15a — 15a 11m	126	94	53	14	287
16a — 16a 11m	138	137	100	53	428
17a — 17a 11m	82	110	97	69	358
18a — 18a 11m	61	104	81	69	315
19a — 19a 11m	31	68	51	50	200
20a — 20a 11m	31	47	53	49	180
21a — 21a 11m	26	29	29	38	122
+ 21 anos	98	97	81	96	372
	725	739	567	444	2.475

LEVANTAMENTO DE ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL E COLEGIAL, POR FAIXA ETARIA

CURSO COLEGIAL: (Noturno)

N.º DE ESCOLAS: 2

INTERIOR

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	TOTAL
15a — 15a 11m	1	—	—	1
16a — 16a 11m	15	1	—	16
17a — 17a 11m	21	9	—	30
18a — 18a 11m	21	14	7	42
19a — 19a 11m	15	8	8	31
20a — 20a 11m	14	11	6	31
21a — 21a 11m	7	12	5	24
+ 21 anos	21	15	11	47
T O T A L	115	70	37	222

LEVANTAMENTO DE ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL E COLEGIAL, POR FAIXA ETÁRIA

N.º DE ESCOLAS: 4

CURSO GINASIAL (Diurno e Noturno)

INTERIOR

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	TOTAL
10a — 10a 11m	27	—	—	—	27
11a — 11a 11m	61	24	—	—	85
12a — 12a 11m	159	63	1	—	223
13a — 13a 11m	164	109	52	—	325
14a — 14a 11m	124	113	138	22	397
15a — 15a 11m	132	153	126	96	507
16a — 16a 11m	76	144	125	111	456
17a — 17a 11m	40	82	112	121	355
18a — 18a 11m	36	58	98	103	295
19a — 19a 11m	23	50	65	79	217
20a — 20a 11m	21	27	47	76	171
21a — 21a 11m	20	39	61	89	209
+ 21 anos	—	7	—	8	15
TOTAL	883	869	825	705	3.282

LEVANTAMENTO DE ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL E COLEGIAL, POR FAIXA ETÁRIA

N.º DE ESCOLA: 1

CURSO: COLEGIAL (Diurno e Noturno)

INTERIOR

IDADE CRONOLÓGICA	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	TOTAL
16a — 16a 11m	10	2	0	12
17a — 17a 11m	25	14	5	44
18a — 18a 11m	17	11	15	43
19a — 19a 11m	11	17	7	35
20a — 20a 11m	10	5	8	23
21a — 21a 11m	4	3	7	14
+ 21 anos	14	13	11	38
T O T A L	91	65	53	209

ALUNOS NÃO ALFABETIZADOS

EM 1 9 6 5

INTRODUÇÃO:

A Divisão de Pesquisas, através do Serviço de Pesquisas, incluiu no planejamento para 1966, um estudo sôbre os alunos que não se alfabetizaram no primeiro ano de escolaridade.

Teve o projeto entusiástica acolhida, por parte da Divisão de Orientação, através dos seus Serviços de Ensino e de Psicologia.

Essa idéia também foi levada ao conhecimento das Orientadoras de Ensino Primário que a julgaram oportuníssima e se prontificaram a colaborar na sua execução.

A fim de discutir as possibilidades de uma ação em conjunto e traçar as normas para a orientação do trabalho, reuniu-se a equipe que deveria elaborar-lhe o plano.

Esta ficou assim constituída:

LEDA SOEIRO — Diretora da Divisão de Pesquisas
INÁ SILVA — Chefe do Serviço de Pesquisas
DALVA DA ROSA DUPUY — Serviço de Pesquisas
SYDIA SANT'ANNA BOPP — Serviço de Pesquisas
DOROTY FOSSATI V. MONIZ — do Serviço de Psicologia
MARGARIDA SIRÂNGELO — do Serviço de Ensino.

Além disso, julgou-se indispensável a colaboração de uma equipe de Orientadores de Ensino Primário, a qual ficou assim constituída:

AMÁLIA SOARES
AMELIA BULHÕES
ANNE MARIE SCHAAN
CARMEN EUNICE RIBEIRO
JOSINA RIBEIRO
LAURA PICOT
ELDA SOUZA
NELY SCHMIDT
SUENY BARBOSA
TERESINHA D. PILLAR

Concluiu-se ainda que, para uma melhor percepção do problema, seria necessário estudar o aluno em sua realidade bio-psico-social.

Em vista disso, a equipe responsável pelo planejamento determinou que as Orientadoras constituíssem duas equipes: uma, atuando junto ao Setor Psicopedagógico, encarregada do estudo e aplicação de uma série de Testes; a outra, ligada ao Serviço de Pesquisas, a fim de elaborar e aplicar o Questionário, destinado aos professôres regentes das classes que constituíram a amostra dêste estudo.

PLANO DE PESQUISA

Nesta primeira abordagem do problema, foram considerados apenas os fatôres relativos ao aluno.

Entretanto, êle envolve aspectos outros que também deverão ser apreciados, para que se possa ter uma visão total do problema.

Êsse assunto vem preocupando também outros países, como a França, cuja pesquisa (1) foi consultada e analisada.

I — Problema

Por que muitos dos alunos que freqüentaram o primeiro ano da escola primária, em 1965, não se alfabetizaram?

II — Hipóteses

Fatôres que teriam concorrido, em parte, para que êsses alunos não se alfabetizassem:

— Imaturidade
— Nível de inteligência inferior
— Baixo nível sócio-econômico
— Condições de saúde
— Problemas emocionais
— Falta de freqüência.

III — Instrumentos para coleta de dados:

— grades para o levantamento dos dados;
— escala sócio-econômica;
— questionário para o professor.

AMOSTRA

A amostra foi constituída pelos vinte e seis grupos escolares, já sorteados, para o estudo da avaliação dos resultados da Reforma do Ensino Primário.

O número de crianças não alfabetizadas, nesses grupos, foi de 942 alunos, assim distribuídos:

— 239, em escolas de 5.ª entrância; 86, de 4.ª; 149, de 2.ª e 468, de 1.ª entrância.

Atividades relativas à primeira fase desta pesquisa.

No corrente ano, foram aplicados os testes da figura humana, da casa, de prolação, das figuras geométricas, os quais estão sendo motivo de estudo e interpretação, o mesmo ocorrendo com o questionário, aplicado aos professôres, e também a escala sócio-econômica das respectivas famílias.

---

1) Une enquête sur les retards sdolaires — Institut Pédagogique National — Service de la Rerherche Pédagogique.

Levantamento do Magistério de Nível Médio
do Estado do Rio Grande do Sul

Ano: 1966

GRUPO DE TRABALHO:

Técnico em educação

DALVA DA ROSA DUPUY

Professôra

INÁ SILVA

Técnico em educação

SYDIA SANT'ANNA BOPP

Professôra

ZILAH ABRANTES

OBJETIVOS:

Recolher dados indispensáveis para um conhecimento mais exato da realidade do Ensino Médio.

Êsses dados fornecerão à Divisão de Pesquisas subsídios para:

a) futuros planos de estudo e pesquisas que envolvam as escolas de nível médio.

b) organização de fichários que contenham informações atualizadas e imediatas sôbre o Ensino Médio, sem necessidade de recorrer a outros Departamentos da SEC.

c) fornecer, à Divisão de Orientação, informações precisas sôbre determinadas características do Corpo Docente necessárias à organização de cursos de orientação e atualização do Magistério de nível médio.

d) possibilitar à Assessoria Técnica do Conselho de Planejamento Educacional a aquisição de dados recentes, sôbre o número de professôres em cada disciplina, titulação dos mesmos, horas de trabalho, categoria, etc.

I — GINÁSIOS E COLÉGIOS PÚBLICOS DA CAPITAL

1. Número de professôres — 111

2. Sexo

a)	Masculino:	11
b)	Feminino:	100

3. Categoria

a)	Efetivo	63
b)	Interino:	2
c)	Contratado:	46
d)	Não especificou:	—

4. Titulação

a)	Faculdade de Filosofia:	76
b)	Outra Faculdade:	23
c)	Cursando Faculdade:	6
d)	Sem Curso Superior:	6

5. Cursos em que leciona

a)	Ginasial:	104
b)	Colegial:	30
c)	Não especificou:	2

6. Regime de trabalho

a)	Plano A:	76
b)	Plano B:	27
c)	Horas semanais:	6
d)	Sem resposta:	42

7. Acúmulo na mesma escola

a)	Função docente:	9
b)	Função administrativa:	4

8. Acúmulo em outra escola

a)	Médio:	31
b)	Primário:	21

9. Disciplinas e Práticas Educativas

a)	Português:	18
b)	Matemática:	16
c)	História:	5
d)	Geografia:	8
e)	Ciências:	8
f)	Desenho:	8
g)	Filosofia:	1
h)	Francês:	5
i)	Inglês:	6
j)	Latim:	1
l)	Música:	6
m)	Educação Física:	7
n)	Organização Soc. e Pol. Brasileira:	3
o)	Técnica Comercial:	1
p)	Artes Industriais:	2
q)	Artes Femininas:	2
r)	Orientação Educativa	4
s)	Educação para o lar:	3
t)	Mais de uma matéria:	5

10. Observações

a) Êste levantamento é relativo aos dados trabalhados até 30-11-66.

b) O número de professôres, distribuídos por Disciplinas e Práticas Educativas, não coincide com o número total de professôres, porque um dêstes desempenha sòmente o cargo de Diretor, e outro está à "Disposição da S.E.C.".

c) Quanto ao nível de ensino, também não há coincidência com o total de professôres, porque há os que lecionam, tanto no ginasial como no colegial.

d) No Regime de trabalho foi considerado também o de acúmulo, não havendo, por isso, uma coincidência com o número total de professôres.

II — ESCOLAS NORMAIS PÚBLICAS DA CAPITAL

1. Número de professôres — 29

2. Sexo

a)	Masculino	1
b)	Feminino	28

3. Categoria

a)	Efetivo	16
b)	Interino	6
c)	Contratado	7
d)	Não especificou	—

4. Titulação

a)	Faculdade de Filosofia:	23
b)	Outra Faculdade:	4
c)	Cursando Faculdade:	—
d)	Sem formação Superior:	2

5. Cursos em que leciona

a)	Ginasial	—
b)	Colegial	29
c)	Não especificou	—

6. Regime de trabalho

a)	Plano A:	25
b)	Plano B:	4
c)	Horas semanais:	—
d)	Sem resposta:	—

7. Acúmulo na mesma escola

a)	Função docente	10
b)	Função administrativa	—

8. Acúmulo em outras escolas

a)	Médio	1
b)	Primário	8

9. Disciplinas e Práticas Educativas

a)	Português	2
b)	Matemática	2
c)	Filosofia	2
d)	Ciências Físicas e Biológicas	2
e)	Didática Especial	5
f)	Didática Geral	2
g)	Psicologia	4
h)	Desenho	1
i)	Estudos Sociais	1
j)	Sociologia	1
l)	Espanhol	1
m)	Mais de uma matéria	4
n)	Orientação Educativa	1

10. Observações

a) Não foi considerado no Levantamento do Magistério de Grau Médio, das Escolas Normais, o regime de trabalho referente ao acúmulo dos professôres na mesma ou em outra escola.

b) O presente levantamento corresponde aos dados de uma escola normal da Capital.

c) O número de professôres, distribuídos por Disciplinas e Práticas Educativas, não coincide com o número total de professôres porque um dêsses desempenha sòmente o cargo de Diretor.

III — GINÁSIOS E COLÉGIOS PÚBLICOS DO INTERIOR

1. Número de professôres — 1.483

2. Sexo

a)	Masculino	534
b	Feminino	949

3. Categoria

a)	Efetivo	399
b)	Interino	96
c)	Contratado	977
d)	Não especificou	11

4. Titulação

a)	Faculdade de Filosofia	628
b)	Outra Faculdade	331
c)	Cursando Faculdade	199
d)	Sem Curso Superior	325

5. Cursos em que leciona

a)	Ginasial	1.264
b)	Colegial	339
c)	Não especificou	20

6. Regime de trabalho

a)	Plano A:	1.307
b)	Plano B:	141
c)	Horas semanais	66
d)	Sem resposta	253

7. Acúmulo na mesma escola

a)	Função docente	109
b)	Função administrativa	37

8. Acúmulo em outra escola

a)	Médio:	258
b)	Primário:	363

9. Disciplinas e Práticas Educativas

Português:	235
Matemática:	235
Geografia:	98
História:	123
Ciências:	175
Inglês:	99
Francês:	55
Alemão:	3
Latim:	5
Espanhol:	2
Filosofia:	11

Desenho:	87
Org. Soc. e Política Brasileira	16
Educação Física:	89
Educação Artística:	20
Educação para o Lar:	11
Educação Moral e Cívica:	3
Música:	18
Orientação Educativa:	3
Artes Industriais:	32
Artes Femininas:	—
Técnicas Comerciais:	19
Técnicas Agrícolas:	1
Mais de uma matéria:	124
Trabalhos Manuais:	1

Observações:

a) O presente levantamento é relativo aos dados de 35 escolas do Interior, trabalhados até 30-11-66;

b) O número de professôres não coincide com o número dos distribuídos por Disciplinas e Práticas Educativas, porque 1 desempenha suas funções na Biblioteca da escola, 6 na Secretaria da escola, 3 estão à disposição da S. E. C., 1 exerce suas funções como assistente da Direção, 6 outros exercem apenas o cargo de Diretores e 1 atende o Gabinete Odontológico da escola.

IV — ESCOLAS NORMAIS PÚBLICAS DO INTERIOR

1. Número de professôres — 528

2. Sexo

a)	Masculino	149
b)	Feminino	379

3. Categoria

a)	Efetivo:	189
b)	Interino:	50
c)	Contratado:	276
d)	Não especificou:	13

4. Titulação

a)	Faculdade de Filosofia:	262
b)	Outra Faculdade:	107
c)	Cursando Faculdade:	52
d)	Sem Curso Superior:	107

5. Cursos em que leciona

a)	Normal ginasial:	272
b)	Normal colegial:	184
c)	Não especificou:	45

6. Regime de trabalho

a)	Plano A:	470
b)	Plano B:	58
c)	Horas semanais:	—
d)	Sem resposta:	—

7. Acúmulo na mesma escola

a)	Função docente:	108
b)	Função administrativa:	11

8. Acúmulo em outra escola

a)	Médio:	110
b)	Primário:	108

9. Disciplinas e Práticas Educativas

Português:	50
Matemática:	37
Estatística Educacional:	3
Geografia:	7
História:	7
Inglês:	10
Francês:	2
Espanhol:	2
Didática:	9
Didática Geral:	7
Didática Especial:	47
Sociologia:	3
Psicologia:	25
Filosofia:	17
Ciências:	31
Estudos Sociais:	19
Iniciação à Pedagogia:	2
Música:	13
História da Educação:	3
Orientação Educativa:	4
Técnicas Agrícolas:	8
Administração Escolar:	7
Educação para o lar:	7
Agricultura e Zootecnia:	6
Artes:	6
Atividades Econômicas:	1
Educação Física:	24
Desenho:	11
Mais de uma matéria:	155

10. Observações

a) Até 30 de novembro de 1966, foi feito o levantamento de 23 escolas do Interior.

b) O número total de professôres não coincide com o número de professôres responsáveis por Disciplinas e Práticas Educativas, porque três dêles exercem apenas o cargo de Diretor.

LEVANTAMENTO DO MAGISTÉRIO DO ENSINO MÉDIO

I N S T R U M E N T O S :

Ficha para a coleta de dados.

LEVANTAMENTO DO MAGISTÉRIO DO ENSINO MÉDIO — 1966

NOME DO ESTABELECIMENTO:

LOCALIDADE:

MUNICÍPIO:

1 — Nome do professor: .....

2 — Categoria: . .....
(efetivo, interino ou contratado)

3 — Curso (ou série) de nível mais elevado concluído: .....
.....

4 — Estabelecimento onde se diplomou ou concluiu o curso ou série: . . ..

5 — Data de conclusão do curso (ou série) de nível mais elevado
.....

6 — Outros cursos realizados: .....

7 — Data do ingresso no magistério: .....

8 — Estabelecimento em que foi lotado ou admitido: .....
.....

9 — Tempo de serviço no magistério: .....

10 — Curso em que leciona: .....

11 — Disciplina(s) para a qual foi admitido: .....
.....

12 — Disciplina que realmente leciona: .....

13 — Outras atividades que exerce na escola: .....

.....

14 — Registro de professor: ..... N.º .....
(sim ou não)

Diretoria: . . ..

Provisório: ..... Definitivo: .....

15 — Acúmulo ou desdobramento no mesmo estabelecimento: .....
(sim ou não)

Curso: . . ..

Horas semanais: .....

Disciplina: . . ..

Outras atividades na escola: .....

Horas semanais: . .....

16 — Acúmulo ou desdobramento em outro estabelecimento:.....
(sim ou não)

Nome do estabelecimento: .....

Localidade: ..... Curso: .....

Horas semanais: ..... Outra atividade: .....
(n.º)

.....

N.º de horas semanais: . .....

17 — Observações: . . ..

.....

....., ...de.....de 1966.

.....

Assinatura do Professor

.....

Visto do Diretor do Estabelecimento

LEVANTAMENTO — MAGISTÉRIO DO ENSINO MÉDIO — 1966

NOME DO ESTABELECIMENTO: .....

LOCALIDADE: ..... Município: .....

Cursos: . . ..

Matrícula Geral: .....

Matrícula Real: . .....

Número de Professôres

do Curso (total)	que preencheram o formulário	que não preencheram o formulário

Relação dos professôres que não preencheram o formulário e o motivo por que não o fizeram:

.....

.....

.....
Diretor

....., ...de.....de 1966

SUMÁRIO

Págs.

Introdução 7

O magistério e a pesquisa educacional 11

Estudo sôbre o Programa de Gramática de 5.ª série primária 15

Subsídios para a criação de um Centro de Treinamento para Professôres de Ensino Médio 19

Possibilidades de realização, por parte do professor, de outras tarefas paralelas à função docente 81

Levantamento do Ensino Religioso nas escolas públicas de nível médio da Capital 109

Estudo sôbre o programa de Gramática Funcional de 5.º ano 119

Estudo sôbre os alunos de classes de 1.º ano não alfabetizados em 1965 — Capital 155

Avaliação dos resultados da aplicação da Reforma do Ensino Primário do Estado do Rio Grande do Sul 165

Avaliação dos resultados da aplicação da Reforma do Ensino Normal no Estado do Rio Grande do Sul 239

Funcionalidade da sexta série 261

Levantamento dos alunos de Cursos Ginasial e Colegial, por faixa etária 331

Alunos não alfabetizados em 1965 353

Levantamento do Magistério de Nível Médio do Estado do Rio Grande do Sul 357